



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Alexandre da Silva Marques

Lugares de Memória – A Ponte da Misarela

Alexandre da Silva Marques **Lugares de Memória – A Ponte da Misarela**

UMinho | 2014

outubro de 2014



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Alexandre da Silva Marques

Lugares de Memória – A Ponte da Misarela

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Património e Turismo Cultural

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Álvaro Campelo
Co-orientador:
Professor Doutor José Manuel Cordeiro

outubro de 2014

Anexo 3

DECLARAÇÃO

Nome: Alexandre da Silva Marques

Endereço electrónico: alexmarques1981@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade:11892176

Título dissertação:

Lugares de Memória – A Ponte da Misarela

Orientadores:

Professor Doutor Álvaro Campelo; Co-orientador Professor Doutor José Manuel Cordeiro

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado:

Património e Turismo Cultural

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 30/10/2014

Assinatura: _____

Agradecimentos

Antes de mais, quero agradecer ao meu filho, por todas as vezes em que me disse que já chegava de tecnologia. Também quero agradecer à minha esposa, pelas sugestões e pelo apoio.

Gostaria ainda de agradecer ao Professor Doutor Álvaro Campelo, pela compreensão, pela orientação científica e pela crítica construtiva.

Agradeço também ao Professor Doutor José Manuel Cordeiro pela orientação e pelo apoio.

Por fim, quero ainda agradecer à Professora Doutora Ana Bettencourt pela disponibilidade e pela compreensão.

A todos, o meu muito obrigado.

Resumo

Este trabalho tem como ponto de partida as lendas da Ponte da Misarela: os baptizados à meia-noite, no meio da ponte, e a Lenda da Ponte do Diabo.

Destas duas lendas, é dada maior relevância aos baptizados no ventre da mãe, que encontramos apenas em Trás-os-Montes, no Minho e na Galiza. Assim, partindo desta tradição na Misarela, estabelecem-se as relações com as outras pontes onde uma tradição similar ocorre ou ocorreu. Ao mesmo tempo que se procura entender o que está na origem desta tradição, fazendo uma pequena incursão na mitologia da água, do noroeste peninsular, bem como nas suas tradições e superstições ligadas ao baptismo e ao primeiro banho do recém-nascido.

Relativamente às lendas das pontes do diabo, procuraram-se as referências a essas pontes, sobretudo em Portugal. Essas lendas também surgem com muita frequência por toda a Europa. Trata-se de um valioso património imaterial comum a vários povos.

Procuramos, ainda, fundamentar a abordagem às lendas na paisagem dos espaços ecológicos onde elas são referenciadas. Tanto para o surgimento do discurso do fantástico, concretizado nas lendas, como para uma estratégia de uso e criatividade de tratamento destes espaços em conteúdos e práticas turísticas, a especificidade da paisagem revelou-se fator primordial.

Por fim, estabeleceu-se um minucioso roteiro turístico, de dois dias, fazendo uma incursão pelas pontes ligadas aos baptismos no ventre, no norte de Portugal. Nesse roteiro, relevam-se também outros aspectos de cada uma dessas pontes, que sejam uma mais-valia para quem a visita. Com este roteiro, o património imaterial destas pontes insere-se novamente na tradição oral, sendo as lendas contadas no local onde tiveram origem.

Palavras-Chave: Lendas, Ponte, Baptismo, Água, Diabo

Abstract

The starting point of this work is the Misarela bridge legends: the midnight baptism in the middle of the bridge, and the legend of the Devil's Bridge.

Of these two legends we will give more importance to legend of the baptized in the mother's womb, that we only find in Trás-os-Montes, Minho and Galicia. So, starting on this tradition in Misarela, we're going to establish connections with other bridges where a similar tradition exist or existed. At the same time we will try to understand what's behind this tradition, we'll study the water mythology in the peninsular northwest, as well as the traditions and superstitions connected with the baptism and the first bath of the newborn.

Regarding the legends of the Devil's bridges, we'll seek references of those bridges, especially in Portugal. These Legends also appear frequently throughout Europe. It's a valuable intangible heritage common to many people.

We also seek to justify our approach to the legends with the ecological landscape where they are referenced. The landscape specificity was a key factor, either to the emerge of the fantastic speech, brought in the legends, or for use of strategy and creativity treatment of these spaces to create tourist content and practices.

Finally, we established a two days detailed tour itinerary, making a journey through the bridges connected to the baptism in the womb in northern Portugal. In this itinerary we also show other aspects of each of these bridges, which are relevant for those who visit them. With this itinerary, the intangible heritage of these bridges falls again in the oral tradition, by being told in their place of origin.

Keywords: Legends, Bridge, Baptism, Water, Devil

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice de Ilustrações.....	v
Índice de Mapas	vi
I. Introdução.....	1
II. Lendas e mitos.....	5
III. A memória popular na construção de lendas e mitos.....	8
IV. A paisagem e o discurso do fantástico.....	12
V. O culto da água.....	14
VI. Ritos dos recém-nascidos associados à água, à lua e ao baptismo.....	23
Ligação mágica da criança recém-nascida com a água.....	23
Ligação mágica da criança recém-nascida com a lua.....	25
A fragilidade da criança antes do baptismo e a sua ambivalência	26
VII. O simbolismo do baptismo, o duplo nascimento e a adopção mágica.....	29
VIII. Os baptizados da meia-noite.....	34
IX. A lenda de Santa Senhorinha	49
X. O carácter sagrado da ponte	53
XI. As Pontes do Diabo.....	56
XII. Ponte do Diabo: lendas portuguesas	59
XIII. Ponte do Diabo: lendas de toda a Europa.....	66
XIV. Os caminhos das lendas	71
Roteiro Turístico “Rota das Pontes dos Baptismos Nocturnos”	72
Organização do Roteiro e Mapas	74
XV. Conclusão	88
XVI. Bibliografia	90

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 – Ponte das Paridas.	42
Ilustração 2 – Ponte de San Antón.....	44
Ilustração 3 – Imagem de Santa Senhorinha.	49
Ilustração 4 – Ponte de Barcelos.	75
Ilustração 5 – Ponte de Donim, sobre o Ave.	76
Ilustração 6 – Ponte Mem Guterres.	77
Ilustração 7 – Ponte da Misarela.....	78
Ilustração 8 – Ponte da Barca.	83
Ilustração 9 – Ponte sobre o rio Mouro.	85

Índice de Mapas

Mapa 1 - Percurso do 1º dia – Roteiro de 2 dias	82
Mapa 2 - Percurso do 2º dia – Roteiro de 2 dias	86
Mapa 3 - Roteiro de 1 dia	87

I. Introdução

No mundo em que vivemos, as referências de globalidade cultural surpreendem cada vez mais. Os adolescentes vestem o mesmo tipo de roupa e as mesmas marcas; quer vivam em Portugal ou na China, ouvem o mesmo tipo de música; as crianças gostam de comer hambúrgueres e *pizza*, como qualquer criança norte-americana, e pedem para ir ao *Toys 'r' us*, onde têm os mesmos brinquedos! Mas chega um momento em que toda essa relativa homogeneização cultural se torna monótona e aquilo que nos motiva é precisamente aquilo que é único, diferente. Por isso, não é de estranhar que num mundo cada vez mais tecnológico, se faça sentir ainda o apelo do passado, das velhas artes e ofícios.

A par do património cultural material, as sociedades actuais valorizam cada vez mais a inventariação e o estudo do património cultural imaterial, reconhecendo a necessidade de proteger a memória e as manifestações culturais dos nossos antepassados. Não querendo desde já entrar na difícil questão da distinção entre património material e imaterial, pois todo o património material só pode ser entendido nos seus sentidos imateriais, e todo o imaterial se concertiza em algo de material, a relevância dada actualmente a este último, não deixa de nos transportar para a questão das memórias e das suas vivências, numa sociedade focada no futuro e na inovação. Sem os saberes e as tradições dos ditos “antigos”, sem as festas e todo o folclore que lhe está associado, o nosso mundo fica despido, descaracterizado. Até uma grande parte da própria paisagem perde sentido.

Contudo, a preservação do património, em especial o património cultural imaterial, não pode estar apenas focada na recolha e inventariação. É necessário dar a conhecer esse património às novas gerações, cativá-las, levá-las a entender que tudo aquilo faz parte do seu mundo, na medida em que faz parte da paisagem e da cultura dos seus antepassados, de que são herdeiros.

Só gostamos daquilo que conhecemos e só amamos o que entendemos verdadeiramente. Assim, cabe-nos a todos nós divulgar e valorizar o nosso património, material e imaterial. Mostrá-lo, trabalhá-lo e apresentá-lo numa perspectiva tanto pessoal como profissional, diferente das demais, sempre que seja possível. A aposta no património

apresenta-se, hoje, como uma boa estratégia de desenvolvimento local, de reforço da identidade das comunidades, na medida em que elas nele se reconhecem, o assumem como seu, reforçando a sua auto-estima. E é esse o contexto que este trabalho pretende seguir, pois mais do que fazer uma inventariação de certo tipo de lendas, procura inseri-las numa paisagem, numa geografia cultural, numa história de apropriação e transformação do “locus” residencial. O património mitológico tem uma origem e uma finalidade: nasce nas comunidades, cruza-se com os discursos de outros saberes e outros povos, comunica as leituras, expectativas, desafios e questões dessa comunidade.

A memória do lugar surge, então, através da invocação da lenda, algumas delas quase a desaparecer. Ligar a lenda ao lugar, ao espaço e à comunidade que a recebeu e alimenta, é o que aqui procuramos fazer.

A Lenda da Ponte do Diabo é bem conhecida, mas vão-se perdendo as referências concretas que ligam estas lendas a certas pontes. O mesmo acontece com a Lenda do Baptismo Nocturno, onde deparamos com pontes que já não são identificáveis, havendo apenas referências vagas entre dois ou mais lugares.

Assim, ainda que o ponto de partida tenha sido o património imaterial ligado à Ponte da Misarela, quer na sua tradição dos baptismos à meia-noite, quer na sua Lenda da Ponte do Diabo, neste trabalho a pesquisa expandiu-se a outras pontes com lendas idênticas.

Desse modo, a tradição dos baptismos nocturnos foi estudada fazendo a comparação com outros lugares, onde se praticaram ou praticam ritos idênticos; ao mesmo tempo que se tentava entender o que poderia estar na origem desses ritos, que encontramos numa área geográfica restrita, entre o Minho, fronteira do Minho com Trás-os-Montes, na zona do Barroso, e sobretudo no sul da Galiza.

Quanto à Lenda da Ponte do Diabo, igualmente relacionada com a Ponte da Misarela, verificamos que se trata de uma lenda abrangente, que se encontra por toda a Europa, com especial incidência em França, onde é muito comum.

O estudo destas lendas e seus contextos ocupará uma parte significativa deste trabalho. Contudo, um dos objectivos é apresentar a nossa perspectiva acerca da valorização deste património, em termos turísticos, quer apresentando exemplos daquilo que é feito actualmente, quer mostrando novas possibilidades. Na parte final deste

trabalho, capítulo XIV, que intitulamos *Os caminhos das lendas*, foi elaborado um roteiro turístico num contexto meramente exemplificativo, apresentando sugestões de viabilidade turística sem, contudo, pretender elaborar exhaustivamente os Programas Turísticos dentro desse tema.

Acima de tudo, procuramos mostrar que é possível lutar contra a inércia que nos afasta do nosso passado, dos nossos valores culturais, e apreciar verdadeiramente o nosso património. É importante chamar a atenção para a possibilidade deste património cultural imaterial se transformar, enquanto fonte de conteúdos para a indústria do turismo cultural e paisagístico, em motor de desenvolvimento local. Mas, sobretudo, que ele sirva, caso tenhamos sobre ele uma mera visão “utilitária”, o que não é de todo o propósito único deste estudo, para dar às comunidades a possibilidade de se reconhecerem nestas lendas e as partilharem com o mundo.

Assim, um dos objectivos deste estudo centrou-se na construção, a partir do património das Lendas e do valor patrimonial dos espaços a que elas se referem, de um Roteiro Turístico para fruição diferenciada do património, com vista a uma melhor estratégia de relação entre património e turismo cultural.

Contudo, não esquecemos o ponto de partida deste estudo, sendo também nosso objectivo a análise das duas espécies de lendas que encontramos ligadas à Misarela: as do baptismo e as do Diabo.

Transcrevemos todas as lendas portuguesas da Ponte do Diabo, que encontramos. Procuramos que a pesquisa destas lendas fosse tão exhaustiva quanto possível, para Portugal. De igual modo, também foi nosso objectivo a inventariação e a transcrição das lendas do baptismo no meio de uma ponte. A estas lendas encontramos referências apenas no Minho, em Trás-os-Montes, especificamente na região do Barroso, e na Galiza. Incluímos, assim, neste estudo, também todas as lendas galegas relacionadas, que encontramos.

Assim, a parte fundamental da nossa pesquisa encontra-se no capítulo VIII, acerca dos Baptizados Nocturnos, e no capítulo XII, das lendas portuguesas da Ponte do Diabo.

Foi no contexto da análise destas lendas que se desenvolveram os capítulos referentes ao culto da água, capítulo V, aos ritos dos recém-nascidos, capítulo VI, à simbologia do baptismo, do duplo-nascimento e da adopção mágica, capítulo VII.

Transcrevemos a Lenda da Santa Senhorinha, capítulo IX, para dar significado aos nomes atribuídos na Misarela. Por fim, focamo-nos também no carácter sagrado da ponte, capítulo X, e no imaginário do diabo e na sua associação com as pontes, capítulo XI, tentando entender o que poderia estar na origem das outras lendas, da Ponte do Diabo. Completamos ainda estas lendas portuguesas, com alguns exemplos por toda a Europa, no capítulo XIII.

Já aqui referimos o capítulo XIV, relativo ao nosso roteiro, também um elemento fundamental deste trabalho. Resta apresentar os capítulos iniciais, onde estabelecemos algumas considerações teóricas acerca das lendas, capítulo II, bem como uma visão sobre o universo do mundo lendário, referindo o papel da memória popular na construção de lendas e mitos, capítulo III, e também analisamos a relação entre a paisagem e o discurso do fantástico, no capítulo IV.

Quanto à metodologia utilizada neste estudo, consistiu sobretudo de pesquisa teórica sobre a temática das lendas e sobre os seus usos patrimoniais, com pesquisa bibliográfica e investigação na Internet; pesquisa contextualizada e procura de informação local sobre os usos e práticas de valorização das lendas dos Baptismos Nocturnos e da Ponte do Diabo.

A escolha destas lendas teve origem na Ponte da Misarela., são as lendas associadas a esta ponte, embora, neste estudo, tenham sido pesquisadas, transcritas e analisadas em todos os outros lugares onde foram igualmente encontradas.

II. Lendas e mitos

Bayard¹ refere que a palavra lenda provém do baixo latim “*legenda*”, que significa *o que deve ser lido*. As lendas começaram por ser uma compilação da vida dos santos e dos mártires, que eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo passaram também à vida profana e a cultura popular rapidamente transformou essas narrações. Mesmo partindo de factos históricos precisos, “não tardaram a evoluir e embelezar-se”², ou seja, a serem acrescentados elementos espúrios que acentuavam o carácter fantástico das narrativas.. Assim, no contexto actual, podemos dizer que a lenda foi transformada pela tradição, sendo agora “o produto inconsciente da imaginação popular”³.

Na cultura popular os factos históricos perdem relevo face aos “anseios de um grupo ou de um povo”⁴. A lenda procura, então, contar uma história onde a conduta do herói “depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho”⁵. Desta forma, a lenda facilmente incorpora factos irreais e narrativas fantasiosas. Contudo, não nos podemos esquecer que a lenda tem também a sua verdade intrínseca, não só em termos de normas de conduta, como também no deslumbramento popular face ao fantástico ou sobrenatural, onde tudo aquilo que é de cariz misterioso e de difícil explicação, adquire através desta narrativa um modo de aceitação pelo corpo social.

A lenda, tal como o conto popular, sofre alterações sempre que vai sendo contada por gerações sucessivas, reafirmando a máxima de que *quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto*, uma vez que o modo de transmissão das lendas assenta na oralidade. Não raras vezes existem versões significativamente díspares, num mesmo contexto espacial e cultural.

As lendas distinguem-se dos contos populares, que por norma assumem-se como ficcionais, sendo a lenda uma narrativa que pretende narrar um acontecimento supostamente baseado em personagens “reais”. A lenda, mesmo com o seu cariz mágico, é uma narrativa indissociável daquele povo, daquele momento e daquele lugar, por mais

¹BAYARD, Jean-Pierre – *História das Lendas*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Ridendo Castigat Mores. [Consult. 23 de Janeiro de 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>>.

²IBIDEM.

³IBIDEM.

⁴IBIDEM.

⁵IBIDEM.

fantástica e inverosímil que seja. Na lenda há sempre uma localização espacial e temporal concreta, mesmo que a narrativa surja transfigurada pelo maravilhoso. Já o conto popular não parte de factos históricos e a sua acção, mesmo traduzindo uma realidade profana, situa-se, por norma, num espaço e tempo indefinidos.

Por sua vez, o que distingue a lenda do mito? Para Bayard⁶, a lenda é uma narrativa na qual a acção maravilhosa se localiza com exactidão, onde os personagens são precisos e definidos. O mito também é uma forma de lenda, mas os personagens humanos tornam-se divinos e a acção é, então, sobrenatural. No mito o tempo nada mais é do que uma ficção, enquanto na lenda o tempo é o nosso tempo cronológico. A lenda apresenta-se sempre como algo que aconteceu a alguém em concreto, num tempo relativamente recente. E, mesmo que depois a narrativa se transfigure, é ainda algo que acontece no mundo tal como o conhecemos. No mito a própria geografia é distinta, plena de simbolismo. Uma outra característica do mito é ele ter uma pretensão universal, ou seja, dar uma explicação para a origem de alguma coisa ou para a ordem do mundo, justificando a coesão social, a hierarquização da sociedade e os papéis dos deuses no quotidiano dos homens. A forma como as comunidades interpretam e agem no mundo, o seu “ethos”⁷, depende muito do mundo mitológico dessas comunidades, pois elas estruturam a sua “visão do mundo”. Havendo atualmente muitas justificações para a origem ou para a “familiaridade” entre os diferentes mitos existentes na cultura humana, todas elas salientam o papel fulcral que eles exercem no mundo cognitivo dos homens. Fornecem-lhe a estabilidade e segurança perante as mudanças naturais e as dinâmicas sociais, bem como perante a realidade experienciada, como é o caso da vida e da morte. Somos, de facto, uma “espécie fabuladora”⁸, mas somos-lo porque andamos “à procura” do sentido da experiência quotidiana.

Por isso, os mitos, apesar de diversos, por quererem responder às grandes questões humanas, mantêm o que Lévi-Strauss chamou de “*gross constituent units*”⁹, ou seja, os famosos “mitemas” (elementos constantes), que estruturam e estabelecem a familiaridade entre os mitos das várias culturas:

⁶BAYARD, Jean-Pierre – *História das Lendas*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Ridendo Castigat Mores. [Consult. 24 de Janeiro de 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>>.

⁷GEERTZ, Clifford A *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

⁸HUSTON, Nancy – *L'espèce fabulatrice*. Arles: Actes du sud, 2008.

⁹LÉVI-STRAUSS, Claude – The Structural Study of Myth. *The Journal of American Folklore*, Vol. 68, nº 270 (Myth: A Symposium), 1955, p.431.

“With myth, everything becomes possible. But on the other hand, this apparent arbitrariness is belied by the astounding similarity between myths collected in widely different regions. Therefore the problem: if the content of a myth is contingent, how are we going to explain that throughout the world myths do resemble one another so much?”¹⁰

Se o mito é a alma do povo, as lendas são o seu corpo colectivo – vivo, intenso, com ardor de sentimentos.

¹⁰IBIDEM: 429.

III. A memória popular na construção de lendas e mitos

Por vezes, somos levados a pensar que as lendas, ao serem contadas de geração em geração, vão perdendo o seu fundamento histórico, fundamento que em algumas é meramente suposto ou inventado, e adquirindo uma componente imaginativa. Contudo, este tipo de argumento levanta algumas questões, uma vez que a componente imaginativa, que pressupõe a percepção e memória visual é, em si mesma, uma forma de codificação, de transmissão de informação – é também um modo de contar uma história.

Começemos, então, por nos interrogar se é legítimo considerar o código semântico superior ao código visual. A este respeito, Paul Connerton diz-nos que se conhecem três dimensões principais da codificação mnemónica, segundo os psicólogos experimentais. Estas codificações assentam no código semântico, no código verbal e no código visual. O código semântico “é a dimensão dominante e, tal como um código de biblioteca, está organizado hierarquicamente, por tópicos, e integrado num único sistema, de acordo com uma visão global do mundo e das relações lógicas que nele se observam”¹¹. Por sua vez, o código verbal “é a segunda dimensão e contém toda a informação e os programas que permitem a preparação de expressão verbal”¹². Talvez estes dois códigos sejam aqueles a que estamos mais habituados, contudo, existe ainda o código visual, que compõe a terceira dimensão da nossa codificação e contempla objectos específicos. “Itens concretos, facilmente traduzidos em imagens, retêm-se muito melhor na memória do que itens abstractos, porque estes itens concretos sofrem uma dupla codificação, tanto em termos visuais como de expressão verbal”¹³.

A memória popular tem como suporte um sistema de imagens. Este sistema de imagens formou-se e evoluiu durante milénios, ao longo deste tempo alteraram-se as crenças, os valores e próprios preconceitos. De modo que podemos dizer que “no essencial, esse sistema cresceu, enriqueceu-se com um *sentido novo*, filtrando as *esperanças e ideias populares novas*, e modificou-se do crisol da experiência popular. A língua das imagens, ganhando novas matizes, refinou-se”¹⁴. Assim, não estamos perante um sistema estático,

¹¹CONNERTON, Paul – *Como as Sociedades Recordam*, 2ª ed. Oeiras: Editora Celta, 1999, pp. 30, 31

¹²IBIDEM.

¹³IBIDEM.

¹⁴BAKHTIN, Mikhail – *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1987, pp. 183, 184.

pelo contrário, trata-se de um sistema dinâmico, que se transforma e evolui com o passar do tempo.

A memória popular, para além de ter como suporte um sistema de imagens, também é, na sua essência, *a-histórica*. Mircea Eliade considera que a recordação de um acontecimento histórico ou de um personagem autêntico não perdura por mais de dois ou três séculos na memória popular. “Isso deve-se ao facto de a memória popular ter dificuldades em reter acontecimentos *individuais* e figuras *autênticas*. Ela recorre a outras estruturas: *categorias* em vez de *acontecimentos*, *arquétipos* em vez de *personagens históricas*”¹⁵.

Esta incapacidade que a memória colectiva manifesta em reter os acontecimentos e as personagens históricas, “a não ser na medida em que as transforma em arquétipos”¹⁶, ou seja, anulando todas as suas “particularidades *históricas* e *pessoais*”¹⁷, conduz-nos “ao carácter *a-histórico* da memória popular”¹⁸. Se a memória popular é *a-histórica*, então a verdade histórica que podemos encontrar nas lendas ou nos mitos “não diz quase nunca respeito a personagens e acontecimentos determinados, mas a instituições, costumes, paisagens”¹⁹.

Não importa que na lenda nos sejam descritas determinadas personagens e que nos seja referenciado um tempo certo, essas personagens e esse tempo são, por via da narrativa, arquétipicos, traduzindo uma ideia ou um modelo, um costume ou uma norma.

Connerton diz-nos que “é necessário distinguirmos a *memória social* de uma prática mais ou menos específica, a que é preferível chamarmos de *reconstituição histórica*”²⁰. Na *reconstituição histórica*, os historiadores analisam os documentos históricos de forma dedutiva, produzindo histórias escritas, formais. Enquanto “as histórias narrativas, ligadas à memória social, têm sempre um carácter informal e assentam, sobretudo, na oralidade”²¹. A própria noção temporal é distinta, uma vez que nas histórias escritas, pelo seu carácter formal, o tempo tem forçosamente de ser linear, o que não acontece na memória popular. A este nível, Connerton alerta-nos que na recolha de uma

¹⁵ELIADE, Mircea – *OMito do Eterno Retorno – Arquétipos e Repetição*, 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990, p. 52.

¹⁶IBIDEM, pp. 54, 55.

¹⁷IBIDEM.

¹⁸IBIDEM, p. 54.

¹⁹IBIDEM, p. 52.

²⁰CONNERTON, Paul – *Como as Sociedades Recordam*, 2ª ed. Oeiras: Editora Celta, 1999, p. 15.

²¹IBIDEM, p. 22.

memória oral, o historiador irá criar dificuldades acrescidas se tentar “encorajar o entrevistado a envolver-se numa forma narrativa cronológica, pois isto introduz no material um tipo de modelo narrativo e, com ele, um padrão de recordação que é estranho a esse material”²².

“Quando os historiadores orais ouvem com atenção aquilo que os seus informantes têm para dizer descobrem uma percepção de tempo que não é linear, mas cíclica. A vida do entrevistado não é um *curriculum vitae*, mas uma série de ciclos. O ciclo básico é o dia, depois a semana, o mês, a estação, o ano, a geração.”²³

Contudo, no nosso mundo é cada vez mais difícil interpretar o tempo num modelo cíclico. A linearidade do tempo persegue-nos, cada vez mais a seta do tempo se impõe, obliterando outros conceitos.

Por outro lado, também, em termos de memória popular, não existe a lembrança pura, como um estado factual de representação do passado, nem a memória escrita detém a primazia. Para Connerton “os conhecimentos do passado são transmitidos e conservados por performances (mais ou menos) rituais”²⁴. E também este conceito choca com o nosso modelo historiográfico e as suas representações factuais.

Em termos de memória popular, o ritual detém enorme importância, tornando-se necessário que um rito revogue outro²⁵. Para Mary Douglas o ritual é fundamental, “não sendo exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras são para o pensamento”²⁶.

São os rituais que ligam o indivíduo ao seu grupo social, à sua tribo. Os mitos afirmam que o indivíduo “é um órgão de um organismo maior”²⁷. Por sua vez, a própria sociedade também está integrada num organismo ainda maior, “que é a paisagem, o mundo no qual a tribo se move”²⁸.

Em resumo, a memória popular é *a-histórica*, a sua linguagem é mitológica e a sua representação do tempo é cíclica. Contudo, o mundo moderno é, cada vez mais, pautado por uma paixão historiográfica. Tal facto leva a que exista uma disparidade

²²IBIDEM.

²³IBIDEM, p. 23.

²⁴IBIDEM, p. 45.

²⁵IBIDEM, pp.10, 11.

²⁶DOUGLAS, Mary – *Pureza e Perigo*, 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 80.

²⁷CAMPBELL, Joseph – *O Poder do Mito*, 1ª ed. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 86.

²⁸IBIDEM.

chocante entre a omnipresença da memória social na conduta da vida quotidiana e a atenção relativamente limitada, pelo menos no que diz respeito a um tratamento explícito e sistemático e não a um tratamento implícito e disperso, que tem sido prestada especificamente à memória *social* na moderna teoria social e cultural²⁹.

²⁹CONNERTON, Paul – *Como as Sociedades Recordam*, 2ª ed. Oeiras: Editora Celta, 1999, p. 24.

IV. A paisagem e o discurso do fantástico.

Como explanamos, a lenda tem uma relação especial com o “lugar” e com um contexto ecológico específico. Parte da capacidade mnemónica da narrativa oral está no facto de ela estar associada a um lugar ou a um objecto específico, como sejam um edifício, um penedo, uma nascente, etc., ou uma paisagem. A ativação do discurso depende, muitas vezes, do simples facto de se estar a passar num determinado lugar ou perante determinado objecto material, onde se referenciam acontecimentos ou personagens.

Por outro lado, as narrativas sobre os objectos dispersos na paisagem (penedos, cruzeiros, árvores) ou sobre um contexto paisagístico concreto (o vale de um rio, uma nascente, o lugar onde se construiu uma ponte, um acidente geográfico, uma floresta, etc.) servem como propósito de organização dessa paisagem, dando elementos para uma interacção dos seus frequentadores com o meio ecológico. Pode-se assim dizer, que a lenda, para além do seu valor intrínseco, enquanto narrativa, tem um outro valor cultural quando associada à paisagem. São um dos elementos fundamentais da paisagem cultural³⁰. Esta estabelece a ligação entre as pessoas e a paisagem. Uma ligação que pode levar à identidade da paisagem, ao seu “carácter”, mesmo sabendo quão difícil é o conceito de “identidade da paisagem” e o uso indevido dele³¹. Mas não podemos deixar de realçar o quanto interfere no sentido e vivência de um espaço e de uma paisagem (por exemplo na fruição desta) os acontecimentos aí sucedidos ao longo da história, umas vezes testemunhados pela interferência na organização da paisagem, outras vezes em monumentos ou narrativas que fazem parte do património cultural desse lugar.

A definição de Stobbelaar & Pedrolí de identidade da paisagem é: “a singularidade percebida de um lugar”³². Há aqui, mais do que a especificidade do lugar, o carácter experiencial do mesmo, sublinhando a dimensão psicológica e, a partir desta, a construção por parte do observador dessa mesma identidade. Contudo, não poderá ser

³⁰Cf. CAMPELO, Álvaro – Espaço, construção do mundo e suas representações. In *Dos montes, das pedras e das águas*, ed. Ana Bettencourt; Lara Bacelar Alves, Braga: CITCEM; APEQ, 2010, pp. 191-206; CAMPELO, Álvaro – *A Paisagem: Introdução a uma gramática do “espaço”*. António Vieira e Francisco Costa (eds.). Guimarães: Departamento de Geografia da Universidade do Minho, 2013.

³¹STOBBELAAR, D. J. & PEDROLI, B. – Perspectives on Landscape Identity: A Conceptual Challenge. *Landscape Research*, Vol. 36, No. 3, 2011, pp. 321–339; SAUGERES, L. – The cultural representation of the farming landscape: Masculinity, power and nature. *Journal of Rural Studies*, 18, 2002, pp. 373-384.

³²STOBBELAAR, D. J. & PEDROLI, B. – Perspectives on Landscape Identity: A Conceptual Challenge. *Landscape Research*, Vol. 36, No. 3, 2011, p. 322.

indiferente a essa construção os elementos “naturais” específicos dessa paisagem, que permitem a tal singularidade. Mas trata-se de uma singularidade partilhada e construída. Tal realidade não deixa de chamar a atenção para o facto de ser possível alterar e manipular esta experiência da paisagem, sublinhando ou não elementos presentes que podem interferir, positiva e negativamente, na percepção do lugar. E isso é particularmente interessante para as narrativas fantásticas que são coladas a determinados lugares, como é o caso das lendas.

Associar as diferenças de um lugar, suas especificidades materiais e paisagísticas, a uma narrativa e ao discurso da identidade comunitária, é o meio para fazer desses lugares os constituintes das paisagens culturais³³.

³³O'BRIEN, E. A. – A question of value: What do trees and forest mean to people in Vermont? *Landscape Research*, 31, 2006, pp. 257–270.

V. O culto da água

Podemos dizer que as significações simbólicas da água se podem reduzir a três temas dominantes: “fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência”³⁴. Encontramos estes três temas recorrentemente nas tradições mais antigas, trata-se de cultos muito anteriores ao cristianismo. Na verdade, “a água benta é uma das concessões que a Igreja soube fazer, desde o principio, aos usos pagãos”³⁵. O que não é invulgar, uma vez que muitos dos ritos cristãos têm raízes pagãs.

Vejamos, de seguida, o que nos diz a esse respeito o cónego Augusto Ferreira.

Constantino Magno promoveu a dedicação de muitas igrejas, fazendo assistir a essas solemnidades grande numero de bispos, e por isso poderia concertar com elles o cerimonial, que demais ainda não estava organizado. Constantino, que nunca abdicou o pontificado pagão e queria interferir no governo da Igreja Christã, podia facilmente converter um rito pagão num rito christão *mutatis incongruis*, ou á semelhança d'aquelle fazer um rito novo (...) E o que se affirma de Constantino, pode dizer-se dos outros Imperadores até Graciano, os quaes conservaram todas as honras do pontificado pagão, e alguns d'elles procuraram audaciosamente ingerir-se nos negócios eclesiásticos.³⁶

Assim, mesmo dando-se, por vezes, “a transformação d'uma cerimonia pagã num rito da dedicação da igreja cristã”³⁷, nem todos os ritos praticados pelo povo tinham o aval da Igreja: “é necessário acentuar também que os usos populares introduzidos em alguns actos religiosos não são, e nunca foram disposições litúrgicas autorizadas pela Igreja catholica.”³⁸.

Nos rituais de cariz pagão, a água é considerada geradora de vida. E ainda que estes rituais se associem a festas cristãs, certamente, em muitos deles, não se trata de actos aprovados pela Igreja. A título de exemplo, podemos referir o ritual que se realizava na segunda-feira de Páscoa, na cidade de Braga: “além da ponte de S. João, a popular romaria a Santo Adrião, aonde é costume os namorados das aldeias irem beber por uma telha, de uma água que nasce nas proximidades da capella do Santo. Tem ella a virtude de fazer

³⁴CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ªed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 41.

³⁵FERREIRA, J. Augusto (Cónego) – *Archeologia Litúrgica – Origem das Festas Christãs*, 1ª ed. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense Editora, 1916, p. 97.

³⁶IBIDEM, pp. 15, 16.

³⁷IBIDEM.

³⁸IBIDEM.

felizes os namorados, quando entrem no gozo das leis santas do consorcio (Diário de Noticias, de 27 de março de 1880).”³⁹

Eliade diz-nos que o culto das águas – e, em particular, o das fontes consideradas curativas – “apresenta uma continuidade impressionante”⁴⁰. Também no nosso país nenhuma revolução religiosa o pôde abolir, acabando inevitavelmente por reaparecer nas festas cristãs, nas romarias onde a fonte de água benta está sempre presente, servindo de consolo ao peregrino, saciando a sua sede, refrescando-o e libertando-o das maleitas físicas e espirituais. A água que ao partir se leva em garrafinhas, para que aqueles que não puderam ir à festa também possam usufruir desta bênção e cura. “Os cultos são propositadamente concentrados ao pé de nascentes. Qualquer lugar de peregrinação comporta a sua nascente de água e a sua fonte.”⁴¹

“Alimentado pela devoção popular, o culto das águas acabou por ser tolerado até mesmo pelo cristianismo, depois das perseguições infrutíferas da Idade Média. A continuidade cultural estende-se, por vezes, desde o Neolítico até aos nossos dias”⁴².

Entre nós, o culto da água, sobretudo na vertente de cura pelas fontes santas, está ainda muito vivo na cultura popular. A este respeito, Leite Vasconcelos refere que “No monte da Saia (Minho) há um monumento arruinado que ao snr. Martins Sarmiento pareceu um templo talvez de uma divindade das aguas. Ao pé d’este templo existea *Fonte do Pegarinho* com reputação de santa”⁴³. Também “Em Santa Baia de Rio Côvo (Minho) há a capela da *Senhora das Aguas* que alli apareceu e fez rebentar uma fonte. Tem uma romaria.”⁴⁴.

Por sua vez, na acta de um concílio bracarense, da Idade Média, “fala-se dos infieis que prestavam veneração religiosa às fontes. No livro de S. Martinho de Braga, intitulado *De correctione rusticorum*, que pertence ao séc. VI, dá-se como obra diabólica o culto pagão das fontes.”⁴⁵

³⁹Sociedade Portuguesa de Folclore, *Inquerito promovido pela Sociedade Portuguesa de Folk-lore para o estudo das tradições populares do nosso país, extintas e existentes*, 1905, p. 15.

⁴⁰ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 257.

⁴¹CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 43.

⁴²ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 257.

⁴³VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clave & C.ª – Editores, 1882, p. 72.

⁴⁴IBIDEM.

⁴⁵VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 190.

O culto das águas apresenta na Península Ibérica um carácter de autoctonismo⁴⁶. E tais crenças, sendo anteriores à introdução dos cultos romanos, mantiveram-se ao longo dos séculos apesar da proibição da Igreja, que se viu obrigada a cristianizar muitos destes cultos. “Ainda hoje é muito frequente o nome de Fonte Santa designando nascentes a que o povo atribui propriedades curativas ou milagrosas”⁴⁷. O número significativo de “Fontes Santas” em Portugal mereceu até um levantamento das mesmas em 2002, coordenado por Susana Bastos⁴⁸.

Segundo Eliade, os “antigos Carélios, os Mordves, os Estónios, os Tcheremisses e outros povos fino-úgricos, conheceram uma «Mãe-Água», à qual se dirigem as mulheres que pretendem ter filhos”⁴⁹. Também as “Tátaras estereis ajoelham e imploram perto de um lago”⁵⁰. Fecunda e fértil, “a água torna-se na substância mágica e medicinal por excelência”⁵¹.

A água não só está presente em quase todos os rituais mágicos e sagrados, como é um elemento interveniente fundamental para a realização desse ritual, quer se trate de um ritual de cura ou de purificação – “A água, que lava e que refresca, tem na linguagem dos signaes e na linguagem religiosa o sentido d’uma purificação.”⁵² –, quer estejamos perante um ritual de fecundidade – sendo “o símbolo da água, força vital fecundante”⁵³. A água apresenta-se, assim, para diversos povos, como símbolo cosmogónico, capaz de purificar, curar, rejuvenescer e gerar vida.

A “água é o instrumento da purificação ritual: do Islão ao Japão, passando pelos ritos dos antigos *fu-chuei* taoistas (mestres da água consagrada), sem esquecer a aspersão de água benta dos Cristãos, a ablução desempenha um papel essencial. Na Índia e no sueste asiático, a ablução das estátuas santas e dos fiéis (particularmente no dia do Ano Novo) é

⁴⁶CUEVILLAS, Florentino e SERPA PINTO, Rui – *Estudos sobre a Edade do Ferro no NW da Península – A Religião*, in Arquivos do Seminário de Estudos Galegos, Santiago de Compostela, vol. VI, 1933-35, p. 22.

⁴⁷SANTOS JUNIOR, J. R., CARDOZO, Mário – *Ex-Votos às Ninfas em Portugal*, p.56 [Consult. 12 Março de 2012] Disponível na internet <URL:http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/70859/1/Ex-Votos_%C3%A0s_Ninfas_em_Portugal.pdf>.

⁴⁸O Novo Aquilégio [Consult. 10 Março de 2012] Disponível na internet <URL:<http://www.aguas.ics.ul.pt/>>.

⁴⁹ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 248.

⁵⁰IBIDEM.

⁵¹IBIDEM, p. 249.

⁵²FERREIRA, J. Augusto (Cónego) – *Archeologia Litúrgica – Origem das Festas Christãs*, 1ª ed. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense Editora, 1916, p. 16.

⁵³CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 43.

ao mesmo tempo purificação e regeneração”⁵⁴. A natureza da água confere-lhe o atributo da pureza. “A água é, ensina Lao-Tse, o emblema da suprema Virtude”⁵⁵.

Esta noção de águas primordiais, de oceano das origens, é quase universal. “Encontramo-la até na Polinésia, e a maior parte dos povos austro-asiáticos coloca na água o poder cósmico.”⁵⁶ Mas a água também é manifestação do mundo ctónico, força telúrica. Se na psicanálise a água representa o inconsciente, ela também é “tangível e terrestre, também é o fluido do corpo dominado pelo instinto, sangue e fluxo de sangue, o odor do animal e a corporalidade cheia de paixão”⁵⁷.

A água é um veículo das forças telúricas e, ao mesmo tempo, um agente das influências astrais manipuladas no ritual. A água é regida pela lua, “a água é comparada ou directamente assimilada à Lua”⁵⁸ e, como tal, associa-se com o mistério e o princípio criativo feminino. “Por isso, desde a pré-história, o conjunto água-Lua-mulher tem sido percebido como o circuito antropocósmico da fecundidade. [...] Já no Paleolítico, a espiral simbolizava a fecundidade aquática e lunar.”⁵⁹

Sendo um centro de vida e de fertilidade, “a água é o espírito do vale”⁶⁰. E o rio é, por excelência, um símbolo de fertilidade. Contudo, sendo a água um veículo das forças telúricas, o seu cariz mágico religioso depende, entre outros factores, daqueles que decorrem do solo por onde esse rio passa, ou do solo de onde provém uma nascente. A própria paisagem certamente estará na origem do carácter sagrado de certos rios e determinadas fontes. Já o cariz sagrado dos oceanos remete para o mundo primordial.

Leite Vasconcelos refere que a ideia do mar sagrado está contida em muitas das canções populares, que ele recolheu no Minho, Douro e Beira-Alta⁶¹. Também no Minho, Beira-Alta, Trás-os-Montes e Galiza “a crença nas Sereias é ainda viva. Ellas são raparigas de cinta para cima e peixes da cinta para baixo. Cantam muito bem e enganam os navios”⁶². E “tiveram também seu culto na Península as celebradas Ninfas, que

⁵⁴IBIDEM, p. 42.

⁵⁵IBIDEM.

⁵⁶IBIDEM.

⁵⁷JUNG, Carl Gustav – *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 30.

⁵⁸ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa. 1992, p. 244.

⁵⁹IBIDEM.

⁶⁰JUNG, Carl Gustav – *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 29.

⁶¹VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 82.

⁶²IBIDEM.

corporizavam divinizações das forças criadoras, exuberantes e fecundas da Natureza”⁶³. As ninfas eram, então, “as divindades de todas as águas correntes, de todas as fontes, de todas as nascentes”⁶⁴.

Em relação ao culto das fontes, dos lagos e dos rios, Eliade diz-nos que este culto “existiu na Grécia antes das invasões indo-europeias e antes de qualquer valorização mitológica da experiência religiosa”⁶⁵. Por sua vez, Santos Júnior e Cardozo referem que “espíritos divinizados presidiam na Península ao culto das águas, fossem águas comuns ou medicinais”⁶⁶. Alguns desses espíritos pertenciam ao Panteão clássico, outros eram primitivas divindades indígenas protectoras das fontes, outros ainda eram *Genios* e *Numes* das teogonias pré-romanas, que habitavam as nascentes termais, e, por fim, alguns desses espíritos eram divindades pagãs que tinham os “seus domínios na profundidade das águas sagradas de certos rios”⁶⁷.

A tradição dos rios sagrados encontra-se espalhada por todo o mundo. Para os egípcios, o dia da inundação do Nilo marcava o primeiro dia do seu calendário. E, entre nós, “conhecida é a veneração religiosa de que a antiguidade cercava os rios. Ora destruidores das sementeiras e das casas, em seu curso impetuoso; ora fertilizadores das veigas, quando serenos e mansos: o homem viu sempre nelles forças mysteriosas que convinha adorar ou esconjurar, conforme as circunstâncias”⁶⁸.

Leite Vasconcelos refere também que, entre nós, existem nas “crenças modernas e no onomástico muitos e importantes vestígios do antigo culto dos rios”⁶⁹. A este respeito, vejamos a lenda do rio Lima, rio que encontraremos associado a muitas das lendas que serão contadas nos capítulos seguintes.

“Era uma vez um rio. Nascera, sem pressa, entre espessas penhas, numa serra galega, e, sem pressa, foi descendo um vale ameno, bordado de salgueiros e veigas viridentes, avistado, débil pela distância, dos altos montes revestidos de pinheirais, e onde, nos cimos, se abrigavam o refúgio e a agressividade de velhos castros.

Era azul e liso. Não tinha nome, ainda.

⁶³SANTOS JUNIOR. J. R., CARDOZO, Mário – Ex-Votos às Ninfas em Portugal, p. 54 [Consult. 15 Abril 2012] Disponível na internet: <URL:http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/70859/1/Ex-Votos_%C3%A0s_Ninfas_em_Portugal.pdf>.

⁶⁴ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 261.

⁶⁵IBIDEM.

⁶⁶SANTOS JUNIOR. J. R., CARDOZO, Mário – Ex-Votos às Ninfas em Portugal, p. 57 [Consult. 15 Abril 2012] Disponível na internet: <Url:http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/70859/1/Ex-Votos_%C3%A0s_Ninfas_em_Portugal.pdf>.

⁶⁷SANTOS JUNIOR. J. R., CARDOZO, Mário – Ex-Votos às Ninfas em Portugal, p. 58 [Consult. 18 Abril 2012] Disponível na internet: <Url:http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/70859/1/Ex-Votos_%C3%A0s_Ninfas_em_Portugal.pdf>.

⁶⁸VASCONCELOS, José Leite de – *Religiões da Lusitânia*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905. Vol. II, p. 224.

⁶⁹IBIDEM.

O povo que lhe usava as águas, para a rega, a pesca e a sede, era rude, selvagem, mal sabendo talhar na pedra o machado da lenha; a faca lascada para dilacerar a rês, destinada ao fulgor das brasas; a ponta de lança para a defesa e o ataque contra a violência que lhe roubava o gado e lhe raptava a mulher.

Pela calma do entardecer, a tingir de vermelho os céus do mar próximo, o pastor, recoberto de peles de fera, conduzia os rebanhos até às areias finas das margens, a beberem frescura na limpidez do rio, longa, longamente...

Mas esta paz de paraíso não tardou a ser perturbada pelo passo duro e cadenciado do soldado estranho.

A Roma imperial enviara as suas legiões aos campos agrestes da Ibéria, vencendo batalhas, edificando estradas lajeadas, as pontes, os aquedutos, as muralhas guerreiras, os templos para os deuses, os anfiteatros e as arenas para os prazeres da arte e do desporto. Elas invadiam, implacáveis, o bucolismo da paisagem doce, empunhando a agudeza da lança e o escudo de coiro lavrado, entre o arruído dos pesados carroções e o tropear febril dos cavalos.

E, um dia, eis que o arreganho destas legiões chega junto à margem sul do rio de que vos falo, com seus pendões rubros, constelados de águias, sacudidos por uma brisa mansa. E estaca, rendido, deslumbrado!

No arrebatamento da visão, toda a soldadesca excitada supõe estar diante daquele rio Lethes, o Rio do Esquecimento, um rio sem par de que lhe falavam as lendas e as narrativas do seu país.

E do Esquecimento, porquê?

Porque se dizia que quem ousasse atravessá-lo, enfeitizado pela sua beleza, logo esqueceria a pátria, a família, o próprio nome.

Tomado de pavor pelos avisos desta condenação, todo o exército se recusou a mergulhar, naquelas águas encantadas, a poeira das sandálias, obrigadas a calcar o vau da passagem que o levaria, sem perigo, à margem oposta.

Em vão os comandantes lhe davam ordem de avançar. Em vão o chefe supremo, Décio Júnio Bruto, lhe ameaçou a desobediência com a prisão e a morte.

Ninguém se movia dali, paralisado pela emoção e pelo medo. Mas Décio Júnio Bruto teve uma decisão feliz. Apeando-se do seu ginete, atravessou, lento, as águas feiticeiras, com o escudo a proteger-lhe a cabeça, a curta espada desembainhada na firmeza da mão.

E, mal atingiu o areal da margem direita, vencendo o rumorejar do arvoredos, o gorjeio mavioso dos rouxinóis, começou a bradar pelos seus homens, hirtos, perfilados à sua frente, como estátuas estáticas, proferindo, de cada um deles, o nome exacto, sem revelar esforço de memória.

Só desta forma convenceu os seus soldados que, afinal, o rio que lhes corria aos pés não era o Lethes do esquecimento, apesar da sua beleza, apesar do seu fascínio.

Então, todo o exército atravessou, sem hesitar, as águas claras e brandas, e seguiu para novas paisagens, novos montes e vales, novos rios, embora nenhum deles tão deslumbrante.

E aquele rio que, por um momento de paixão e de temor, fora baptizado de Lethes, continuou a correr, sem pressa, até ao desenlace da foz. O rio tem, hoje, o nome de Lima.

E, tal como outrora, ei-lo que fascina, pela sua beleza, quem dele se abeira, lhe escuta o leve fluir, já ladeado, agora, pela riqueza e nobreza das igrejas e santuários milagreiros; pelos escuros solares armoriados e a brancura alegre dos casais; pelo bulício de antigas povoações com suas elegantes pontes arqueadas sobre barcos pesqueiros; e, por todo o horizonte, as torres, os pelourinhos, as cruces...

Rio do Esquecimento?

Não.

Rio da Lembrança.

Lembrança viva destas terras amoráveis, por onde desliza e que parece beijar.”⁷⁰

A travessia de um curso de água surge muitas vezes nos mitos do submundo. Assim, podemos ver o ritual de atravessar um rio, como um ritual intencionalmente usado para produzir uma transformação. Voltando à cultura popular, Leite Vasconcelos diz-nos que “quem passar um rio, deve pegar num seixinho e metê-lo na boca (Moncorvo)”⁷¹. Também nos relata o mesmo costume na travessia do rio Minho⁷². Este costume soa a um preceito de silêncio – que seria sempre indispensável na travessia ritual de um rio sagrado. Até porque “o silêncio é outro grande agente ritual nas cousas de magia e de religião. E suponho que no caso o falar provocaria a saída de espíritos sobrenaturais, habitantes da água”⁷³. De resto, “o sagrado é sempre perigoso para quem entra em contacto com ele sem estar preparado, sem ter passado pelos «movimentos de aproximação» que qualquer acto religioso requer”⁷⁴.

Para terminar, vejamos os vestígios na cultura popular de cultos aquáticos locais. A este respeito, Jesus Rodriguez Lopez refere que perto de Tuy havia a tradição de atirar ao rio as roupas de uma criança doente, para que através deste ritual se procedesse à cura da criança. Noutros lugares, davam banho no rio à criança, vestida com uma camisa e, após o banho, retiravam a camisa a atiravam-na à água.⁷⁵

Leite Vasconcelos refere um ritual idêntico, numa fonte: “Na *Fonte Santa*, também chamada de *S. Gualter*, ao pé de Guimarães, é costume na noute de S. João à meia-noute, banhar as creanças doentes e deixar na agua a camisa d’ellas.”⁷⁶.

“*Na manhã de S. João*

Logo ao romper da alvorada,

(...)

— *Esta agua fica benta*

⁷⁰VIANA, António Manuel Couto – *Lendas do Vale do Lima*. 1ª ed. Ponte de Lima: Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, p.56-58.

⁷¹VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel e C.ª – Editores. 1882, p. 79.

⁷²VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 522.

⁷³IBIDEM.

⁷⁴ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 459.

⁷⁵LOPEZ, Jesus Rodriguez – *Supersticiones de Galicia*, 1ª ed. Buenos Aires: Editorial Nova, 1943, p.98, 99.

⁷⁶VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto:Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 74.

*E a fonte fica sagrada. —*⁷⁷

“A água que se colhe para bebida, ou com que se lava ou banha o corpo, ou algumas de suas partes, por ocasião da festa de S. João Baptista, tem muitas virtudes, no conceito do vulgo”⁷⁸. Os *banhos santos*, sobretudo no mar, são muito comuns entre nós, na noite ou manhã de S. João. Outros *banhos santos* correm a 24 de Agosto, no dia de S. Bartolomeu, em especial nas festividades de S. Bartolomeu do Mar, em Esposende.

Também no concelho de Nelas, junto ao rio Santo, na capela da Senhora do Viso, há um nicho dedicado a S. Bartolomeu. E da festa deste santo também faz parte o ritual do *banho santo*, no respectivo rio.

“Após o banho, os doentes, enxutos e vestidos, dirigem-se à capela, ao andor do santo, e friccionam a imagem com lenços, que acto contínuo passam pelo rosto, ou pela parte doente, na persuasão de que saram das mazelas. (...) Terminada a fricção os doentes descem de novo ao rio: molham aí os lenços, levando-os ao rosto para o humedecerem; e desenhando com eles uma cruz no ar, *viram as costas à corrente*, e atiram-nos à água por cima do ombro.”⁷⁹

Vasconcelos menciona ainda outro destes rituais de cura, que consistia, na noite de S. João, em “banharem os enfermos em aquelle rio onde se mete a Ribeira de S. Thiago passando-os por elle três vezes”⁸⁰. Lopez refere também o ritual de cura que se traduzia simplesmente em levar a criança doente a ver correr a água do rio.⁸¹

Para Eliade, “a água corre, é «viva», agita-se; inspira, cura, profetisa. Em si mesmos, a fonte ou o rio manifestam o poder, a vida, a perenidade: eles *são* e são *vivos*. Deste modo adquirem uma autonomia e o seu culto permanece, a despeito de outras epifanias e de outras revoluções religiosas”⁸². O culto da água apresenta-se, assim, como um aspecto fundamental da vivência do sagrado, comum a vários povos.

Simbolicamente, a água aparece-nos como oposta ao fogo, mas reparamos que estes dois elementos surgem em associação em muitos rituais – entre nós em especial nos ritos de S. João, que partem dos rituais pagãos de celebração do Solstício de Verão.

⁷⁷TOMÁS, Pedro Fernandes – *Cantares do Povo*, 1ª ed. Coimbra:F. França Amado,1919, p. 12.

⁷⁸VASCONCELOS, José Leite de – *Boletim de Etnografia*, Nº2, Lisboa: Imprensa Nacional, 1923, p. 36.

⁷⁹VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. pp. 527-531.

⁸⁰VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto:Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores 1882, p. 68.

⁸¹LOPEZ, Jesus Rodriguez – *Supersticiones de Galicia*,1ª ed. Buenos Aires: Editorial Nova, 1943, pp. 98, 99.

⁸²ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 256.

Contudo, o papel da água nos ritos de purificação pelo fogo excede o âmbito deste trabalho, pelo que não o iremos desenvolver, fica apenas como uma breve nota. Da mesma forma que apenas afluamos superficialmente a mitologia da água, ainda tão viva no noroeste peninsular.

VI. Ritos dos recém-nascidos associados à água, à lua e ao baptismo

Os ritos ligados aos recém-nascidos estão directamente relacionados com o culto da água, de que falamos no capítulo anterior.

“Ese antiguo poder del agua como generador de vida y misterioso símbolo de lo animado viene a confirmarse en romances como "La flor del agua", de apariencia cristiana y fondo precristiano. La Iglesia, cubriendo con su manto determinadas celebraciones paganas, confirmó la exaltación de algunos ritos, como los de medio verano, en los que agua y fuego cumplían funciones tan importantes. Muchos folkloristas han descrito la creencia, común sobre todo en la parte septentrional de España, de que en la mañana de San Juan (advocación a la que se dedica el paso de la mitad del año) aparecía sobre la superficie de ríos, estanques, fuentes y lagos la llamada "flor del agua", extraña maravilla que hacía feliz a quien tuviera la suerte o la previsión de cogerla. Muchachas casaderas acudían con el alba a cortar esa flor que, además de transmitirles su poder lustral – muchas se bañaban desnudas a medianoche para no tener enfermedad ninguna durante los doce meses siguientes –, las introduciría dentro del mundo de la mantica, permitiéndoles conocer si contraerían matrimonio en el curso del año. Naturalmente todos esos poderes eran conferidos por las hadas, ninfas o señoras de las aguas cuyo sortilegio, transmitido con el simple acto de bañarse o lavarse, acumulaba en determinadas fechas del año propiedades mágicas sobre las superficies acuosas. La Virgen viene a sustituir, en los pueblos de tradición cristiana, a aquellos espíritus, convirtiéndose en vivificadora del prodigio.”⁸³

Como nos diz Leite Vasconcelos, “Os cultos pagãos nem sempre se extinguiram com a implantação do cristianismo: de ordinário continuaram a viver, ou transformados em cultos cristãos, ou sob a forma de meras superstições populares”⁸⁴.

Vejamos, então, alguns exemplos desses velhos rituais, reminiscências da nossa antiga cultura pagã. Em muitos deles o seu sentido perdeu-se, mantendo-se apenas a forma e talvez nem sempre a forma original.

Ligação mágica da criança recém-nascida com a água

A entrada de um novo ser vivo no mundo e na comunidade é um momento especial nas sociedades humanas. Se os rituais, posteriores, de iniciação à idade adulta

⁸³DIAZ, Joaquín – *El río como elemento socializador y como excusa Poética* (Consult. 26 de Maio de 2012). Disponível na Internet: <URL:<http://www.unizar.es/fnca/duero/docu/p314.pdf>>.

⁸⁴VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 190.

revelam particular interesse, pela complexidade que revestem⁸⁵, inserindo o rapaz ou a rapariga nas responsabilidades da idade adulta, as práticas de recepção de um novo ser vivo humano revestiam-se de especial cuidado, dadas as forças e os riscos que tinha de enfrentar, na esperança da vida, na aceitação ou não dessa vida pela comunidade, ou, ainda, nas expectativas sobre qual seria o seu destino. Assim, “Na primeira água em que se lavar uma criança, deita-se dinheiro, sendo ella menino; e deitam-se objectos de ouro, sendo menina. É para que a criança seja amiga da riqueza.”⁸⁶

Alguns destes rituais estavam claramente associados aos papéis de género, definindo para sempre as obrigações estabelecidas pela comunidade cultural: “a primeira água em que se lava a criança deve ser deitada fora, para um quintal, se é rapaz; e para a loja ou pelo soalho, se é rapariga. Isto, porque a felicidade da mulher está na casa, e a do homem, fora de casa.”⁸⁷

Marcar desde o início da vida os sinais do sagrado, era um ritual de protecção absolutamente necessários para a “sorte” da criança: “quando lavam os recém nascidos a primeira vez, fazem-lhes uma cruz com a mesma agua e dizem:

Aguinha a lavar,

O Senhor a abençoar;

Aguinha a correr

*E o menino a crescer.*⁸⁸

Os primeiros anos de vida de uma criança são muito difíceis, com os riscos que todos conhecem. As doenças, o aleitamento, o crescimento, etc., exigiam o concurso de forças positivas, a contrariar todo o mal possível. Assim, no Alto-Minho, quando uma criança não cresce, recorrem ao rio Minho e a algumas plantas que nascem nas suas margens: “Quando uma criança está enganada, isto é, seca, sem medrar, vai com ela qualquer pessoa, à meia noite em ponto, à beira do rio, apanhar uma porção de trovisco, pouco mais ou menos do pêso da criança. Chegada a casa, (...) leva o trovisco ao telhado,

⁸⁵Cf. VAN GENNEP, A. – *Les rites de passage*. Paris: Picard, 1909; TURNER, V. W. – *Le phénomène rituel*. Paris: PUF, 1990.

⁸⁶VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto:Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 69.

⁸⁷IBIDEM.

⁸⁸IBIDEM.

para junto da abertura por onde sai o fumo da cozinha. O trovisco a secar, a criança a engordar!”⁸⁹.

Por sua vez, “se o leite desaparecer, para que ele volte, é preciso pôr um collete ao relento da noute, três noutes a fio, e de todas as vezes dar-lhe muitas pancadas; ao fim de três noutes veste-se o colete orvalhado antes do Sol nascer”⁹⁰. O orvalho, naturalmente, tem relação com a água e com a noite.

Contudo, também na relação com a água há tabus: “Depois do sol-posto não se lança fora a água onde se haja lavado uma criança porque se lança fora a fortuna da criança (Maia).”⁹¹ Vejamos ainda outro destes tabus: “Se duas mulheres estiverem lavando e alguma delas estiver grávida, não podem torcer a roupa por cima da corrente da água. Caso o façam, a prenha não parirá enquanto o marido não saltar por cima da corrente. (Póvoa de Lanhoso)”⁹².

Ligação mágica da criança recém-nascida com a lua

Há, na cultura popular, uma forte ligação do recém-nascido com a lua. Leite Vasconcelos diz-nos que “a Lua é a *madrinha do Céu*, assim se ensina ao menino a chamar-lhe. E faz-se que lhe estenda a mão, como quem pede bênção e diga:

Madrinha, madrinha

Dá pão com sardinha

E azeite e vinagre,

*Dentro de uma conchinha”*⁹³.

Encontramos ainda outras referências, no cancioneiro popular, à lua na qualidade de *madrinha*:

⁸⁹VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 537.

⁹⁰VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores, 1882, p. 202.

⁹¹VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. V, 1985 p. 20.

⁹²IBIDEM, p. 12.

⁹³IBIDEM, p. 27.

Lua Nova,

Benza-te Deus;

Minha madrinha,

*Mãe de Deus.*⁹⁴

Mas, também encontramos o medo de que a lua faça mal à criança:

Lua Santa!

Minha madrinha!

Não me faças mal a mim

*Nem a coisa minha!*⁹⁵

Ou ainda: “No Porto, quando se vê a Lua pela primeira vez, mostram-se-lhe as crianças e diz-se-lhe:

Lua, Luar,

Toma o teu ar,

Deixa os meus meninos

Crescer e medrar.”⁹⁶

A fragilidade da criança antes do baptismo e a sua ambivalência

É comum a crença de que as crianças, quando ainda estão por baptizar, se encontram em perigo, crescendo o perigo quando saem de casa: “Quando os meninos estão por baptizar e andam ao collo da mãe, é preciso pôr-lhes atravessados no braço as

⁹⁴VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 21.

⁹⁵VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. V, 1985, p. 28.

⁹⁶IBIDEM, p. 27.

calças do pae, para as Bruxas os não levarem (Chaves)”⁹⁷. O estado de “excepcionalidade” destas crianças colocam-nas em situações de risco muito graves.

“Neste estado de desgraça ficam mais sujeitas a sofrer acções sobrenaturais e outros males. As mães devem pôr debaixo do travesseiro uma meada de linho ou estopa, sem cozerem, quer dizer, sem ser fervida [porque se ferve a meada com cinza-barrela, para ganhar a cor branca], a fim de evitar que as bruxas ou o Inimigo lhes façam mal (Melgaço, Ponte da Barca).”⁹⁸

Contudo, na cultura popular, há uma ambivalência do sagrado relativamente ao baptismo, expressa, por exemplo, na interdição de uma mulher grávida ser madrinha: “Se for madrinha de uma criança, morrer-lhe-á o filho que traz no ventre”⁹⁹. Ou ainda outros interditos: “Para uma criança que há-de nascer não se lhe faça touca a usar no baptismo; morrerá em poucos anos (Porto).”¹⁰⁰

Quanto às crianças que morrem sem ser baptizadas, Leite Vasconcelos diz-nos o seguinte:

“vão para o Limbo (Vila Real de Trás-os-Montes), morrem sem alma, vão viver na escuridão e aqui permanecem até ao fim do Mundo, depois do que Deus formará com elas um mundo novo (Marco de Canaveses). Certos meteoros que de noite cintilam são, aos olhos do povo, alminhas de infantes por baptizar, às quais dão o nome de culmeirinhos ou culmeirins (Resende ou Cinfães). Também aqui se tomam pelas mesmas alminhas os pirilampos ou vagalumes”¹⁰¹.

Leite Vasconcelos refere ainda que “em outro tempo, enterravam debaixo da pedra do lar os meninos que morriam sem ser baptizados. Faziam em seguida lume em cima para cozinhar o caldo, que depois se comia (Marecos, concelho de Penafiel)”¹⁰².

Em conclusão, podemos dizer que os velhos rituais pagãos não desaparecem, apenas se modificam. Mary Douglas menciona que o homem sendo um animal social, é um animal ritual¹⁰³. E quando um ritual é suprimido, surge outro para o substituir.

Como nos diz Leite Vasconcelos, “As mulheres, na antiguidade, ofereciam a Lucina (Juno) ou a Diana orações e ex-votos, para serem felizes nos partos”¹⁰⁴. Com o

⁹⁷VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 202.

⁹⁸VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VII, 1985, p. 46.

⁹⁹VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. V, 1985, p. 8.

¹⁰⁰IBIDEM, p. 12.

¹⁰¹VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, 1985, p. 48.

¹⁰²IBIDEM, p. 48.

¹⁰³DOUGLAS, Mary – *Pureza e Perigo*, 1ª ed. port. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 80.

advento do Cristianismo, “Invocam-se, nos partos, a Senhora dos Partos, a Senhora das Dores e a Senhora da Ajuda”¹⁰⁵. Invocam com a mesma fé a *Senhora*, quer a chamem por nome pagão ou cristão.

¹⁰⁴VASCONCELOS, José Leite de – *Emografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. V, 1985, p. 13.

¹⁰⁵IBIDEM.

VII. O simbolismo do baptismo, o duplo nascimento e a adopção mágica

A virtude purificadora e regeneradora do banho ritual, sendo anterior ao cristianismo, foi conhecida e usada “em todos os povos, em todos os lugares e em todos os tempos”¹⁰⁶.

“Foi dito da actividade de João Baptista no deserto: e eram por ele baptizados no Jordão, confessando os seus pecados (Mateus, 3, 6). É aquilo que se chamou baptismo por imersão, tal como foi praticado durante muito tempo. Este rito de imersão é um símbolo de purificação e de renovação. Era conhecido nos meios essénicos, mas também noutras religiões (que o associavam ao rito de passagem, principalmente de nascimento e de morte) e no Judaísmo e suas seitas.”¹⁰⁷

Para além das fontes cristãs, sabemos que “alguns textos irlandeses mencionam um baptismo druídico, sobre o qual nada mais se sabe, a não ser que talvez tenha existido”¹⁰⁸. Mas, “a imersão ou a aspensão com uma água virgem encontra-se também nas tradições de inúmeros povos, associada aos ritos de passagem, e principalmente ao nascimento e à morte”¹⁰⁹.

Eliade refere que no México se baptizavam as crianças, consagrando-as a uma deusa da água, considerada sua verdadeira mãe.

“Antes de a imergir na água, dizia-se: *Toma esta água, porque a deusa Chalchihuitlycue Chalchiuhtlatonac é a tua mãe. Que este banho te lave dos pecados dos teus pais...* Em seguida, tocando a boca, o peito e a cabeça coma água, acrescentava-se: *Recebe, menino, a tua mãe Chalchihuitlycue, a deusa da água*”¹¹⁰.

Voltando, então, às fontes cristãs, podemos dizer, a partir da sua teologia, que Cristo recebeu o seu baptismo no rio Jordão e, desse modo, ele renasceu pela água e pelo espírito. Assim, o simbolismo do baptismo pretende estabelecer a ligação com o divino.

“Devido ao medo geral, de que no decorrer da vida se perca a conexão com o estágio prévio arquetípico e instintivo da consciência, instituiu-se, há muito tempo, o costume de dar ao recém-nascido, além de seus pais carnis, dois padrinhos de batismo, isto é, um *godfather* e uma *godmother*, como são chamados em inglês, cuja incumbência principal é cuidar do bem-estar

¹⁰⁶CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 113.

¹⁰⁷IBIDEM, p. 114.

¹⁰⁸IBIDEM.

¹⁰⁹IBIDEM.

¹¹⁰ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, pp. 247, 248.

espiritual do batizado. Eles representam o par divino, que aparece no nascimento anunciando o tema do *duplo nascimento*.¹¹¹

Na liturgia romana, a pia baptismal foi designada de *uterus ecclesiae*, o que reverte igualmente para o duplo nascimento. Por outro lado, muitas pias baptismais têm o formato de uma concha. E isto expressa mais do que o simbolismo aquático. Eliade diz-nos que lua é igual a concha e, por sua vez, concha é igual a vulva¹¹². Assim, por todo o lado, encontramos o mesmo simbolismo, que liga a lua, a água e a fecundidade da mulher¹¹³.

“A ideia de um segundo nascimento é encontrada em todo tempo e lugar. Nos primórdios da medicina, ela aparece como um meio mágico de cura; em muitas religiões, é a experiência mística; constitui a ideia central da filosofia natural da Idade Média e, *last not least*, a fantasia infantil de muitas crianças pequenas e crescidas de que seus pais não são os verdadeiros, mas apenas pais adotivos a quem foram confiadas”¹¹⁴.

O *duplo nascimento* corresponde ao tema mitológico do herói, onde se considera que este descende de pais divinos e humanos. “Graças ao motivo dos pais duplos, as crianças, em lugar de fadas boas ou más que realizam uma "adoção mágica" com maldição ou bênção, recebem ultimamente padrinho e madrinha”¹¹⁵.

Levanta-se uma questão: excluindo as mouras encantadas, que são por si só um tema deveras complexo, e os contos de fadas propriamente ditos, será que na cultura popular encontramos referências às fadas? Como podemos ver no livro sobre *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portuguesa*, de autor desconhecido, publicado em 1780, o povo fala muito em fadas, sobretudo nas más:

*De gallinhas e más fadas – cedo se enchem as casas.*¹¹⁶

Contudo, também há, no mesmo livro, uma referência a fadas boas:

*Quem más fadas não acha, das boas se enfada.*¹¹⁷

Assim, para o povo “Há fadas boas e más”¹¹⁸; e “Quem canta, fadas más espanta”¹¹⁹.

¹¹¹JUNG, Carl Gustav – *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.80.

¹¹²ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 207.

¹¹³IBIDEM, p. 206.

¹¹⁴JUNG, Carl Gustav – *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.56.

¹¹⁵IBIDEM.

¹¹⁶F.R.I.L.E.L. – *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1780, p. 154.

¹¹⁷IBIDEM.

Leite Vasconcelos faz referência a “Gil Vicente, o poeta que mais se inspirou do maravilhoso popular”¹²⁰, e que traz nos seus autos as fadas marinhas,

“*E aquellas fadas*

Que tem as ribeiras de verde pintadas”¹²¹.

Na Galiza e no Minho, também se mantém a crença nas fadas, ou ninfas, quer associadas ao rio, uma vez que “é muito vulgar a crença de que as Bruxas andam, ou vestidas de branco, ou em forma de patos, a patinhar nos rios. Na Galliza também se pensa que as *Meigas*, vestidas de branco, vivem ao pé dos rios.”¹²²; quer associadas ao mar: “No mar também andam as Bruxas vestidas de branco, a bater palmas e a dançar sobre as ondas”¹²³. A este respeito, Leite Vasconcelos refere que, no imaginário popular, as fadas frequentemente aparecem representadas por “bruxas vestidas de branco”¹²⁴.

Bermudez refere que “os termos *muller mariña / home mariño* permanezan até o día de hoxe como de uso corrente no folclore galego contemporâneo para se referir a este tipo de seres de calidades semellantes ás sereas”¹²⁵. Também refere os *xacios* do rio Minho, “Estes *xacios* son descritos comunmente como uns seres acuáticos”¹²⁶.

Também no Livro de Linhagens do Conde D. Pedro, encontramos a lenda de uma entidade aquática, vinda do mar, dona Marinha, que se uniu ao fidalgo D. Froiam, dando origem à família Marinho¹²⁷.

Por sua vez, S. Bartolomeu “gosa o papel de uma verdadeira divindade marítima”¹²⁸. Já antes nos referimos ao *banho santo* no dia da sua festa. Contudo, nas cantigas populares, este santo aparece também ligado ao baptismo:

¹¹⁸VASCONCELOS, José Leite de – *Emografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VII, 1985, p. 289.

¹¹⁹IBIDEM, p. 290.

¹²⁰VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 67.

¹²¹IBIDEM.

¹²²IBIDEM, p. 79.

¹²³IBIDEM, p. 82.

¹²⁴VASCONCELOS, José Leite de – *Emografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VII, 1985, p. 289; cf. REBOREDO, X. M. Gonzáles – *Lendas Galegas de Tradición Oral*. Vigo: Editorial Galaxia, 1995; BOUZAS, Pemón; DOMELO, Xosé A., - *Mitos, ritos y leyendas de Galicia. La magia del legado celta*, Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 2000.

¹²⁵BERMUDEZ, Marcial Tenreiro – *A lenda melusínica no folclore galego: Apuntamentos sobre o culto e o popular*, in Romero Portilla, P. & García Hurtado, M-R (eds.), *De Culturas, Lenguas y Tradiciones. II Simposio de Estudios Humanísticos*. UDC, Coruña, 2007, p. 268.

¹²⁶IBIDEM, p. 270.

¹²⁷MATTOSO, José (Ed.) – *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, in *Portugaliae Monumenta Histórica*. 1ª ed. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Vol I, 1980.

S. Bartolomeu do Mar

É padrinho de Maria,

Eu também sou afilhada

*Da Senhora da Abadia. (Minho)*¹²⁹

Note-se que junto à capela da Senhora da Abadia, na freguesia de Santa Maria de Bouro, Amares, correm as águas cristalinas do rio Nava.

Voltando às fadas, Leite Vasconcelos também nos diz que “em Melgaço, lava-se a criança, pela primeira vez, com água em que se deita prata ou ouro (um anel, etc.) e diz-se:

Boas auginhas te lavem,

Boas fadas te fadem,

Pela graça de Deus e da Virgem Maria Nossa Senhora”¹³⁰.

Assim, talvez os rituais dos batizados da meia-noite, aos quais dedicaremos o próximo capítulo, possam estar relacionados com a *adoção mágica* da criança ainda não nascida por uma fada, ou divindade aquática, que seria a sua *madrinha*.

“Minha mãe é uma ribeira.

Meu pai um rio corrente;

Sou filho das águas claras,

Não tenho nenhum parente.”¹³¹

Note-se que este trabalho não incide na interpretação destas lendas, nem a referência à *adoção mágica* se trata de uma interpretação propriamente dita. Contudo, qualquer interpretação que se fizesse seria sempre bastante subjectiva. Podemos inferir em relação às lendas, o que nos diz Jung, em relação aos mitos: “não se trata mais de indagar se um mito se refere ao Sol ou à Lua, ao pai ou à mãe, à sexualidade, ao fogo ou à água,

¹²⁸VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 83.

¹²⁹VASCONCELOS, José Leite – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, 1985, p. 48.

¹³⁰VASCONCELOS, José Leite – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. V, 1985, p. 19.

¹³¹CORTESÃO, Jaime – *Cancioneiro Popular*, 1ª ed. Porto: Edição da Renascença Portuguesa. 1914, p. 78.

mas trata-se unicamente da circunscrição e da caracterização aproximada de um núcleo de significado inconsciente. O sentido deste núcleo nunca foi consciente e nunca o será. Sempre foi e será apenas interpretado”¹³².

¹³²JUNG, Carl Gustav – *The Man and his Symbols*, 1ª ed. New York: Doubleday & Company Inc., 1964, p.158.

VIII. Os baptizados da meia-noite

A primeira particularidade destes baptismos é o seu carácter nocturno, contudo, essa característica fazia parte dos antigos ritos judaico-cristãos. Na *Archeologia Liturgica*, do cónego Ferreira, encontramos a seguinte referência: “a Quaresma era uma preparação para o Baptismo, que na antiguidade se conferia aos adultos em a noite de Paschoa. Os catechumenos preparavam-se para esto grande acto durante aquelles quarenta dias”¹³³.

No livro *Biblioteca de las Tradiciones Populares Españolas*, podemos ver que, no final do século XIX, na Andaluzia, “el bautismo se celebra, de ordinario, al entrar la noche; poco después de la puesta del sol”¹³⁴. Portanto, nos ritos judaico-cristãos “era durante a noite que os catechumenos recebiam o Baptismo”¹³⁵. Por outro lado, se pensarmos no baptismo como um acto de purificação, podemos pensar que o acto de purificação pela água poderia ser também, para o paganismo, um acto nocturno. A água não era o único elemento de purificação, havia também os ritos de purificação pelo fogo, como já referimos. As reminiscências destes ritos pelo fogo, expressas ainda agora em alguns rituais das festas de S. João, são sempre manifestações nocturnas.

Leite Vasconcelos alerta-nos para a crença, sobretudo no Minho e na Galiza, “de que a água na meia-noute ou na manhã S. João goza de muitas virtudes”¹³⁶. O que também se explica pela ligação da água com a lua, apresentada no capítulo referente ao culto da água. Nessa noite, também muito se fala no orvalho nocturno. “E as virtudes profiláticas das *orvalhadas* da noite de S. João não são mais que reminiscências de velhos cultos desaparecidos”¹³⁷.

Contudo, não nos esqueçamos que estes baptismos nocturnos decorriam no meio de uma ponte. A este respeito, Diaz diz-nos o seguinte:

“También el puente como símbolo de la unión de dos mundos, natural y sobrenatural, entre los cuales discurre el río separándolos, tiene un eco en las

¹³³FERREIRA, J. Augusto (Cónego) – *Archeologia Liturgica – Origem das Festas Christãs*, 1ª ed. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense Editora, 1916, p. 40.

¹³⁴ALVAREZ, Antonio Machado (org.) – *Biblioteca de las Tradiciones Españolas*, Tomo I, 1ª ed. Sevilla: Francisco Alvarez Editores, 1883, p. 67.

¹³⁵FERREIRA, J. Augusto (Cónego) – *Archeologia Liturgica – Origem das Festas Christãs*, 1ª ed. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense Editora, 1916, p. 39.

¹³⁶VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores. 1882, p. 77.

¹³⁷SANTOS JUNIOR, J. R., CARDOZO, Mário – *Ex-Votos às Ninfas em Portugal*, p.56 [Consult. 23 Junho de 2012]. Disponível na internet: <URL:http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/70859/1/Ex-Votos_%C3%A0s_Ninfas_em_Portugal.pdf>.

tradiciones oral y escrita. Dehecho muchos de esos puentes solían tener en el mismo centro del paso una hornacina o pequeña capilla donde uno podía encomendarse al santo, santa o Virgen que protegieran con su presencia el lugar, para que le preservaran de todo posible mal que, como ya hemos visto, podía ser tan variado como terrible. En esas capillas incluso se protegía la vida de los seres que aún no habían visto la luz, realizándose bautizos prenatales con el agua del mismo río que discurría bajo el puente; en esta ceremonia de tinte precristiano se tomaba como padrino al primero que intentase cruzar el puente a medianoche, que era la hora elegida por quienes intervenían en esta acción de claro carácter lunático.”¹³⁸

Este carácter lunar é importante, não só porque a água está fortemente ligada à lua, como também por a lua ser, em si mesma, fonte de culto, para os antigos galaicos. A este respeito, Moisés Espírito Santo diz-nos o seguinte:

“Estrabão (58 a.C. - 25 d.C.) falando dos galaicos diz: «Não têm imagens [de culto] e têm certa divindade inominata [latim, «sem nome»] à qual, em noites de lua-cheia, as famílias prestam culto dançando até ao amanhecer diante das portas das suas casas».(...)

A divindade a que não davam nome (inominata) era a própria Lua.

O rito descrito por Estrabão ainda existia na Galiza, perto da fronteira com Trás-os-Montes, no princípio do século XX, constatado por um etnólogo galego: «Existe entre os aldeões um curiosíssimo costume cuja origem tenho por muito antiga. Tanto no Inverno como no Verão, mas principalmente durante a primeira das duas estações, nas noites de lua clara e especialmente nas de lua cheia, os homens e as mulheres da aldeia saem das casas para a rua a desfrutar a claridade do astro da noite. As famílias reagrupam-se, fazem festa em honra da Lua, em que homens e mulheres cantam e dançam ao som do pandeiro e das castanholas. Os cantares dirigem-se à Lua, misturando neles queixas de amor. O baile é à maneira da terra. Os cantares acabam com arrulhos dos rapazes que gritam gu-gu-gu-gu olhando para a Lua, quando a canção e o baile acabam. A festa dura até que chegue a luz do dia». [Tenorio, Nicolas, *La Aldea Galega* (Viana Del Bolo), Santiago, Ediciones Xerais da Galícia, 1982, p.142)] O autor não dá indícios de conhecer aquela passagem de Estrabão que se enquadra bem na região onde encontrou o costume.”¹³⁹

Fuentes Alende no seu artigo sobre *El bautismo prenatal en A Ponte Do Ramo* refere que algumas pessoas afirmam que este baptismo deverá “hacerse en noche de plenilunio o de cuarto creciente”¹⁴⁰.

Não encontramos esta recomendação nas lendas portuguesas, contudo, Leite Vasconcelos refere que “Um bispo transmontano do séc. XVII proíbe o uso de «não baptizarem em certos dias»”¹⁴¹, o que revela que, na cultura popular, mesmo para o

¹³⁸DIAZ, Joaquín – *El río como elemento socializador y como excusa Poetica* [Consult. 27 Junho 2012]. Disponível na internet: <URL:<http://www.unizar.es/fnca/duero/docu/p314.pdf>>.

¹³⁹SANTO, Moisés Espírito - *Cinco Mil Anos de Cultura a Oeste*, 1º ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, pp. 190, 191.

¹⁴⁰FUENTES ALENDE, José – El bautismo prenatal en "A Ponte Do Ramo" CUNTIS (Pontevedra), 1988 [Consult. 12 Julho 2012]. Disponível na internet: <URL: <http://www.funjdiaz.net/folklore/07ficha.cfm?id=746>>.

¹⁴¹VASCONCELOS, José Leite de – *Emografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, p. 46.

baptismo na Igreja, o dia em que ocorria não era irrelevante. Também na Etnografia Portuguesa, encontramos algumas referências à lua, na qualidade de *madrinha*. Deste tema já falamos, quando referimos a ligação mágica da criança recém-nascida com a lua. A lua é, então, “a *madrinha do céu*”¹⁴².

Por sua vez, no capítulo referente ao simbolismo do baptismo, quando referimos que muitas pias baptismais têm o formato de uma concha, referimos que lua é igual a concha e, por sua vez, concha é igual a vulva¹⁴³. Estamos, então, perante um simbolismo que, como já escrevemos, liga a lua, a água e a fecundidade da mulher¹⁴⁴.

“A representação do símbolo, associando a vaca à Lua, ao corno, à abundância, é ainda mais exacta na Suméria, onde a lua é decorada com dois cornos de vaca, enquanto a vaca é representada como um quarto crescente. (...) Este mesmo simbolismo estende-se à totalidade dos povos indo-europeus. Conservou toda a sua força na Índia, o que explica a veneração que ali se tem por aquele animal.”¹⁴⁵

Voltando ao baptismo, Leite Vasconcelos refere ainda outro baptismo popular: “Quando as crianças nascem, as parteiras costumam fazer uma espécie de baptismo; é o que se chama *enxamplar* (Porto). Lembre-se que as parteiras são tratadas familiarmente de comadres, e que as pessoas de cujo nascimento se ocupam as levam de madrinhas e até lhes pedem a bênção”¹⁴⁶.

Nas lendas portuguesas dos baptizados da meia-noite já não encontramos nenhuma referência à palavra *enxamplar*. Contudo, na Galiza, “el acto de *bautizar* a un feto antes de su nacimiento es denominado en la zona de Cuntis *enxembrar* y el efecto o acción es conocido como *enxembramento*, lo mismo que en el cercano municipio de Cerdedo”¹⁴⁷. Acerca da origem destas palavras Fuentes Alende diz-nos o seguinte:

“Pudíeramos pensar que tal denominación es una deformación de *enxendrar* (engendrar), en el sentido de ayudar a la criatura a formarse definitivamente. Pero nos encontramos con que Rodríguez González en su *Diccionario* (RODRIGUEZ GONZALEZ, Eladio, *Diccionario enciclopédico gallego – castellano*, Tomo II, Vigo, Galáxia, 1960, p. 220) recoge la palabra *enxemprar* como acción de *echar agua de socorro al recién nacido*”¹⁴⁸.

¹⁴²VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: imprensa Nacional. Vol. V, p. 27.

¹⁴³ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 207.

¹⁴⁴IBIDEM, p. 206.

¹⁴⁵CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 673.

¹⁴⁶VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, p. 47.

¹⁴⁷FUENTES ALENDE, José, El bautismo prenatal en "A Ponte Do Ramo" CUNTIS (Pontevedra), 1988 [Consult. 15 Setembro 2012] Disponível na internet: <URL:<http://www.funjdiaz.net/folklore/07ficha.cfm?id=746>>.

¹⁴⁸FUENTES ALENDE, José, El bautismo prenatal en "A Ponte Do Ramo" CUNTIS (Pontevedra), 1988 [Consult. 15 Setembro 2012] Disponível na internet: <URL:<http://www.funjdiaz.net/folklore/07ficha.cfm?id=746>>.

Leite Vasconcelos refere estes baptizados à meia-noite, no meio de uma ponte, como algo de certa forma comum a todo o Minho¹⁴⁹. Consideramos que também na Galiza seriam comuns, uma vez que, em 1747, foram expressamente proibidos pelas *Constituciones Sinodales del Arzobispado de Santiago*¹⁵⁰.

Talvez seja devido a esta proibição da Igreja que estes baptizados que, aparentemente, eram comuns, tenham passado a ser mais raros. Eduardo Machado Cruz, a propósito destes baptizados refere que “só o procuravam as mulheres cujos filhos costumavam nascer mortos, ou sobreviver poucas horas, além do nascimento”¹⁵¹.

Também na lenda, que transcrevemos de seguida, referente aos baptismos da meia-noite na Ponte de Barcelos, no rio Cávado, encontramos a mesma origem.

➤ **Ponte de Barcelos, sobre o rio Cávado, Barcelos.**

“... Era em seu entender, castigo, praga ou má olhadura, de pessoas malfazejas, o caso de certas mulheres não vingarem capazmente os frutos do seu ventre. Estes desde que as mães fossem vítimas de tais malefícios, durariam pouco, após o nascimento. Era certo que logo nos primeiros dias de lactação, iriam para os anjinhos. Verificado o caso de uma vez para outra, resolvia-se proceder a um baptismo especial. Em vésperas de novo parto, o homem e a mulher dirigiam-se à ponte, esperando aí até ao bater da meia-noite. Nessa hora azada, convidado o padrinho, o primeiro transeunte, procediam, servindo-se de um ramo de oliveira e de água comum, à aspersão do ventre materno. Posteriormente acreditava-se que a criança viria a nascer robusta e saudável...”¹⁵²

Contudo, na versão da lenda que se segue, esta bênção pré-natal aparece como prática corrente e não apenas em casos em que se temia o pior.

➤ **Ponte na confluência das terras dos Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e de Ponte de Lima, sobre o rio Lima.**

“Era uma vez um homem de idade avançada, mas saudável e musculado como um jovem.
Vivia nas montanhas da Serra Amarela, em Ponte da Barca, e tinha o cargo responsável de pastor vigieiro, soltando o grito viril «*Bota la rês!*», quando a Primavera floresce os vales e as brandas se enchem de gado retouçante.
Espantava tanto vigor e alegria, capaz de animar, sem fadiga, o terreiro das romarias, no rodopio das danças e no lançar ao desafio, com voz bem timbrada,

¹⁴⁹VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.º - Editores. 1882, pp. 79, 80.

¹⁵⁰*Constituciones Sinodales del Arzobispado de Santiago*, Santiago, 1747, pp. 35, 36.

¹⁵¹SILVA, Joaquim Lino – *A Ponte da Misarela*, in *Revista Lusitana* (Nova Série), 8, 1987, p. 72.

¹⁵²Câmara Municipal de Barcelos [consult. 2 Fevereiro de 2013]. Disponível na internet: <Url: <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/conheca/legendas-1>>.

uma cantiga brejeira; de suportar, nos ombros alentados, o peso dos andores, ou segurar, firme, nas mãos, como vela de navio batida pelo vento, o pendão dianteiro da procissão; de voltear, com perícia, o varapau de lódão, a separar uma briga de feira, e de enfrentar, sem medo, a arremetida do lobo saído das brenhas.

Um dia, interrogaram-no sobre a causa de tanta energia, a origem da tanta coragem e força. Então, ele, como que em segredo, confessou o mistério dessa espantosa longevidade robusta:

Fora baptizado, à meia-noite, com as águas do Lima, ainda no ventre materno, pouco antes de ser dado à luz, para que o parto corresse bem!

O costume, tradicional, praticava-se, com frequência, muitos anos atrás, na confluência das terras dos Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e de Ponte de Lima.

E conta-se em curtas palavras: Quando uma mulher daquelas bandas atingia os últimos meses de gravidez, o marido e os parentes mais chegados levavam-na, de noite, até às margens do Lima, quanta vez descendo, com dificuldade, ásperos córregos de pedra solta e urzes, entre a bruteza dos matagais, à luz bruxuleante de uma candeia.

Chegados, alguns deles aguardavam, numa das estradas ladeando o rio, o aparecimento da primeira pessoa que por ali passasse, dada a meia-noite e antes de despontar o dia, convidando-a «a fazer uma alminha cristã».

Porém, se depois dessa hora, um cão ou um gato atravessassem o caminho, o baptizado ficava adiado.

Pelos tempos de Inverno, quando as noites são tempestuosas e as cheias e o regougar da corrente afastam o viandante, era difícil lobrigar padrinho. E também o baptizado sofria uma inquietante espera, às vezes, de dias.

Mas, se a sorte era propícia, o padrinho improvisado chegava junto da grávida e, com um ramo de oliveira, aspergia água do Lima sobre o ventre volumoso da futura mãe, rezando em cruz:

–*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!*

Todavia, era da regra não pronunciar, nem ele nem os presentes, a palavra Amém. O nome da criança seria apenas mencionado pelo sacerdote na pia baptismal. E pronto.

O Baptismo da Meia-Noite estava, assim, concluído.

Segundo a convicção do povo, quem receba, em tais circunstâncias, a bênção da água do Lima, nascerá de um bom parto e terá à sua frente uma vida feliz e prolongada. Da verdade desta crença singular é testemunha aquele velho pastor de Ponte da Barca, admirável de juventude.¹⁵³

Vejamos, agora, esta prática na Galiza. O antropólogo Rafael Quintía Pereira, no seu artigo *As Pontes de Pontevedra: Símbolo, ritos e literatura oral*, texto preparado para a exposição sobre *As Pontes de Pontevedra*, que decorreu de 27 de Junho a 31 de Julho de 2013, no claustro do convento de San Francisco, em Pontevedra, diz-nos o seguinte:

“As pontes non só formaron parte da nosa historia e das nosas lendas senón que tamén foron escenario e actores de vellos ritos e ancestrais crenzas. Quizais o rito galego máis famoso relacionado coas pontes e o seu carácter simbólico sexa o coñecido como bautismo prenatal ou bautismo anticipado. Cando un matrimonio sufrira repetidos abortos, falecementos do bebé no parto ou mortes prematuras dos seus fillos recorría a este rito como remedio preventivo para

¹⁵³VIANA, António Manuel Couto – *Lendas do Vale do Lima*, 1ª ed. Ponte de Lima: Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, pp.80-82.

evitar que a desgraza volveuse repetirse. Para iso era necesario bautizar o neno antes de nacer, é dicir, cando aínda estaba no ventre da nai. O bautismo prenatal celebrábase en Pontevedra na Ponte do Burgo.

Este rito bautismal executábase ás doce da noite e, preferiblemente, o último sábado de mes. Aínda que existen diferentes variantes, a ritualidade fundamental consistía na seguinte: levábase a muller embarazada a unha ponte baixo a que correse un río e na que houbera no seu centro un cruceiro ou, no seu defecto, nas inmediacións da ponte. A muller tiña que chegar ao lugar un pouco antes da media noite e ir acompañada de homes e mulleres da súa confianza que portaban unha cesta chea de comida e un garrafón de viño. Unha vez na ponte, colocábase a embarazada no centro dela e ao seu lado un fanal aceso. Os acompañantes sitúanse en ambas as dúas entradas da ponte co obxecto de impediren que pase ninguén antes da hora sinalada e que tampouco se coe ningún animal. Todo o procedemento debía facerse en completo silencio, utilizando para comunicarse unicamente xestos. Tan pronto chegaba o primeiro viandante era parado e facíaselle esperar ata as doce en punto, nese momento a persoa da comitiva que vixiaba a entrada da ponte pola que aparecera o camiñante rompía o silencio e dirixíase a el rogándolle que fixese o favor de bautizar a criatura no ventre da nai. Unha vez aceptada a encomenda, achegábanse a onde ficaba a embarazada e había que dicir:

*Hombre o mujer que vienes de fortuna,
bautízame esta criatura.*

En resposta, o improvisado padriño – ou madriña – botaba sal sobre o seo da nai e auga bendita sobre o seu ventre preñado á vez que recitaba o seguinte ensalmo:

*Si é home Manuel se le pone,
si é muller Isabel.*

*Criatura te bautizo en el nombre del Padre,
del Hijo y del Espíritu Santo. Amén.*

O nomes citados no ensalmo son xenéricos e adoitaban cambiarse por aquel elixido pola nai. Outras veces, cando o bautismo se celebra sobre un río cuxas augas se mesturan coas do mar, prescindíase do sal e da auga bendita e bautizábase o ventre da nai con auga do río. Unha vez rematada a cerimonia, a muller cambiábase de roupa e antes de regresar á casa procedían todos xuntos a dar conta das viandas e do viño. O que sobrase do ritual banquete debía arroxarse ás augas do río.”¹⁵⁴

Este rito do banquete, que na Galiza parecía ser práctica corrente: “Despues de esto se realizaba una fiesta como si de un verdadero bautizo se tratase”¹⁵⁵, tamén o encontramos referido por Leite Vasconcelos, nas lendas portuguesas.

➤ **Qualquer ponte que tenha nome de santo, Melgaço.**

“No concelho de Melgaço levam a mulher para debaixo de uma ponte que tenha nome de santo, antes da meia-noite, e a primeira pessoa que passar a ponte depois da meia-noite, ainda que seja o Inimigo (Diabo), é obrigada por bem, ou à força, a fazer o baptismo, que consiste em deitar água do ribeiro ou rio que passa sob a ponte na barriga da mulher com um púcaro de barro vidrado, novo,

¹⁵⁴PEREIRA, Rafael Quintía – As Pontes de Pontevedra: Símbolo, ritos e literatura oral, 2013 [Consult. 10 Marzo 2013].Disponível na internet: <URL:<http://asombradebouzapanda.wordpress.com/2013/06/30/a-exposicion-as-pontes-de-pontevedra/>>.

¹⁵⁵Gallicia Maxima [Consult 15 Marzo 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.galiciamaxica.eu/Sitios/PONTEVEDRA/pontearreas/pontedaspartidas.html>>.

que se enche de cima da ponte, atado a um cordão (as mulheres desapertam a blusa, deitando-se-lhes a água por aí, ou abaixavam um pouco a saia na cinta, mostrando um pouco do ventre, ou ainda levantam a saia, lançando-se-lhes então a água por baixo), e dizendo as seguintes palavras: «Eu te baptizo com a água do rio em nome do Padre e do Filho». Depois do que, à pessoa que fez o baptismo, é servido vinho e comida com muitas tostas até que não queira mais. A pessoa que faz este baptismo é também a que depois vai servir de padrinho, na igreja.”¹⁵⁶

Na verdade, não estranhámos que assim fosse, uma vez que nas festas populares, nas romarias, na vivência do sagrado pelo povo, o manjar cerimonial estava sempre presente. A este respeito, Ernesto Veiga de Oliveira diz-nos o seguinte:

“o alimento é o sustentáculo da vida; e, por isso, identificava-se com ela, e devia aparecer ao homem primitivo revestido do prestígio das forças superiores e misteriosas de que dependia o ser humano. Pode-se assim supor que nessas épocas remotas ele não se esgotasse na sua função nutritiva fundamental nem no seu significado social, e que, confundindo-se aspectos utilitários e místicos, se lhe atribuisse, para lá dessas funções, um valor e uma natureza superalimentar; e que, fundado nestes, ele fosse, em certas ocasiões, e sob determinadas espécies, objecto de sacrifícios, oferendas ou manducações especiais, efectivas ou simbólicas, com o carácter de práticas propiciatórias ou de purificação, de magia imitativa ou profiláctica, associadas a celebrações culturais em vista a promover a fertilidade e a abundância”¹⁵⁷.

Mas, terminando ou não com o manjar cerimonial, este ritual do baptismo pré-natal era comum, quer no noroeste de Portugal, quer na Galiza.

Passamos a apresentar algumas destas pontes onde se praticaram e, por vezes, ainda se praticam estes baptismos pré-natais, na Galiza:

- **Ponte dos Padriños, ou Ponte Arnelas, sobre o rio Umia, Ribadumia, Pontevedra.**
- **Ponte das Partidas, sobre o rio Tea, Moreira, Pontearcas, Pontevedra.**
- **Ponte da Cernadela, sobre o rio Tea, Riofrío, Mondariz, Pontevedra.**

Transcrevemos, de seguida, a lenda que envolve estas pontes.

“El Puente Arnelas se encuentra situado en el lugar del mismo nombre. Fue edificado en el siglo XVI (...) Se dice que el puente está relacionado con un ritual de bautizo prenatal, que consistía en que en el caso de correr riesgo de aborto una mujer embarazada, se iba hasta el puente con unas viandas y al primero hombre que pasaba le pedía que le bautizara la barriga con agua del río. En el caso de que el embarazo llegara a buen término, ese hombre sería el padrino real del bebé.

¹⁵⁶VASCONCELOS, José Leite de – *Emografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, 1985, p. 47.

¹⁵⁷OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984, p. 205.

Arredor da Ponte das Partidas, na parroquia de Moreira, concello de Pontearas (Pontevedra), existe unha lenda que asegura que foi construída polos mouros (os personaxes tan típicos da mitoloxía galega) nunha soa noite, e outra que di que os mouros (os que loitaban contra os cristiáns) non a podían atravesar e que caían ao río cando chegaban ao medio.

Pero nesta ponte, ao igual que na de Cernadela, concello de Mondariz (Pontevedra), faise tamén un vello rito, o do *bautismo prenatal*, que siguen as mulleres embarazadas que, por algunha razón, corren o risco de perder ao bebé que levan dentro. Non consiste máis que en facer o bautizo do neno non-nato durante o embarazo, un rito que se atopa moi estendido por toda Galicia con lixeiras variantes. Nalgúns sitios incluso esixen que a ponte teña un cruceiro no medio. En Moreira estivo tan estendido noutro tempo que incluso hai quen a chama «Ponte das Paridas» por mor deste vello rito. Consiste, máis ou menos, no seguinte, segundo me explicaron varios veciños de Moreira.

A muller embarazada, en compañía do seu home e de algúns amigos ou familiares, deberá acudir á ponte pouco antes da medianoite, levando todo tipo de viandas como se naquel punto se fose celebrar un bautizo normal: comida en abundancia, viño, pan... Ao chegar á ponte, a muller entrará nela ata a metade, ata onde se atopa o arco grande, portando un caldeiro pequeno e una corda que chegue ata o río, e ficará alí, no medio, esperando. Os seus acompañantes deberán permanecer en cada unha das entradas da ponte impedindo por todo los medios que ninguén a cruce. A calquera persoa ou animal que intente atravesala, deberán impedirlo, xa que iso suporía un risco de que o neno non nacesse ben e trouxese canda el algún tipo de tara ou enfermidade. Estes *gardas* da ponte deberán convencer á persoa que pretenda cruzar de que participe no rito ou espere ata que este se faga.

Cando alguén acepte participar no *bautizo prenatal*, deberá subir canda á muller, ao medio da ponte. Unha vez alí, co caldeiro e coa corda, deberá recoller un pouco de auga do río. Con esta auga, deixándoa esbarar polo ventre da muller, o home deberá repetir as mesmas palabras que o cura diría nun bautizo eclesiástico habitual: *No nome do Pai, do Fillo e do Espírito Santo*. Pero ollo: ninguén deberá dicir a palabra *Amén*, xa que iso queda unicamente reservado para o cura cando, xa na Igrexa, se faga o ritual cristián do bautizo. Din que desta maneira, pronunciando a palabra *Amén*, tamén se corre o risco de que o neno non naza ben.

Unha vez feito este rito do bautizo, queda a celebración. Todos deberán xuntarse á beira do río e dar cumprida conta da comida que levaron da casa: o xamón, o queixo, a mel, o viño... Unha vez rematada a celebración, deberán voltar ao medio da ponte e, dende alí, tirar á auga todo o que sobre, para que tamén o río participe da celebración. Seica non pode voltar absolutamente nada para a casa, nin o mantel, nin os vasos, nin os garfos, nin restos da comida... ¡Nada! É o tributo que se lle paga ao río por permitir o bo nacemento do neno.

E di a tradición que é aconsellable poñerlle ao neno o nome do seu *padriño prenatal* cando se bautice polo rito tradicional da Igrexa. E aínda din algúns que se esa persoa acepta ser o *padriño eclesiástico* do neno, con toda probabilidade ese neno será agraciado pola fortuna.”¹⁵⁸

¹⁵⁸FERNÁNDEZ, Manrique – Pontearas máxica. Mitos, ritos e lendas, Pontearas, 2002. [Consult. 20 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.galiciaencantada.com/dentro.asp?c=0&id=449>>.

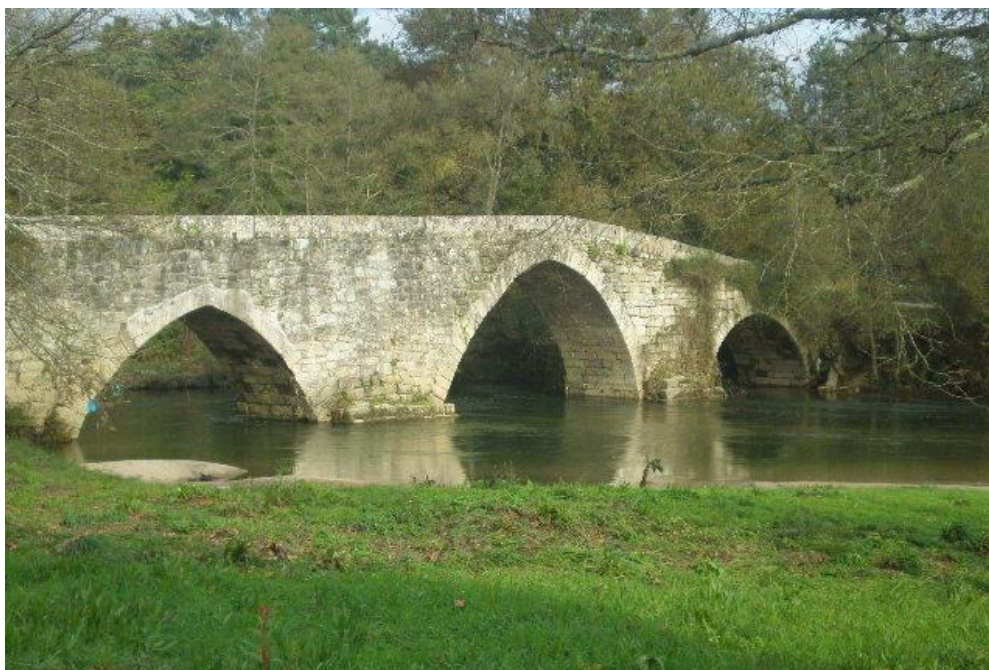


Ilustração 1 – Ponte das Paridas. Fonte: Wikipédia ¹⁵⁹

Relativamente à Ponte das Partida, é-nos dito ainda que “Xunto dela practicábanse cultos á fertilidade”¹⁶⁰.

➤ **A Ponte do Ramo, sore o rio Umia, Cuntis, Pontevedra.**

“Aún cuando el rito del bautismo prenatal (...) no hace muchos años seguía realizándose en A Ponte do Ramo. De hecho, conocemos a varias mujeres, algunas relativamente jóvenes, que se han sometido a esté ceremonial y a muchas personas que, en más de una ocasión incluso, actuaron como padrinos o madrinas y ejecutantes del bautismo.”¹⁶¹

➤ **A Ponte da Ramallosa, sobre o rio Miñor, Nigrán, Pontevedra.**

O jornal *La Voz de La Galicia* refere também, num artigo de 4 de Dezembro de 2011, “o bautismo prenatal, nunha das pontes medievais máis emblemáticas, a da

¹⁵⁹Wikipédia. [Consult. 15 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL:[http://gl.wikipedia.org/wiki/Ponte_das_Partidas#mediaviewer/File:Ponte_Das_Partidas_\(3\).JPG](http://gl.wikipedia.org/wiki/Ponte_das_Partidas#mediaviewer/File:Ponte_Das_Partidas_(3).JPG)>.

¹⁶⁰O Noso Patrimonio [Consult. 30 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://onosopatrimonio.blogspot.co.uk/2011/07/pontes-de-galiza.html>>.

¹⁶¹FUENTES ALENDE, José, El bautismo prenatal en "A Ponte Do Ramo". Pontevedra: CUNTIS 1988. [Consult. 2 Maio de 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.funjdiaz.net/folklore/07ficha.cfm?id=746>>.

Ramallosa, no concello de Nigrán. O rito consiste en botar auga do río sobre o ventre dunha nai que tivo problemas en embarazos anteriores”¹⁶².

A respeito desta ponte, encontramos outra versión da lenda: “cando unha muller non pode procrear vai de noite ata a ponte e, ao chegaren ao medio, debe pedir ao primeiro viandante que pase polo lugar que colla auga do río e lla espaxa dende o colo ata o ventre. O benfeitor será logo o padriño”¹⁶³.

- **Ponte Vella de Andón, sobre o río Lérez, Forcarei, Pontevedra.**
- **Ponte de Gamaíl, sobre o río Lérez, Forcarei, Pontevedra.**
- **Ponte de Parada, sobre o río Lérez, Cerdedo, Pontevedra.**
- **Ponte de Pedre, sobre o río Lérez, Cerdedo, Pontevedra.**

“Na Galiza elazos de unión de las tradiciones seculares alrededor del agua con los ancestrales enxebramentos, ritos propios del folclore gallego que equivalían al bautismo de los nonnatos o bautismos anticipados cuando se temía por la vida de la criatura en el vientre materno, al igual que los rituales de fertilidad o de exorcismo. De la práctica de los variados tipos de ritos hídricos existe constancia en algunos puentes del Lérez, como Ponte Vella de Andón, Gomaíl, Parada o Pedre”¹⁶⁴.

- **Ponte de San Antón, sobre o río Seixo, Cerdedo, Pontevedra.**

Num artigo de 3 de Marzo de 2013, do jornal Faro de Vigo, Carlos Solla diz-nos o seguinte:

“A ponte de Santo Antonio, provista do signo cristián, convértese en estación propiciatoria para ritualizar o bautismo anticipado ou prenatal (coñecido no lugar por *enxebramento*). Así o reflectín no meu *Almanaque de encantos* (2005): «A muller que non atinxía quedar en estado, a muller que arelaba un embarazo levadeiro, a muller que desexaba fillo san e aleuto procuraba por compañía un parente ou persoa de confianza e tras a medianoite e en segredo, achegábanse á ponte. Alí, ao pé do cruceiro que coroa o peitoril, adobiado co trevo das catro follas, agardaban polo parroquiano que primeiro atravesase o río. Este, se quixer, apadrinaría, participando no rito onde o ventre da ofrecida era unxido coa auga do prodixioso relanzo. Durante a cerimonia non debían atravesar a ponte can nin gato. Á crianza adoitábaselle pór o nome de Antón». A cerimonia parasacramental finalizaba co sabido retrouso *No nome do Pai, do Fillo e do Espírito Santo*. Quen o pronunciaba abstínase de dicir *amén*. A auga, bieita de seu, íase procurar baixo a ponte. Tras o bautismo, cumpría agasallar o

¹⁶²La Voz de Galicia [Consult. 5 de Maio 2013]. Disponível na internet: <URL:http://www.lavozdeg Galicia.es/gentytelevision/2011/12/04/0003_201112G4P77999.htm>.

¹⁶³O Noso Patrimonio. [Consult. 30 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://onosopatrimonio.blogspot.co.uk/2011/07/pontes-de-galiza.html>>.

¹⁶⁴Concello de Forcarei. [Consult. 8 Maio 2013]. Disponível na internet: <URL:http://www.forcarei.net/pan2.asp?idm=1&tit1=Sendeiros%20de%20Montes&tit2=Sendeiros%20de%20Montes&img=../images/colle/Escudo_small.gif&tab=contido&id1=20>.

padriño ou a *madrinha* cuns petiscos. Os sobexos, tributo higromántico, debíanse guindar ao río”¹⁶⁵.



Ilustración 2 - Ponte de San Antón. Fonte: Grupo de Andainas Rias Baixas¹⁶⁶

O festim colectivo representa energia vital¹⁶⁷. E esta energia vital é un elemento intrínseco dos ritos de fertilidade.

“A fecundidade é, en si mesma, unha realización, e portanto un esgotamento de todas as posibilidades até entón virtuais. O home *primitivo* vive en perpétua ansiedade de ver esgotarem-se as forzas útiles que o rodeiam. (...) E a ansiedade é aínda máis aguda cando a desagregación da *forza* parece ser devida á intervención do home (...). Neste caso ofrecen-se sacrificios (...).”¹⁶⁸

E son estes sacrificios que acalman a ansiedade e dan unha esperanza renovada. A este respecto, Martins Sarmiento diz-nos o seguinte:

“O culto das augas e nomeadamente das fontes era común en todo o mundo ariano, e entre nós deixou reminiscencias verdadeiramente notábeis. Basta lembrar a *Fonte do leite*, na Ponte da Barca, aonde unha muller, a quem seccou o leite por calquera motivo, vaee levar unha *offerta branca*, na firme esperanza de que a súa devoción será coroada do mellor éxito, sen pensar na intervención de Deus ou de calquera santo”¹⁶⁹.

¹⁶⁵SOLLA, Carlos, A Ponte de Santo Antonio de Cerdedo, 2013, [Colsut. 27 Maio 2013]. Disponível na internet:

<URL:<http://www.farodevigo.es/portada-deza-tabeiros-montes/2013/03/03/ponte-santo-antonio-cerdedo/767368.html>>.

¹⁶⁶Grupo de Andainas Rias Baixas. [Colsut. 20 Maio 2013]. Disponível na internet:

<URL:http://grupodeandainasriasbaixas.blogspot.pt/2014_01_01_archive.html>.

¹⁶⁷ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 453.

¹⁶⁸ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, pp. 430-431.

¹⁶⁹SARMENTO, F. Martins – *A Propósito dos «Roteiros de Tesouros»*, in Revista de Guimarães, vol 5, Porto, 1888, p. 6.

As oferendas que se levam às águas são sempre vestígios de cultos pagãos. Estas oferendas pagãs continuaram a existir no contexto cristão, como podemos ver no seguinte exemplo: “Para terem parto fácil as mulheres vão levar uma rasa de sal à senhora do Castelinho, sítio do Castelinho, freguesia de Avessadas, concelho de Marco de Canaveses”¹⁷⁰. Também aqui se estabelece a relação com a água, através do sal, que se liga ao mar.

Voltando às pontes do baptismo pré-natal, diferentes etnógrafos recolheram ainda a prática deste baptismo no ventre da mãe nas seguintes pontes galegas:

- **Ponte do Tamuxe, sobre o rio Tamuxe, Tabagón, Rosal, Pontevedra.**
- **Ponte da Fillaboa, sobre o Tea, Salvaterra de Miño, Pontevedra.**
- **Ponte Vella de Mourentán, sobre o rio Deva, Arbo, Pontevedra.**
- **Ponte de Sampaio, sobre o rio Verdugo, Ponte Sampaio, Pontevedra.**
- **Ponte romana de Ourense, sobre o Minho, Ourense.**
- **Ponte do Porco, sobre o rio Lambre, entre os rios Minho e Paderne.**
- **Varias pontes sobre o rio Caselas, Salceda de Caselas, Pontevedra.**

Quanto aos exemplos portugueses, já contamos neste capítulo uma lenda relativa a um certo lugar, *na confluência das terras dos Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e de Ponte de Lima*, no rio Lima, contamos também a lenda da Ponte de Barcelos, no rio Cávado, e transcrevemos a lenda contada por Leite Vasconcelos em várias pontes de Melgaço, todas na temática dos Baptismos Nocturnos.

Vejamos, agora, a narrativa de Eduardo Machado Cruz, relativa à Ponte da Barca e escrita em 1933, transcrita por Joaquim Lino da Silva, em 1987, no artigo sobre *A Ponte da Misarela*.

➤ **Ponte da Barca, sobre o rio Lima, Ponte da Barca.**

“Numa das noites do último mês, a mulher vai postar-se na meia laranja brasonada da Ponte da Barca, extremos do dois concelhos de Ponte da Barca e Arcos de Valdevez, antes da meia noite, e aí espera a passagem da primeira pessoa que faça o baptizado, com água tirada do rio, por um púcaro de barro, suspenso de uma corda.

Neste particular o ritual oferece dúvidas que o padrinho resolve, ordinariamente, consoante, as circunstâncias, pois parece não estar bem assente se a água deve ser tirada, ao dar da meia-noite, por qualquer das pessoas presentes, ou se deve tirá-la o padrinho quando chegar.

¹⁷⁰VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. V, 1985, p. 13.

O que é essencial é que este passe por acaso, e não propositadamente, e que, antes dele, depois da meia-noite, não tenha passado fôlego vivo, cão ou gato, ou seja o que for.

O primeiro fôlego vivo terá que fazer o baptizado; um irracional, não tendo alma, é óbvio que a não pode dar.

Por vezes, um cão vadio consegue escapar-se, à surrelfa, cosendo-se com as guardas da ponte e, então, o remédio é voltar, na noite seguinte, à espera de melhor sorte.

E quantas vezes isto acontece, sob temporais inclementes que transformam os caminhos da serra em torrentes impetuosas, ou por noites geladas, de vento cortante, quando a neve parece um espelho de prata, a brilhar, lé em cima, nos cumes da Amarela e do Outeiro-Maior, à claridade da lua cheia.

Outras vezes, ninguém passa, porque o Inverno é rijo, e lá vai uma noite perdida, até à madrugada, para, de novo, recomeçar na noite seguinte, não vá perder-se o inocentinho, por comodismo dos pais...

A primeira vez que assisti a um baptizado da meia noite, teria os meus 18 anos e estava em férias do natal.

(...)

...a noite tinha uma escuridão de breu e o frio próprio das noites do natal.

Quando ia deitar-me, vi bruxulear, no meio da noite, a luz trémula duma candeia de azeite, iluminando, vagamente, um grupo de 3 ou 4 pessoas.

...esperei que da torre da matriz caíssem as 12 badaladas da meia-noite e dirigime para a vila, como quem recolhe a casa, não fosse descoberta a intenção da minha passagem.

Ao aproximar-me, destacaram-se do grupo dois de carapuça e varapau.

–*Faça alto!*

E logo, em tom mais brando, quase suplicante:

–*O senhor faz-nos o favor de fazer uma alminha cristã?*

A pergunta era desnecessária.

Lá estavam os dois cacetes de cerquinho nodoso, para imporem esta fácil caridade, se fosse necessário.

Porque o caso é assim mesmo; ou baptizar ou voltar para trás.

Tirada a água do rio, com o clássico púcaro de barro, suspenso duma corda, avançou a mulher, descobrindo, no meio das roupas entre-abertas, um pouco do ventre abaulado, de grávida no fim do tempo.

Eram da Gavieira (freguesia do concelho de Arcos, de que faz parte a Peneda, no mais alto da serra, a confinar com a Espanha), aquela raça primitiva, rija e seca de carnes, que ainda hoje constrói cabanas circulares de pedra, nas brandas da serra, com o tipo arquitectónico das velhas citânias célticas.

Tinham saído de manhãzinha, porque os dias são curtos e os caminhos longos e ásperos, naquelas montanhas, que as enxurradas do Inverno roçavam, desapiedadamente.

Depois, a mulher estava tão pesada, coitadinha!...

Sabe Deus, como ela se arrastou até ali.

(...)

A cerimónia do baptizado é simples.

Embebido na água um ramo de oliveira, asperge-se, por três vezes, o ventre da mulher, repetindo a fórmula:

–*Eu te baptizo, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.*

É preciso não dizer «Ámen».

Nunca consegui averiguar a razão, mas não se deve dizer. Isso fica reservado ao padre, no outro baptismo, depois do nascimento da criança.

Também não se lhe põe nome, na impossibilidade de saber se será macho ou fêmea.

E, cumprido o ritual, vá de animar a mulher, enquanto os homens oferecem do que trazem nas sacas brancas, de estopa, suspensas a tiracolo.”¹⁷¹

Leite Vasconcelos também refere esta tradição:

“Em Arcos de Valdevez há o mesmo costume, «mas a água que tem essa virtude é a do Lima, além do meio da ponte da Barca e do lado esquerdo... O baptizante apanha, no fim da cerimónia, vinho maduro e doce, quando não uma boa ceia. O mesmo não sucede aos gatos ou cães que se atrevam a querer passar a ponte antes do baptismo: apanham mas é ... comida de urso»”¹⁷².

➤ **Ponte Mem Guterres, sobre o rio Ave, Póvoa da Lanhoso.**

“Mulher que, andando grávida, se revelasse incapaz de levar a gravidez a termo ou lhe costumassem morrer os filhos logo após o nascimento, alcançaria bons resultados caso se dirigisse à noite a determinada ponte, onde teria lugar um estranho cerimonial de baptismo in ventre do nascituro.

Trata-se da ponte de Mem Guterres, também conhecida por ponte de Domingos Terne, que se ergue na freguesia de Esperança e transpõe o rio Ave, à qual, segundo conta o povo da terra, anda associado grande mistério. Esta tradição, já descrita em finais do século XIX, por Francisco Martins Sarmiento, nos seus apontamentos etnográficos, ainda inéditos (vide Anexo), é referenciada igualmente noutros locais, nomeadamente na Ponte da Barca (Pina Cabral, 1989:135).”¹⁷³

➤ **Ponte de Donim, sobre o rio Ave, Guimarães.**

“Dentro do acervo documental que nos foi legado por Martins Sarmiento, podem recolher-se algumas tradições populares que se relacionam com Donim. (...) A primeira tradição entra dentro de um grupo muito particular de crenças relacionadas com pontes: os baptismos nocturnos. Francisco Martins Sarmiento refere esta prática na ponte de Donim de forma quase sempre indirecta ou como nota aos factos descritos para outras pontes. É o que acontece, nomeadamente, com a ponte de Domingos Terne (Póvoa de Lanhoso). A prática é conhecida: uma mulher estéril, ou com dificuldades em dar à luz, dirigia-se à ponte à meia-noite. A primeira pessoa que passasse deveria acompanhá-la ao rio e aspergi-la com a água. (Sarmiento, 1998, p. 29). Não sabemos quais as palavras empregues pelo ministrante do baptismo. Para o caso da ponte de Domingos Terne, os termos proferidos eram: «Eu te baptizo, criatura de Deus, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo». (Sarmiento, 1998, p. 81) Ilustrando esta prática, Francisco Martins Sarmiento conta o seguinte episódio: «O Almeida, meu falecido feitor, chegou a levar a mulher, quando ela andava grávida e na ideia de poder vingar um filho (morriam-lhe todos) à ponte de Donim, para lhe aplicar a água do rio etc., segundo a superstição conhecida». (Sarmiento, 1998, p. 223)”¹⁷⁴.

¹⁷¹SILVA, Joaquim Lino – *A Ponte da Misarela*, in Revista Lusitana (Nova Série), 8, 1987, pp. 72-74.

¹⁷²VASCONCELOS, José Leite – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, 1985, p. 48.

¹⁷³Casa de Sarmiento. [Consult. 20 Junho 2014]. Disponível na internet: <URL:http://www.csarmiento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG104_03.pdf>.

¹⁷⁴FAURE, Francisco G. C. Líbano Monteiro – *Ponte de Donim. Algumas notas de caris arqueológico-histórico*, 1ª ed. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2006, p.12.

➤ **Ponte de Mouro ou Ponte Pedrinha, sobre o rio Mouro, Monção.**

“Em Monção «a mulher casada vai à Ponte de Mouro ou Ponte Pedrinha, acompanhada de uma ou duas pessoas por causa do medo, e na passagem da ponte da virtude esperam que passe o primeiro viandante, o qual tem de forçosamente ser o ministro, baptizando no ventre materno o que há-de nascer e escapar à terrível parca».”¹⁷⁵

Para terminar as lendas do baptismo no ventre, transcrevemos de seguida a lenda da Ponte da Misarela, na versão de José Dias Baptista.

➤ **Ponte da Misarela, sobre o rio Rabagão, Montalegre.**

“As mulheres grávidas, com medo de abortar, dirigiam-se à ponte ao anoitecer e esperavam pacientemente que se verificassem duas coisas: que não passasse animal algum depois do pôr-do-sol e que a primeira pessoa a passar se dispusesse a baptizar o feto que trazia na barriga. Se tais condições se verificassem, a pessoa passante colheria das profundezas, com uma vasilha segura por uma corda, um pouco de água e, logo ali, regava o ventre da mulher desenhando cruces e pronunciando ao mesmo tempo o ensalmo:

*Eu te baptizo pelo poder de Deus
e da Virgem Maria!
Padre-Nosso e Avé-Maria!
Se fores menina (menina)
Serás Senhorinha;
Se fores rapaz
Serás Gervás (Gervásio).*

A verdade é que são ainda muitas as pessoas que carregam esses chamadouros, saídos das noites passadas na ponte da Misarela!”¹⁷⁶

E, como diz Leite Vasconcelos, “Quando, nascida a criança, for a baptizar à igreja, há-de conservar-se o nome posto na ponte; se o mudarem, a criança morrerá”¹⁷⁷.

Foram estas as lendas que encontramos, partindo de uma das lendas da Ponte da Misarela. No capítulo seguinte, abordaremos a lenda relacionada com a Santa Senhorinha, tentando entender os nomes de Senhorinha e de Gervásio, obrigatórios na Misarela.

¹⁷⁵VASCONCELOS, José Leite de – *Emografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, 1985, p. 47.

¹⁷⁶BAPTISTA, José Dias – *Montalegre*, 1ª ed. Montalegre: Edição Município de Montalegre, 2006, pp. 80-82.

¹⁷⁷VASCONCELOS, José Leite de – *Emografia Portuguesa*, 1º ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. VIII, 1985, p. 47

IX. A lenda de Santa Senhorinha

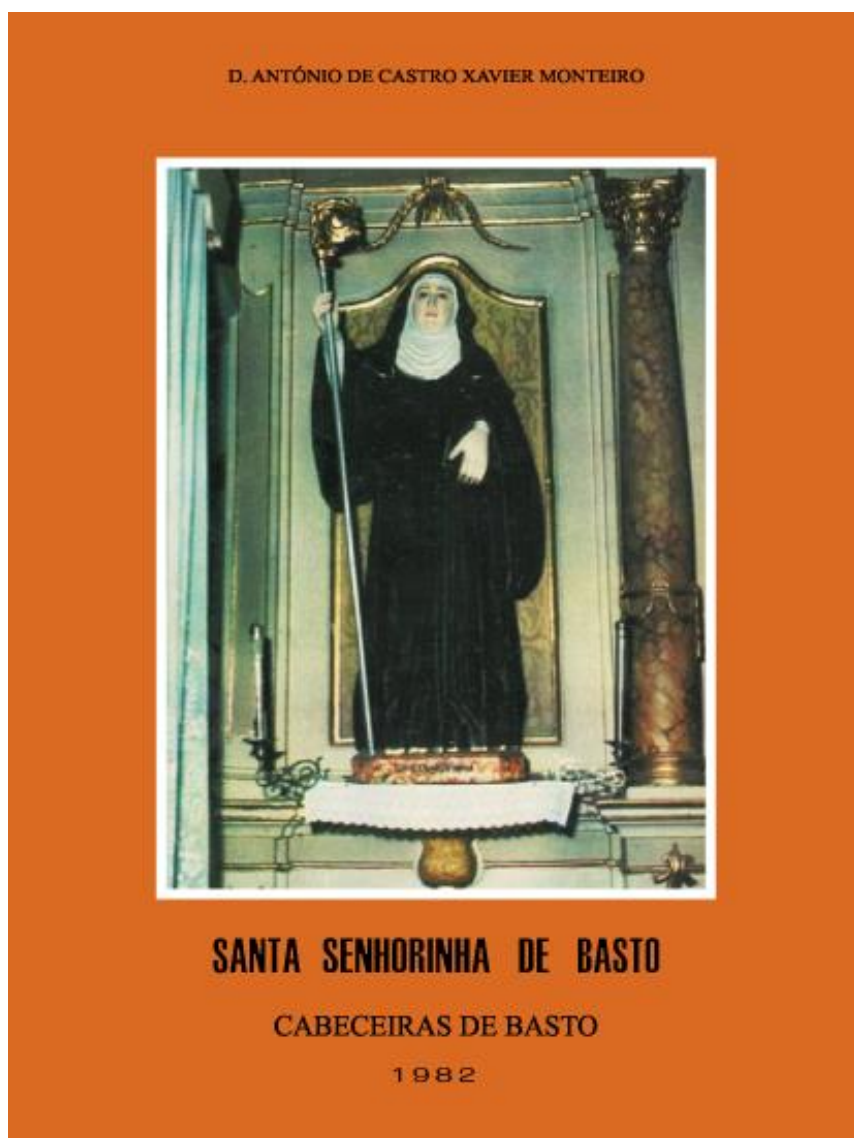


Ilustração 3 - Imagem de Santa Senhorinha. Fonte: Santa Senhorinha de Basto ¹⁷⁸

Passamos a transcrever a lenda, segundo Anselmo Braamcamp Freire, que a contou no *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Sintra*.

“No alcáçar reinava o silêncio.

Das paredes da sala de armas pendiam as espadas, as béstas; aos cantos estavam arrumadas as lanças, as ascumas, as frechas; e sôbre todas estas armas outrora luzentes, se estendia agora uma camada de pó. Para elas o repouso usava a ser pouco, e os vizinhos Sarracenos d'além Doiro de contínuo lhes sentiam os golpes.

¹⁷⁸Santa Senhorinha de Basto. [Consult. 13 Julho 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://santasenhorinha.pt/parquiabasto>>.

No pátio os almogavares e os bêteiros ora passeavam, ora se sentavam na soleira dalguma porta, nos degraus dalguma escada, sonolentos, aborrecidos com a desusada inacção, procurando com os olhos instinctivamente o seu adail, cuja vista pelo menos lhes recordaria a lide desejada. Na varanda alpendrada, e na contígua sala de armas, encostados a um pilar, a uma ombreira, junto aos limiares das portas, em grupos, entretinham-se os homens de armas, os escudeiros, os pajens do Conde. Todos tristes, contando baixinho uns aos outros novidades, velhas para êles; recordando a formosura e garbo da Condessa, quando na sua hacaneaia chegara ao castelo, desposada do Conde, o modo lhano e afável que para todos tinha, o amor extremo com que ela e o marido se queriam, a sua bondade para os pobres, a sua indulgência para os servos da gleba, para os escravos, E um recordava um caso, e outro recordava outro, e todos acabavam com um suspiro, lastimando a tam inesperada morte.

E então pela centésima vez contavam, como tinha sucedido: a criança nascera bem; era muito franzina sem dúvida, mas estava viva e sã; a mãe, depois do inevitável padecimento, aconchegara a si a recém-nascida, e descancara risonha com a filha ao lado; o Conde, radiante, saíra da câmara a participar a notícia, e ordenara ao ovençal para dar à farta de comer e beber aos vassalos e moradores do castelo, a fim de festejarem condignamente o feliz successo; o senhor não se importara da criança ser uma donzela, visto que o primogénito era um rapaz.

Lembravam ainda: que ao outro dia já a Condessa tinha os olhos luzentes, as faces coradas em demasia; que estava inquieta, indiferente à filha: que a noite seguinte fôra de agitação e desassossêgo na doente, de perturbação e terrores no marido e em toda a família; e que êstes terrores foram fundados, porque a febre recresceu, e D. Teresa exalou o último suspiro.

E com lágrimas recordavam os derradeiros momentos, a volta da razão, o adeus saudoso ao marido e aos dois orfãozitos, e a fé viva com que se abraçara à cruz, que lhe estendia o confessor, frade bento do mosteiro de Pombeiro, padroado da casa.

¿E o Conde? Sentado junto ao leito da morta na sua cadeira de assento e respaldo de coiro, no qual se via lavrada uma caçada, com o corpo dobrado para diante, os cotovelos fincados nos braços da cadeira, a cara nas mãos, deixava silenciosamente correr as lágrimas. E pensava naqueles anos tam breves de suprema ventura; no dia do casamento, quando a trouxera para o castelo; no pranto a custo por ela sustido, quando do alto do eirado lhe dizia adeus no momento da partida para fossado além Doiro; na terna vivacidade, com que à volta ela se lhe lançava ao pescoço, não reprimindo então as lágrimas por estas serem de alegria.

¿E tudo isto tinha acabado! ¿e aquela mulher tam querida jazia ali, fria, inanimada, dentro em pouco invisível para sempre! ¿Ficara só no mundo!

Não, não ficara, porque, além do filho, agora com a idea de o alentar, lhe traz a ama para o pé a recém-nascida.

—Ai! quam miudinha és, minha senhorinha! E com soluços e choros continua:

—Filha, a Cristo Deus te ofereço, e a Êle próprio te encomendo, para que Êle mesmo dirija teus passos até à sua presença. — E à ama diz:

—Vai, tem cuidado nela, e com toda a deligência a guarda e a conserva.

E a ama levou a criança, que Senhorinha se ficou chamando, e depois de desmamada a entregou o pai, para a educar, a sua cunhada Godinha, que hoje se venera no altar. Tomou-lhe a beata afeiçao de mãe, e vendo-a tam pura, tam meiga, quis desprendê-la do mundo, e, exaltando na sua mente a virtude da castidade, lançá-la nos braços de Jesus.

Fácil lhe foi o conseguimento.

Tinha Senhorinha sete anos, quando o filho de um riquíssimo Conde da linhagem dos reis a requestou; ela porém prestes o desengana, dizendo-lhe que nem êle, nem a casa paterna, a possuiriam.

Despeitado o Conde Avulfo, a quem o pretendente narrara o sucedido, manda vir a filha à sua presença, interroga-a a tal respeito e recebe esta resposta:

— ¿Que é isto, meu pai? ¿que é isto? Por ventura não me escolheste um excelente esposo e senhor? ¿Por ventura não me oferecetes a Deus, óptimo e máximo?

Enleiado despede-a o pai, que inquieto e preocupado, chegada a noite, se lança na cama, onde, depois de muito pensar no destino a dar à filha, afinal adormece. Eis que se lhe mostra um Anjo do Senhor, a animá-lo e confortá-lo, dizendo-lhe, para não ter mais insónias por via da filha, pois ela escolhera o melhor destino, e, já que pretendia ser esposa de Jesus, a deixasse seguir sua vocação.

Logo ao amanhecer, alegre procura Avulfo a filha, e conta-lhe a visão.

Manda em seguida proceder no seu condado, na encosta sobranceira ao rio Ave, à edificação de um mosteiro, que do orago e da terra se ficou chamando de S. João de Vieira. Dota o Conde o novo cenóbio, põe-lhe por abadessa Godinha, e nele assiste à profissão da virgem, que em 970, tendo apenas oito anos, tomou o hábito de S. Bento.

Morta Godinha, sucede-lhe Senhorinha no abadessado, e poucos anos depois troca o mosteiro de S. João pelo de Basto, que a rogos seus edificaram seus parentes. Aqui viveu o resto dos seus dias, entregue às orações, enfraquecida pelos constantes jejuns, mortificada pelos cilícios; mas cheia da graça divina, que nela se patenteava claramente por meio dos milagres por sua intercessão operados.

Faz com que apareça farinha, quando no mosteiro já não havia de comer; manda calar as rans, que perturbam os cânticos religiosos; transforma a água em vinho; arreda a tempestade iminente; despedaça umas poucas de noites seguidas os grilhões, que prendiam seu irmão; e ainda depois de morta, além de dar a vista a um cego e de fazer outros milagres, era o seu túmulo manancial perene de terra santa, remédio eficaz para as moléstias de todos aqueles, que com fé a traziam ao pescoço.

Morreu a virgem santa com cinquenta e oito anos no dia de S. Jorge, 23 de Abril, do ano de 1020. Jaz enterrada na sua igreja de Basto, e reza-se dela no dia 22 de Abril.

Tal é a poética e singela lenda de Santa Senhorinha de Basto, narrada em precioso códice do século XII impresso nos *Portugaliae monumenta historica*.¹⁷⁹

A introdução da festa da Santa Senhorinha em calendários litúrgicos portugueses data do século XIII¹⁸⁰. Durante a Idade Média, foi grande a veneração a Santa Senhorinha, pelos portugueses, originando várias peregrinações ao seu túmulo¹⁸¹, em Terras de Basto. Entre os devotos de Santa Senhorinha, encontram-se algumas pessoas ilustres, nomeadamente o rei D. Sancho I¹⁸².

Quanto à ligação da Santa Senhorinha com a Ponte da Misarela, Geraldo Dias diz-nos que esta “é uma ponte muito antiga, romano-medieval, por onde passavam peregrinos

¹⁷⁹FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Sintra*, 1ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921, pp. 201-204.

¹⁸⁰MARTINS, Mário – *Peregrinações e Livros de Milagres da nossa Idade Média*, 1ª ed. Lisboa: Edições Brotéria. 1954, pp. 41-46.

¹⁸¹MONTEIRO, António de Castro Xavier – *Santa Senhorinha de Basto*, 1ª ed. Cabeceiras de Basto: Comissão Fabriqueira de Basto, 1982, p. 38.

¹⁸²DIAS, Geraldo J. A. Coelho – *D. Sancho I, Peregrino e Devoto de Santa Senhorinha de Basto*, in *Revista da Faculdade de Letras/História*, II Série, Vol. XIII, Porto, 1996, pp.66-67.

a caminho de S. Tiago de Compostela. A ela está ligado um curioso culto dos irmãos S. Gervásio e Santa Senhorinha, que a tradição faz naturais da vizinha região de Basto e que, aqui, teriam atravessado o rio para ir a Compostela e ao mosteiro de Celanova visitar seu primo S. Rosendo”¹⁸³. Acrescenta ainda o seguinte:

“de facto, existe na região uma lenda de gostoso sabor antropológico-cristão segundo a qual, quando para uma mulher o período de gestação foi atribulado ou já houve nado-morto, se deve fazer o baptismo pré-natal no útero da mãe, extra-sacramental, por um padrinho ali surpreendido, de noite e ao acaso. Este, deitando água do rio sobre o ventre materno, deverá dizer a seguinte fórmula:

*Eu te baptizo, criatura de Deus,
Pelo poder do Senhor e de Santa Maria.
Se fores rapaz, serás Gervaz;
Se fores menina, serás Senhorinha.*

Assim se conserva nas terras barrosãs o culto memorial dos santos irmãos Gervásio e Senhorinha, ligados ao poder mágico da água da ponte da Misarela”¹⁸⁴.

Verificamos, então, que na lenda da Misarela estes nomes estão acima de tudo relacionados com a travessia do Rabagão, rementendo-nos, novamente, para o carácter sagrado do rio, que já vimos em capítulos anteriores.

¹⁸³IBIDEM, p.66.

¹⁸⁴IBIDEM, pp.66-67.

X. O carácter sagrado da ponte

A ponte apresenta o simbolismo da passagem, de um modo quase universal.

“No mabinogi de Branwen, filha de Llyr, os exércitos galeses invadem a Irlanda para vingar a triste sorte de Branwen provocada pelo seu marido Matholwch, rei da Irlanda, são detidos por Shannon, rio mágico no qual não existe qualquer ponte e que nenhum barco consegue atravessar. O rei Bran deita-se, então, a toda a largura do rio, de uma margem à outra, e os exércitos passam sobre o seu corpo. O texto galês vê neste episódio mítico a origem do aforisma *Quem é chefe seja ponte*.”¹⁸⁵

Também entre os romanos encontramos o mesmo sentido. A palavra pontífice deriva de *pontem facere*. Assim, “o título de Pontifex, que outrora foi reservado ao imperador romano e agora continua a ser o do Papa, significa construtor de pontes. O pontífice é ao mesmo tempo o construtor e a própria ponte, como mediador entre o céu e a terra”¹⁸⁶.

A tradição da construção de pontes apresenta-se, então, antiga e honrosa. A este nível, os romanos deixaram-nos pontes que são consideradas obras de grande valor. Destas destacamos, na Península Ibérica, a ponte de Alcántara, sobre o rio Tejo. Esta ponte tem a particularidade de ter, junto ao rio, um pequeno templo romano dedicado ao seu construtor, chamado Lácer e cristianizado na Idade Média com o nome de São Julião.

Também em Amarante, a Igreja de S. Gonçalo se situa junto à ponte, construída ou reconstruída, em meados do século XIII, por S. Gonçalo. E ainda que esta ponte se tenha desmoronado a 10 de Fevereiro de 1763, a nova ponte, de 1790, com projecto de Carlos Amarante, continua a chamar-se Ponte de S. Gonçalo.

Vejamos, ainda o milagre de Frei Lourenço Mendes:

“entrou no desígnio de fazer a ponte de Cavez no rio Tamega, com as esmolas que pedia: fundando-a no lugar que divide o Minho de Trás-os-Montes, e andando os officiaes no trabalho cahio um no rio e morreu, lastimados os companheiros acudiu Fr. Lourenço aos gritos e chegado ao rio tocou com o seu bordão e o mandou levantar, o que ele fez, restituído a seus sentidos”¹⁸⁷.

De acordo com a lenda local, Frei Lourenço Mendes sentiu tamanha alegria quando concluiu a ponte, que morreu fulminado. Foi, então, sepultado junto a uma das

¹⁸⁵CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 534.

¹⁸⁶IBIDEM.

¹⁸⁷AZEVEDO, Pe Torcato Peixoto – *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, Porto: Typographia da Revista, 1845, p. 339.

cabeceiras da ponte e, sobre o seu túmulo foi gravada a inscrição: *Esta é a ponte de Cavez e aqui jaz quem a fez.*

Fernando da Silva Correia, no seu estudo *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, refere o seguinte:

“o interesse pela construção de pontes levou na Idade Média à formação de verdadeiras comunidades religiosas, como a dos ‘hospitaleiros pontífices’ ou ‘pontistas’, que tomava a seu cargo essa missão, formadas por irmãos, verdadeiros e competentes arquitectos, engenheiros e operários, vivendo em comunidade e fazendo voto de pobreza, celibato e isolamento, dedicando-se não só à construção de pontes como à de diques e caminhos, e à instituição de barcas para a passagem de rios, garantindo a conservação das obras por meio de pequenas importâncias que os que passavam pagavam de portagem”¹⁸⁸.

A título de exemplo, referimos S. Benezet que, em 1165, fundou a devota confraria dos Pontífices, à qual se deve a ponte de Avinhão, construída em 1188.

“Organizaram-se então verdadeiras campanhas a favor da construção de pontes. As indulgências para quem custeasse essa construção eram grandes. Mas a maior parte delas foi feita à custa de milhares de esmolas que ocorriam de toda a parte, em virtude das indulgências também concedidas a quem desse o seu óbolo, por pequeno que fosse.”¹⁸⁹

Contribuir para a construção de uma ponte seria, assim, similar a contribuir para a construção de um templo: rendia indulgências, a remissão dos pecados concedida pela Igreja. O que traduz o carácter sagrado da ponte.

Contudo, também aqui há uma ambivalência do sagrado. Uma vez que “Quem atravessava um rio, ou lhe punha uma ponte, *profanava* o seu domínio”¹⁹⁰. Esta ambivalência do sagrado é comum, Eliade diz-nos que “*sacer* pode significar ao mesmo tempo *maldito* e *santo*”¹⁹¹, da mesma forma, «*hagios* pode exprimir ao mesmo tempo a noção de *puro* e de *poluído*”¹⁹².

A própria Igreja que dava um cariz sagrado ao acto de construir uma ponte, procedia, ainda assim, à bênção das pontes novas. Leite Vasconcelos vê nesta bênção de uma ponte nova, pela Igreja, “vestígios de propiciação de antigas divindades fluviais a cuja

¹⁸⁸CORREIA, Fernando da Silva – *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, 1ª ed. Lisboa: Henrique Torres Editor, 1944, p. 145.

¹⁸⁹IBIDEM.

¹⁹⁰VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 522.

¹⁹¹ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa: Edições Asa, 1992, p. 42.

¹⁹²IBIDEM.

protecção as pontes ficavam entregues”¹⁹³. Assim, na simbólica da ponte, “dois elementos se destacam, portanto: o simbolismo da passagem, e o carácter frequentemente perigoso dessa passagem, como é o de toda a viagem iniciática”¹⁹⁴.

Para Jung, a própria mudança é, muitas vezes, simbolizada pelo acto de atravessar um curso de água¹⁹⁵. Contudo, esta mudança nunca é inconsequente, ou livre de perigos. Do mesmo modo, atravessar uma ponte não estava isento de perigo, sobretudo à noite. Mas, é precisamente a meio da noite que o povo vê, no acto de atravessar uma ponte, um meio de cura e de regeneração.

Albano Bellino referindo-se às superstições do povo minhoto, refere a crença popular de que “esconjuram-se graves doenças procurando à meia noite nas pontes construídas pelos mouros”¹⁹⁶. Tradição igualmente referida por Leite Vasconcelos e Pedroso.

“Uma légua ao norte de Guimarães há uma ponte por baixo da qual passa o rio Ave, denominada – Ponte de S. João. Quando alguém daqueles sítios está doente e descrê dos socorros da medicina, vai ao meio da ponte, à meia-noite em ponto, acompanhado por um padre, com meio alqueire ou um alqueire de milho alvo ou painço; o padre lê-lhe os exorcismos e o doente atira o milho da ponte abaixo, seguindo de três punhados de sal, e o diabo a quem o padre impõe a obrigação de largar a criatura, lá fica entretido a contar os grãos de milho, até à consumação dos séculos.”¹⁹⁷

Vasconcelos refere ainda que no rio Homem, “Por baixo da ponte (...) existe um *púlpito* construído pelo Diabo. Assegura-se que duas pessoas, que andem desavindas, se reconciliam passando por lá.”¹⁹⁸.

Apesar do seu carácter sagrado, a cultura popular estabelece uma relação entre as pontes e o Diabo, como veremos no capítulo seguinte.

¹⁹³VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 523.

¹⁹⁴CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, pp. 533,534.

¹⁹⁵JUNG, Carl Gustav – *The Man and his Symbols*, 1ª ed. New York: Doubleday & Company Inc., 1964, p. 198.

¹⁹⁶BELLINO, Albano – *Archeologia Christã*, 1ª ed. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal 1900, p. 178.

¹⁹⁷PEDROSO, Consiglieri – *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e outros Escritos Etnogáficos*. 1ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988, p. 246.

¹⁹⁸VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 536.

XI. As Pontes do Diabo

Antes de tentarmos estabelecer relações entre as Pontes do Diabo, voltemos novamente à teoria da memória.

Maurice Halbwachs diz-nos que “é através da pertença a um grupo social – nomeadamente o parentesco, as filiações de classe e de religião – que os indivíduos são capazes de adquirir, localizar e evocar as suas memórias”¹⁹⁹. O carácter memorial, de determinados espaços ou lugares, é muito importante para pautar a história das comunidades, transformando-se em lugares de memória, frequentemente celebrados e recriados²⁰⁰.

Contudo, aquilo que une as nossas memórias não é o facto de serem contíguas no tempo, mas o facto de fazerem parte de um conjunto de pensamentos comuns a um grupo. “Os grupos dotam os indivíduos de quadros mentais no interior dos quais as suas memórias se localizam, e as memórias são localizadas por uma espécie de cartografia”²⁰¹.

As lendas das Pontes do Diabo, praticamente idênticas, são comuns a um grupo bastante grande, que engloba diferentes línguas e costumes diversos. São referidos muitos exemplos destas pontes em toda a Europa, como veremos nos próximos capítulos.

Mas, por que razão se atribuiu ao Diabo a construção destas pontes?

“Poder-se-ia ver nesta denominação uma espécie de confissão da extrema dificuldade de construir essas obras de arte e a admiração pela sua beleza e solidez. É como se os arquitectos e os engenheiros, incapazes de tal êxito por si próprios, tivessem de recorrer a toda a habilidade de Lúcifer”²⁰².

Quanto ao mito do Diabo, propriamente dito, a este respeito, Bayard diz-nos o seguinte: “o antagonismo entre Deus e Satanás se encontra em todo o decorrer dos temas orientais, persas e cristãos”²⁰³. Contudo, mesmo vindo da mais remota antiguidade, o

¹⁹⁹CONNERTON, Paul – *Como as Sociedades Recordam*, 2ª ed. Oeiras: Editora Celta, 1999, pp. 40, 41.

²⁰⁰NORA, Pierre – *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

²⁰¹CONNERTON, Paul – *Como as Sociedades Recordam*, 2ª ed. Oeiras: Editora Celta, 1999, pp. 41, 42.

²⁰²CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 534.

²⁰³BAYARD, Jean-Pierre – *História das Lendas*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Ridendo Castigat Mores. [Consult. 23 de Janeiro de 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>>.

princípio do mal é distinto para os cristãos. Ariman é um poder primordial, antítese da bondade²⁰⁴, enquanto Satanás é um anjo caído.

A necessidade do Diabo surge para “combater a sensualidade, a curiosidade, os prazeres da carne e do espírito”²⁰⁵. Deste modo, “a Igreja católica, serviu-se do personagem de Satanás e lhe criou uma personalidade mais intensa; dos mistérios da Idade Média ficou-lhe a truanice que lhe deram os primeiros dramas. Assim nasceu a bruxa, serva do mau espírito”²⁰⁶.

Para o povo, o Diabo infunde medo, um medo tão intenso que dificilmente se pronuncia o nome do demónio.

“Ninguém ignora que pronunciar-se o nome do Diabo faz aparecer este, o que traz consigo más consequências; e, portanto, as mulheres não proferem o nome verdadeiro, substituem-no por Diacho, Dianho, Dialho, Diogo, ou por um sinónimo, na suposição de que o Espírito das trevas o não entende, por não ser o mesmo.”²⁰⁷

Mas, apesar deste tabu, também entre nós “é crença popular que o Diabo construiu muitas pontes”²⁰⁸. E estas pontes são denominadas Pontes do Diabo, sem subterfúgios. Não sabemos como estas lendas surgiram, contudo, Leite Vasconcelos relaciona-as com “o costume antigo e espalhado de enterrar animais etc. nas fundações, para estas ficarem mais seguras”²⁰⁹.

“Muitas superstições e história rodeiam estas pontes do diabo, onde se escondem alternadamente deus e o diabo e os seus adoradores. A alma do primeiro a passar deve pertencer ao diabo: é a quota dele, caso contrário, teria trabalhado gratuitamente para os homens; mas é enganado por inúmeros truques. Diz-se também que a primeira pessoa que passa a ponte morre naquele ano.”²¹⁰

Tendo em conta que, nesta sociedade cristianizada, todo o culto pagão era entendido como obra do demónio, talvez possamos encontrar nestas lendas, vestígios de sacrifícios às divindades pagãs, nomeadamente aos rios.

²⁰⁴IBIDEM.

²⁰⁵IBIDEM.

²⁰⁶IBIDEM.

²⁰⁷VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 522.

²⁰⁸VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto:Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores 1882, p. 80.

²⁰⁹IBIDEM, p.107.

²¹⁰CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 534.

“Sendo o Entre-Douro-e-Minho província regada de muitos rios, não admira que nos Interamnenses voguem outras e curiosas superstições fluviais”²¹¹. A este respeito, Leite Vasconcelos transcreve algumas das crenças populares: “o rio Homem é muito mau, há-de comer cada dia um fôlego vivo”²¹². Refere também esta mesma crença aplicada ao Cávado e ao Tâmega²¹³. Diz-nos ainda que “a respeito do Tâmega o que se conta em Marco de Canaveses é que ele, quando está revoltado, quer que afoguem em sua honra um frango: e afogando-o, o rio não sai para fora do leito”²¹⁴. Refere na França e na Alemanha crenças semelhantes, “de rios que *reclamam vítimas*”²¹⁵.

As lendas traduzem, então, a angústia provocada por uma passagem difícil, num lugar perigoso.

“E reforça a simbologia geral da ponte e do seu significado onírico: um perigo que se tem de ultrapassar, mas também a necessidade de se dar um passo em frente. A ponte coloca o homem numa via estreita, onde inexoravelmente encontra a obrigação de escolher. E a sua escolha condena-o ou salva-o.”²¹⁶

De seguida, faremos a transcrição de algumas destas lendas. E para dar início às lendas das Pontes do Diabo, nada melhor que a mais conhecida entre nós: a Lenda da Misarela.

²¹¹VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1938, Vol. V. p. 524.

²¹²IBIDEM.

²¹³IBIDEM.

²¹⁴IBIDEM.

²¹⁵IBIDEM.

²¹⁶CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa: Teorema, 2010, p. 534.

XII. Ponte do Diabo: lendas portuguesas

➤ **Ponte da Misarela, sobre o rio Rabagão, Montalegre.**

“Um fidalgo duriense (há quem diga um criminoso) fugia desalmadamente aos beleguins do rei que injustamente o perseguiram e acusavam de traições. Quando chegou à Misarela o Regavão ia de monte a monte, medonhamente tempestuoso pelas chuvadas inverniais. Vendo-se acochado e sem poder passar a corrente pediu a intervenção divina e de todos os santos que conhecia. Em vão. Não conseguia prosseguir a fuga. Lembrou-se então de invocar o poder do diabo em gritos desesperados:

– *Satanás! Satanás!*

Passa-me que te dou a alma!

E o diabo, aparecendo num estarrinco do trovão, respondeu:

– *Passarás, passarás,
sem olhar para trás!*

No mesmo instante estendeu-se à sua frente uma ponte que o fidalgo (ou criminoso) atravessou. Mal pôs o pé na encosta fronteira, atrás de si, a ponte ruía com enormíssimo estrondo no abismo vertiginoso.

E assim fugiu à ira do monarca o tal fidalgo (ou criminoso) que decidira exilar-se em Barroso. Por aí viveu muitos anos ainda mas sempre roído de remorsos e angústias por ter dado a alma ao diabo.

Quando chegou a hora da morte mandou chamar o padre para se confessar. E contou-lhe o seu pecado.

O padre absolveu-o, depois de exigir que confessasse toda a verdade e pensou que talvez fosse possível refazer a ponte sem grandes sacrifícios...

Tomou a caldeirinha da água benta e o hissope (há quem diga que foi uma laranja onde meteu água benta depois de lhe tirar do interior os favos por um orifício) e dirigiu-se uma noite ao local indicado pelo moribundo, invocando o diabo:

– *Satanás! Satanás!*

Passa-me que te dou a alma!

E repetiu-se a cena: o diabo (ao ribombar o trovão) apareceu e respondeu-lhe:

– *Passarás, passarás,
sem olhar para trás!*

Num ápice reaparece entre dois penedões enormes a ponte. O padre começou a atravessar aspergindo água benta sobre a construção! (Também se diz que largou a laranja a rolar pela ponte! Eduardo Noronha, na sua obra “A marquiza de Chaves” diz que o padre aspergiu água benta da caldeirinha com um ramo de alecrim).

E assim ficou benzida a ponte! Nesse mesmo instante o diabo desapareceu como aparecera deixando no ar fortíssimo cheiro a enxofre, pez e incenso (Noronha diz enxofre e salitre)... mas a ponte ficou de pé. Por isso há quem lhe

²¹⁷F.R.I.L.E.L. – *Adagios, Proverbios, Rífãos e Anexins da Lingua Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1780, p. 56.

chame Ponte do Diabo e Ponte do Salvador, mas para o nosso povo é a Ponte de Misarela, lugar mítico, mágico e sagrado.”²¹⁸

➤ **Ponte de Campelos, S. João da Ponte, sobre o rio Ave, Guimarães.**

A propósito da ponte sobre o Ave, na localidade de S. João de Ponte, Guimarães, diz Martins Sarmiento:

“Contava o meu juvenil informador que não faltava quem viesse alli á ponte esconjurar o diabo. (...) é bem possível que a construção da nossa ponte fosse atribuída ao diabo, como a de Mem Guterres, a ultima para as nascentes do Ave, ou aos mouros, como a de Caldellas sobre o Homem.”²¹⁹

➤ **Ponte de Domingos Terne, sobre o rio Ave, Póvoa de Lanhoso.**

“A ponte de Domingos Terne, sobre o Ave, uma légua para o norte da Senhora do Porto de Ave, foi, segundo a tradição, feita pelo Diabo. Eis o caso. O Diabo queria ajudar dois namorados, cada um dos quais morava em lugares diferentes e separados pelo rio. Todas as noites lançava sobre este uma ponte para o rapaz ir ter com a sua conversada (namorada). Soube-se disto e numa noite um padre pôs-se á espreita, e depois que o rapaz passou, exorcizou de repente a ponte, que o diabo nunca mais pôde retirar.”²²⁰

A ponte Domingos Terne também é chamada ponte Mem Guterres.

➤ **Ponte da Aliviada, rio Tâmega, Marco de Canaveses.**

“No lugar de Aliviada (Marco de Canaveses), muito perto da confluência com o rio Tâmega, o rio Ovelha some-se por debaixo de uma enorme penedia fazendo um percurso subterrâneo de muitos metros reaparecendo, para correr de novo, no seu leito primitivo e a céu aberto.

Diz a lenda que, ao mesmo tempo que Frei Gonçalo construía a sua ponte de Amarante, o diabo levava a cabo igual empreitada mas mais imponente. Certo e sabido o diabo acabou a sua ponte primeiro que o frade.

Cheio de gentilezas e galhardias convidou Frei Gonçalo a ir vê-la recomendando-lhe que nem por sombras pensasse em benzê-la. Frei Gonçalo aceitou o convite e acabou por reconhecer que, a obra do anjo maligno era, na verdade, melhor que a sua.

Gonçalo de Amarante teceu grandes elogios à obra e ao seu construtor; enalteceu as belezas do lugar e, o mafarrico vaidoso com tanto galanteio, começou a caminhar à sua frente.

Vendo que o diabo estava distraído — se bem o pensou melhor o fez — ergueu o cajado na direcção da ponte e fez no ar uma enorme cruz em sinal de bênção e

²¹⁸BAPTISTA, José Dias – *Montalegre*, 1ª ed. Montalegre: Edição Município de Montalegre, 2006, p. 81.

²¹⁹SARMENTO, F. Martins – *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, in Revista de Guimarães, vol XV, Nº 4, Outubro de 1998.

²²⁰PEDROSO, Consiglieri – *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e outros Escritos Etnográficos*. 1ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988, p. 248.

balbuciu «se tu fosses por aqui como vais por ali...» e logo a ponte ruiu com enorme estrondo.

O diabo apanhado de surpresa assustou-se e, dando um grande salto, começou a correr espavorido até ao cimo do monte de onde, cheio de ódio e fúria, começou a apedrejar o frade.

As pedras que o diabo lançou, ao rolarem pela encosta, aumentaram de tamanho e juntamente com os escombros da ponte taparam o leito do rio, fazendo-o correr escondido e dar origem à Aliviada.”²²¹

➤ **Ponte de Vale de Telhas, sobre o rio Rabaçal, Vale de Telhas, Mirandela.**

“A ponte de Vale de Telhas foi construída uma noite pelo diabo, que, aproveitando-se do desespero de um almocreve, por não poder atravessar o rio, lhe fez a proposta da sua erecção em troca da alma. Aceite o contrato, lavrada a escritura com o sangue tirado do braço do almocreve, surgem legiões de espíritos infernais em *fernet opus* diabólico. Desmontam, escacham, carream, esquadram, acapilham, assentam, aprumam: a obra cresce a olhos vivo. Entretanto, o símbolo da vigilância, aquele que espanta as trevas saudando o novo dia, que começa a esboçar-se, bate as asas e... có, cró, có.

– Galo canta! – Observou o lugar-tenente do Satanás.

– Que galo é? – Perguntou este.

– Galo pinto.

– Ande o pico – contestou aquele.

Instantes volvidos torna o mesmo:

– Galo canta!

– Que galo é?

– Galo branco.

– Ande o canto.

Ainda não tinham terminado e novamente diz o lugar-tenente:

– Galo canta!

– Que galo é?

– Galo preto.

– Pico quedo – rouquejou o diabo.

Tudo parou, a ponte ficou incompleta por falta de uma pedra nas guardas, que um diabrillo já trazia às costas e deixou cair ao chão mal soou a ordem, e assim se conserva, pois, conquanto muitas vezes a tenham lá colocado, logo cai de noite arrojada por Satanás. O almocreve ficou com a alma e a ponte.”²²²

➤ **Ponte de Abreiro, sobre o rio Tua, Abreiro, Mirandela.**

A Ponte de Abreiro é referida por Leite Vasconcelos²²³, como se tratando de uma Ponte do Diabo. Também as lendas locais assim o contam. Mas, desta ponte já só existem ruínas, a grande cheia de 1909, com muitas árvores na corrente, derrubou-a.

²²¹PATRÍCIO, António – *Lendas de S. Gonçalo e de Amarante*, 1ª ed. Amarante: Paróquia de S. Gonçalo, 2009, pp.41, 42.

²²²ALVES, Francisco M. – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo IX, Bragança: Museu Abade Baçal, 2000, pp. 364, 365.

²²³VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª - Editores,1882, p. 80.

➤ **Ponte Gamona, sobre o rio Sabor, S. Martinho de Peso, Mogadouro.**

O Arqueólogo Emanuel Campos conta a lenda desta ponte, também ela uma Ponte do Diabo²²⁴.

➤ **Ponte de Alpragares, sobre o rio Douro, Poiares.**

“Em tempos antigos, era tudo por estes sítios barrancos e pricipicios medonhos, sem haver um atalho sequer.

Sobre o ribeiro, não havia ponte, nem cousa que, mais ou menos rudimentarmente a substituísse.

Em uma noite, veio aqui ter um viandante, a cavallo; e, como tivesse urgente necessidade de continuar a sua jornada, e isso lhe fosse absolutamente impossível, no meio da sua desesperação, pediu a Deus e ao diabo que lhe valessem em tão apertada conjuntura.

Foi o diabo que apareceu ao reclame, e lhe disse:

«Se me deres a tua alma, antes que cante o gallo preto, te darei uma ponte, para atravessar o ribeiro, e uma estrada, para seguires a tua viagem sem o mínimo perigo.»

O cavalleiro acceitou, e Satanaz poz logo mãos á obra; mas quando o infernal pedreiro conduzia as duas ultimas pedras da guarda da ponte, canta o gallo preto, e o homem pôde atravessal-a e seguir seu caminho sem comprometter a sua alma.

A unica desforra que pôde ter o diabo, foi atirar para longe as duas pedras, e fugir para o seu tenebroso reino.

Ainda hoje, qualquer pessoa d’esta terra, mostra na ponte o sitio onde deviam ser collocadas as duas ultimas pedras.”²²⁵

➤ **Ponte do Alfusqueiro, sobre o rio Alfusqueiro, Águeda.**

Também sobre o rio Alfusqueiro existe uma Ponte do Diabo.

“Aquela ponte era imprescindível para permitir a passagem para os que residiam ou se deslocavam àquelas serranias e foi um cristão que se comprometeu a fazê-la mas verificou, quando pretendeu dar-lhe início, que era enorme e temerária a obra em que se envolvera.

Neste momento de aflição do cristão, surge-lhe o diabo em pessoa a informá-lo que ele e os seus demónios ajudantes se encarregariam da empreitada. Mas, como negócios são negócios, havia a questão do pagamento. Ficou assente que a moeda utilizada seria a alma do cristão.

A escritura, diz outra versão que consultei, foi assinada com o próprio sangue do cristão. E nela ficou consignado que a obra deveria estar pronta à meia-noite do dia de Natal desse ano, ao cantar do galo. O cristão lá ia verificando o andamento da obra, aliás de magnífica arquitectura e começava a dar sinais de temeridade pelo negócio em que se envolvera.

Se a este cristão, no percurso da sua vida lhe apareceu o diabo, porque não aparecer uma boa fada? E terá sido isto o que aconteceu.

²²⁴Mogadouro [Consult. 12 Maio 2014] Disponível na internet: <URL:<http://mogadouro.pt/arqueologia-e-patrimonio-mogadouro/380-a-lenda-da-ponte-gamona-s-martinho>>.

²²⁵PINHO LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*, 1ª ed. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1873, p.Tomo VII, p. 114.

Essa fada instruiu o cristão na maneira de se ver livre deste compromisso, não deixando de ter a ponte que tanto ambicionava e necessitava. A fada deu-lhe um ovo e disse:

– A obra ficará pronta à meia-noite em ponto. Vais junto da ponte e ficas atento aos últimos trabalhos e assim que o diabo colocar a última pedra, atira o ovo ao longo da ponte e vais ver que tudo corre bem...

E a lenda conta ainda que estava o diabo e os seus ajudantes a colocar a última pedra de remate, quando o cristão atira o ovo pelo chão ao longo do tabuleiro da ponte, este rolou, bateu numa pedra e quebrou-se. Nesse momento, saiu dentro do ovo um belíssimo galo de plumagens admiráveis, que começou a cantar enquanto batiam as badaladas da meia-noite.

E assim, por uma questão de segundos, o diabo da ponte do Alfusqueiro perdeu a aposta e o cristão manteve a sua vida.”²²⁶

➤ **Ponte d’Alcantra, sobre o rio Tejo, Monsanto, Idanha-a-Nova.**

“O imprêtero foi prà fazer e apareê-l’um-damonho im fegura d’homa. Ele no sabia com’havi de fazer a ponte e o homa diz-l’assim:

— Êlha, dá-me tu a tu’alma qu’ê faço-t’a ponte só nema noite. Lovamos pra lá um gal’amarelo e outro romão; Tu cando cantar o aal’amarelo tu dizes: «Trabalh’à nic’e o martelo.»

Ele assimfez, e foramnos diabretes todos a fazer a ponte. Cando foi à meia-noite, a ponte ia stando fêta. O homa atão todo se magoava por le ter prometid’a-i-alma e cantava só o gal’amarelo, porqu’im cantando o romão tinh’a su alma salva. À meia-noite, faltava só ma pedra e inda hõije stá sim ela e ninguém lá a pode pôr. Já la têam posto e tanto monta pôr-la como não, porque no sigura lá. O homa, muito apogantado proqu’inda no cantou o galo romão. Aparcê’l’um anjo.

— Toma aquest’ovo e dêt’ à a correr pla ponte adiente.

Dêtou o ovo e cantou o galo romão, fecou o homa salvo e trou a-i-aima das mãos do damonho. E a ponte inda lá stá fêta pelos diabretes. Cando cantou o gaio romão dezia o homa:

— Trabalha a marra e o martelão.

Cando ele dixei isto, dêxeramnos diabretes de trabalhar.”²²⁷

➤ **Ponte dos Galhardos, sobre o rio Zêzere, Teixoso, Covilhã.**

“Entre Teixoso e Caria há a Ponte Nova, que se diz feita pelos Galhardos (= diabo). Uma tal ajuntou-se com o diabo, com a condição de ela a fazer antes do cantar do galo. A ponte estava quase acabada, quando o galo cantou. Um dos Galhardos disse: «Vamo-nos, já cantou o galo.» E outro: «Foi o galo pardo». «Não, tornou o primeiro, foi o galo preto romano.» Por isso a ponte ficou e parece que esta incompleta.”²²⁸

²²⁶Terras do Marnel [Consult. 13 junho 2014]. Disponível na internet: <URL:http://terrasdomarnel.blogspot.pt/2009/03/lenda-da-ponte-do-rio-alfusqueiro_12.html>.

²²⁷BUESCU, Maria Leonor Carvalhão – *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, 2ª ed. Lisboa:Editorial Presença, 1984, pp.136-137.

²²⁸SARMENTO, Francisco Martins – *Antígua, Tradições e Contos Populares Guimarães*, 2ª ed. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 1998, p.85.

➤ **Ponte Velha da Portagem, sobre o rio Sever, Portagem, Marvão.**

“Diz a lenda que amofinados porque o Sever, aqui ainda simples Ribeira de Marvão, durante as quadras, outonal, invernososa e primaveril, não dava fácil passagem a vau, obrigando a largos rodeios, os habitantes da região assentaram de, à custa de sacrifícios embora, construir uma ponte.

Discutia-se acaloradamente os meios mais próprios de efectivar tão útil empreendimento, quando um cavalheiro desconhecido, mas revelando no traje e no séquito a opulência dos seus recursos, se prontificou a fazer pronta e seguramente a ponte.

Apenas punha uma condição, a seu ver, de pequena monta – a entrega das almas de toda a população que nada sofreria nesta vida, aplanadas todas as dificuldades por D. Belzebut, o cavalheiro que assim perentoriamente se revelara.

Crentes fiéis da região de Mafona, os habitantes pouco hesitaram na sua resolução. É que, predecessores dum seita que Loyolla devia fundar séculos mais tarde, eles assentaram com tácito assentimento dos seus sacerdotes ou coisas que o valha, que a mentira é lícita quando dela nos advenha grandes lucros. E Satanás, lá se deixou embair mais uma vez, aceitando a condição de que a paga, estipulada para o seu enorme trabalho, só seria devida se, a ponte se iniciasse e completasse desde o pôr ao nascer do sol consecutivo.

Como homem de recursos, Lúcifer desenvolveu uma extrema actividade e trazendo para ali todos os seus potentes e maravilhosos servidores conseguiria triunfar se Mahomet, constantemente assediado pelos seus crentes, cuja lamúria crescia à medida do rápido progredimento da obra, se não resolvesse a intervir, extraviando a pedra que falta e impedindo que antes do nascer do sol a ponte estivesse de todo pronta.

Ficaram livres as almas e em preito ao fazedor do milagre tão espantoso, nunca a lacuna foi preenchida, apesar dos longos séculos que sobre a ponte vão correndo, respeitando a sua vetustez como de coisa milagrosa.”²²⁹

➤ **Ponte da Vila Formosa, sobre a ribeira de Seda, na freguesia de Seda, Alter do Chão, Portalegre.**

“A ponte de Vila Formosa foi feita pelos Mouros numa só noite. Quando andava a trabalhar cantou um galo. O que governava perguntou:

— Que galo canta?

— O galo branco.

— D’ ess’ inda m’ê nã spanto.

Continuou a trabalhar. Cantou outro galo. Prècurou o mesmo:

— Que galo canta?

— O galo pedrês.

— Chovim pedras a três a três!

Depois tornou a cantar outro galo. E ele:

— Que galo canta?

— O galo preto.

— C’o esse é qu’ ê já me na meto.

Porque já não podiam trabalhar. Ficou uma pedra por meter. Depois, quando punham de dia a pedra, no outro dia de manhã estava no chão.”²³⁰

²²⁹COSTA, Alexandre de Carvalho - *Marvão, suas freguesias rurais e alguns lugares*, 1ª ed. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, 1982, pp. 33-34.

²³⁰VASCONCELLOS, José Leite de - *Contos Populares e Lendas II*, 1ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1966, p. 789.

➤ **Ponte de Pavia, sobre o rio Pavia, Pavia, Mora.**

“Quem vai de Pavia e para a Malarranha há uma ponte romana que dizem que foi feito pelo diabo, numa noite. Tinha como ajudantes bruxas e diabinhos. Ora, quando começou a fazer a ponte, cantou um galo louro e o diabo disse: “com este não tenho agouro”. Continuou a fazer a sua obra e cantou o galo pedrês, e ele disse: “venha pedras, às duas e às três”. Passado um bom bocado, cantou o galo branco e ele disse: “com esse não me espanto”. Era quase de dia e a ponte estava quase pronta, e nisto canta o galo preto, e ele disse: “com este já não me meto”. E fugiu, deixando a ponte incompleta. Dizem que todas as noites ele tenta colocar as pedras que faltam, mas quando nasce o dia acha-se sempre a falta de uma ou duas.”²³¹

Não encontramos mais referências a outras Pontes do Diabo, em Portugal. Contudo, o diabo aparece muitas vezes associado às pontes, mesmo quando não se lhe atribui a autoria das mesmas.

“O diabo aparece nas pontes. Uma noite passava por uma rapariga, e perguntando-lhe o diabo aonde ela ia, respondeu que servir uns amos a tal casa. O diabo disse-lhe que não fosse, que se ia perder e insistiu, acabando por dizer que já que teimava fosse, mas não dissesse que fora o diabo que a perdera. O diabo estava disfarçado. A rapariga perdeu-se efectivamente na casa, para onde foi servir e saindo dela para a sua terra de volta pela mesma ponte, encontrou lá o mesmo diabo que lhe perguntou de onde vinha e se fora feliz. Respondeu a rapariga que o diabo a tinha perdido. — Ah! bêbada — disse o diabo — não foi o diabo que te aconselhou a que não fosses?”²³²

²³¹DUARTE, Joanhina – *A Luz da Cal ao Canto do Lume*, 1ª ed. Lisboa: Colibri, 2009, pp. 268-269

²³²SARMENTO, Francisco Martins – *Antígua, Tradições e Contos Populares*, 2ª ed. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 1998, p. 154.

XIII. Ponte do Diabo: lendas de toda a Europa

Só encontramos pontes do baptismo no ventre em Trás-os-Montes, no Minho e na Galiza. Por sua vez, as Pontes do Diabo encontramos-las por toda a Europa, com especial incidência em França.

Não transcrevemos aqui todas estas lendas das Pontes do Diabo, pois não só são exaustivas, como estão, de certa forma, fora do âmbito deste trabalho. Contudo, a título de exemplo, e porque nas lendas dos baptismos no ventre também o fizemos, apresentaremos algumas dessas lendas relativas à Galiza.

➤ **Ponteboa, Sobredo, Albarello, Boborás, Ourense.**

“No lugar de Ponteboa, en Sobredo, parroquia de Albarelos, concello de Boborás (Ourense), hai unha ponte sen baranda.

A ponte fixérona os mouros pero como tiñan por costume comezar as súas obras cando se puña o sol e deixalas rematadas antes do canto do galo, costume que tamén ten o Demo cando se pon a constructor, non a deron acabado. Entón tirábana e volvían a empezar pero por moitas noites que o intentaron, nada; nunca lle daban posto as barandas antes de o galo cantar. Parece que o problema estaba en que mesmo debaixo da ponte hai un pozo moi grande e escuro, moi complicado de pasar a nado.

Os veciños vendo que a ponte non se remataba nunca tiveron medo a quedar sen ela. Entón foron xunto do cura da parroquia e pedíronlle axuda. E cando os mouros ían tirar a ponte abaixo para volver a comezar as obras, vai o crego e bendiciuna.

E así quedou para sempre; ponte hai, mais sen baranda como aínda hoxe se pode ver.”²³³

➤ **Ponte de Gatín, Becerreá, Lugo.**

“Por Becerreá aún se acuerdan de la noche en que diablo pasó construyéndola. Los gritos y los alaridos se escuchan de vez en cuando. Y es que tuvo que construirla a la fuerza para cumplir su palabra.

El puente había nacido de una promesa: el diablo, sabiendo de las penurias que pasaban los vecinos para cruzar el río, les ofreció su construcción. Pero, como cabría esperar, no haría la obra gratis: a cambio, el pueblo le daría el primero ser vivo que allí naciera. Ellos aceptaron, sin saber que una de sus vecinas estaba embarazada. El demonio, que todo lo sabe, sí.

Pero no contó con un detalle: en un pajar de la aldea el destino quiso que naciera una camada de gatos. Cuando el diablo regresó para hacerse con su trofeo, los vecinos le entregaron uno de esos “gatiños”, el “Gatín” como dicen por la zona.

²³³VÁZQUEZ-MONXARDÍN Fernández, A. – 102 *Lendas e Noticias Lendarias*, en Boletín Auriense, XXIV, 1994, pp. 287-336.

De este modo, consiguieron burlar el cruel pago de una vida humana por un puente, y el demonio, encolerizado, no tuvo más que cumplir con la promesa de construirlo en una noche.”²³⁴

➤ **Pontedeume, sobre o río Eume, Pontedeume, Corunha.**

“Hace muchísimos años vivió en estas tierras una hermosa joven que poseía inmensas riquezas y todos los terrenos que hay de una y otra orilla del río Eume. Un día quiso visitar sus haciendas de la ribera opuesta y atravesó el río, que entonces era muy poco caudaloso, en una ligera embarcación.

Se detuvo tanto tiempo en la otra orilla que cuando volvió a buscar su batel para regresar al castillo, se encontró con la inesperada sorpresa de que el río había crecido enormemente y estaba convertido en un brazo de mar, tal y como es hoy. La barca y los dos hombres que en ella quedaron habían sido arrastrados por la corriente. Esto irritó bastante a la joven dama que precisaba volver de inmediato a su castillo, pues asuntos urgentes la requerían allí. Maldijo su suerte, pero al poco rato apareció a su lado, discretamente, un joven bien vestido que hablaba de muy buenas maneras. Éste le brindó la oportunidad de atravesar fácilmente el río sin pedirle a la dama otro favor que el de marcar con su sello un pergamino que el joven portaba enrollado en su mano.

La ofuscación desesperada de la joven, en su deseo por llegar cuanto antes a su castillo, la impulsó a rubricar el pergamino sin detenerse en su contenido. Al pronto apareció ante sus ojos el puente que hoy atraviesa la ría, envuelto en una diabólica humareda. El olor a azufre apestó la comarca durante varios días.

Al joven no se le volvió a ver hasta un par de años después, que llamando a las puertas del castillo de la dama solicitó una audiencia con ella. Entonces le requirió que cumpliera con lo que habían pactado y sellado en el pergamino, en virtud de lo cual la impaciente joven dama se obligaba a entregarle su alma. Ésta era la recompensa que el joven requería. Pero el joven no era más que una imagen ficticia tras la cual se escondía el diablo.

Para cumplir lo pactado llevó a la Señora a la parte más elevada del puente y le ordenó que se arrojase a las frías aguas del río. Angustiada, la dama pidió protección al Espíritu Santo y el diablo se vio obligado a abandonar a su presa, desapareciendo para siempre.

En el lugar de estos hechos la noble dama mandó construir una capilla y, desde entonces, al puente lo llamaron Ponte do Demo, que quiere decir Puente del diablo, y así fue derivando en Ponte-demo... Ponte-deume.”²³⁵

Para além da Galiza, no resto da Espanha também há muitas lendas de *puentes del diablo*. Não podemos deixar de referir uma das mais conhecidas, que embora não sendo propriamente uma ponte, estabelece a mesma relação com o diabo.

➤ **Aqueduto de Segóvia, Segóvia.**

²³⁴Deputacion de Lugo [Consult. 20 Junho 2014] Disponível na internet: <URL:<http://blog.deputacionlugo.org/es/2013/03/14/el-puente-construido-por-el-mismisimo-diablo-pontes-de-gatin-beccerrea/>>.

²³⁵Ponte Deume Turismo [Consult. 12 Julho 2014] Disponível na internet: <URL:<http://www.pontedeumeturismo.es/historia/origendeltoponimo.htm>>.

Encontramos ainda referências às seguintes pontes²³⁶ em Espanha:

- **Puente del Diablo, Martorell, Barcelona.**
- **Dea-bruaren zubia, Barakaldo, Bilbao.**
- **Pont del Diable, Tarragona.**
- **Puente del Diablo, San Miguel de Pedroso.**

Também em França encontramos inúmeras referências²³⁷ a Pontes do Diabo, destas destacamos as seguintes²³⁸:

- **Pont du Diable, Valentré, sobre o rio Lot, Cahors.**
- **Pont du Diable, Montoulieu, Ariège.**
- **Pont du Diable, Thueyts, Ardèche.**
- **Pont du Diable, Alet-les-Bains, Aude.**
- **Pont du Diable, Saint-Palais-sur-Mer, Charente-Maritime.**
- **Pont du Diable, Anzême, Creuse.**
- **Pont du Diable, Crouzet-Migette et Sainte-Anne, Doubs.**
- **Pont du Diable, Locunolé, Finistère.**
- **Pont du Diable, Lannilis et Plouguerneau sur l'Aber-Wrac'h, Finistère.**
- **Pont du Diable, Saint-Christaud, Haute-Garonne.**
- **Pont du Diable, Olargues, Hérault.**
- **Pont du Diable, Aniane et Saint-Jean-de-Fos, Hérault.**
- **Pont du Diable, Villemagne-l'Argentière, Hérault.**
- **Pont du Diable, La Chapelle-du-Bard, Isère.**
- **Pont du Diable, Saint-André-de-Chalencon, Haute-Loire.**
- **Pont du Diable, Saint-Marcellin-en-Forez, Loire.**
- **Pont au Diable (Pouilly-sous-Charlieu), Loire.**
- **Pont du Diable (Ouches), Loire.**
- **Pont du Diable, en limite des communes de Romagny et de Le Neufbourg situées près de Mortain, Manche.**
- **Pont du Diable, Montgaillard, Hautes-Pyrénées.**
- **Pont du Diable, Olliergues et Tours-sur-Meymont, Puy-de-Dôme.**

²³⁶Wikipédia [Consult. 13 Julho 2014] Disponível na internet: <URL:http://fr.wikipedia.org/wiki/Pont_du_Diable>.

²³⁷L'esprit des Pierres. [Consult.12 Agosto 2013]. Disponível na internet: <URL:http://rupestres.perso.neuf.fr/page0/page8/assets/Ponts_du_Diable.pdf>.

²³⁸Wikipédia. [Consult. 13 Julho 2014]. Disponível na internet: <URL:http://fr.wikipedia.org/wiki/Pont_du_Diable>.

- **Pont du Diable, Céret, Pyrénées-Orientales.**
- **Pont du Diable, Toulon-sur-Arroux, Saône-et-Loire.**
- **Pont du Diable, Aussois, Savoie.**
- **Pont du Diable, Bellecombe-en-Bauges, Savoie.**
- **Pont du Diable, Valloire, Savoie.**

De seguida apresentamos algumas das mais conhecidas Pontes do Diabo em Itália:

- **Ponte del Diavolo (ou Ponte della Maddalena), Borgo a Mozzano, Toscane.**
- **Ponte del Diavolo, Ascoli Piceno, Marches.**
- **Ponte del Diavolo, Blera, Latium.**
- **Ponte del Diavolo (ou Ponte Vecchio, Ponte Gobbo), Bobbio, Émilie-Romagne.**
- **Ponte del Diavolo, Gualdo Cattaneo, Ombrie.**
- **Ponte del Diavolo, Cividale del Friuli, Frioul.**
- **Ponte del Diavolo (Ponte Vecchio), Dronero, Piémont.**
- **Ponte del Diavolo, Lanzo Torinese, Piémont.**
- **Ponticello del Diavolo, Torcello, lagune de Venise.**

No Reino Unido, onde também essas lendas são comuns, destacamos as seguintes Pontes do Diabo²³⁹:

- **The Devils Bridge, Yorkshire, England.**
- **Devil's Bridge (Pontarfynach), Ceredigion, Wales.**
- **Devil's Bridge, Kirkby Lonsdale, Cumbria.**
- **Devil's Bridge, Horace Farm, Pennington Parish, Cumbria.**
- **Devil's Bridge, Weston-super-Mare, North Somerset (1841 bridge over railway).**
- **Devils Bridge, in the grounds of Weston Park, Staffordshire.**
- **Devil's Bridge, Pontwalby, Glynneath, Wales.**
- **Devil's Bridge, Mossley Hill, Liverpool.**

²³⁹Wikipédia. [Consult. 25 Julho 2014]. Disponível na internet: <URL:http://en.wikipedia.org/wiki/Devil's_Bridge>.

A Alemanha não foge à regra e também aqui encontramos as famosas Pontes do Diabo. Encontramos, então, referências²⁴⁰ às seguintes pontes:

- **Ponte Sachsenhäuser, Frankfurt.**
- **Ponte Bamberg, Baviera.**
- **Ponte do Diabo, Lake Galenbeck.**

Também encontramos referências²⁴¹ a uma ou duas pontes na Roménia, na Holanda, na Eslovénia, na Suécia e na Suíça.

Estas lendas estão espalhadas por toda a Europa, sendo comuns a diversos povos.

²⁴⁰The Devil's Bridge. [Consult. 30 Julho 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.pitt.edu/~dash/type1191.html#grimm186>>.

²⁴¹Wikipédia. [Consult. 13 Julho 2014]. Disponível na internet: <URL:http://fr.wikipedia.org/wiki/Pont_du_Diable>.

XIV. Os caminhos das lendas

As diferentes lendas anteriormente referidas, sejam elas as do baptismo no ventre, à meia-noite, sejam as que estão ligadas ao diabo, fazem parte do património cultural das comunidades que as narram. Mas para além de serem um riquíssimo património oral, o que actualmente está associado ao chamado património imaterial, elas, porque associadas a construções arquitetónicas relevantes e a espaços muito interessantes paisagisticamente, pois os rios e suas margens definem um quadro paisagístico de grande valor cultural, são também parte de um valioso património material.

Cada vez mais o património é visto como um valiosíssimo conteúdo turístico. Assim, quem investiga e pretende trabalhar na área do turismo cultural e do património, tem nas lendas e nos espaços onde elas estão referenciadas, um material excepcional de trabalho e de criatividade, quando se pretende proporcionar aos turistas a fruição diferenciada de determinadas paisagens e lugares. O património cultural, para além do precioso valor que tem para as comunidades locais, suas herdeiras e portadoras, na medida em que é na base dele que constroem e actualizam a sua identidade cultural, e nele se encontram num espaço relacional e interpretativo com o meio ecológico onde vivem, é ainda um “bem”, ou seja, um activo fundamental para o desenvolvimento dessas comunidades. Poderíamos dizer, com D. Poulot, que é o património que dá a estética do território, em narrativas maravilhosas e em construções singulares²⁴². Trabalhar, portanto, o património, e associar as diferentes vertentes e cambiantes do mesmo, para a construção de um “produto turístico”, é um objectivo tão válido e significativo, quanto é fundamental proporcionar o sempre referido “turismo de experiências”!

Assim, terminamos este trabalho desenvolvendo um projecto sob uma perspectiva turística. Nesta parte, o objectivo é olhar para as lendas, sobretudo as cada vez mais raras lendas dos baptizados nas pontes, à meia-noite, e criar um roteiro turístico. Mas, em primeiro lugar, vejamos o que se faz actualmente.

Apenas tivemos conhecimento de um projecto deste género na Ponte da Misarela, onde se fazem encenações e festas, tendo como ponto de partida esta ponte e as suas lendas.

²⁴²POULOT, D. – Patrimoine et esthétique du territoire. *Espaces et sociétés*, 69, Paris: Editions Érès, 1992 pp. 9-35.

A celebração na Ponte da Misarela, situada em Sidrós, Ferral, concelho de Montalegre, é já uma tradição que atrai muitos curiosos a este local remoto e pacato. A organização do evento está a cargo da Junta de Freguesia de Ferral, apoiada pela Câmara Municipal e pelo Ecomuseu de Barroso. Relativamente a 2013, Aníbal Ferreira, presidente da Junta de Freguesia de Ferral, referiu que o orçamento foi de 12 mil euros, repartido entre a freguesia e a autarquia local, e que tem retorno para a localidade e para o concelho, uma vez que atrai visitantes e dá visibilidade a Montalegre. Referiu ainda que, a par da animação com cantares ao desafio, um dos objectivos era a divulgação dos produtos da terra, para o que contribui a Feira Medieval, com varios expositores locais de mel, compotas, enchidos e chás.

Na festa realizada em 2013, as lendas e crenças associadas à ponte da Misarela e as invasões francesas foram recriadas, num espectáculo teatral envolvendo mais de uma centena de actores profissionais e amadores. Um dos episódios reconstituídos, foi a fuga do exército de Soult, em 1809, aquando das invasões francesas, que atravessou esta ponte, fugindo à perseguição das tropas anglo-lusas de Wellesley.

Nesta festa também se assitiu à recriação da lenda do baptismo, uma lenda associada à fertilidade, que já vimos anteriormente. Noutros anos foi recriada também a lenda da Ponte do Diabo, que, como referimos, está igualmente associada à Ponte da Misarela.

Estas celebrações são uma via extraordinária de divulgação do património material e imaterial da Misarela, que deve ser preservado e divulgado. Só lamentamos que este exemplo não seja seguido por mais autarquias, uma vez que produz uma dinâmica cultural muito interessante. De certa forma, esta celebração foi também a inspiração para o nosso roteiro pelas Pontes dos Baptismos Nocturnos.

Roteiro Turístico “Rota das Pontes dos Baptismos Nocturnos”

Os itinerários ou roteiros culturais, dando relevo aos valores culturais, à memória histórica, à história, ao património cultural e natural, e à pluralidade de identidades de um território, foram desenvolvidos nas décadas de 80 e 90 do século XX, pelo Conselho de

Europa e pela UNESCO²⁴³. Sendo o Caminho de Santiago de Compostela o primeiro Itinerário Cultural proclamado pelo Conselho da Europa, em 1987, e mais tarde reconhecido pela UNESCO como Património da Humanidade.

Podemos definir um itinerário ou roteiro cultural, do seguinte modo:

“...um circuito marcado por sítios e etapas relacionados com um tema. Este tema deverá ser representativo de uma identidade regional própria, para favorecer um sentimento de pertença, de reconhecimento ancorado na memória colectiva. O conjunto organizado formado pelos sítios e etapas tem um valor emblemático e simbólico para a população local e, para o conjunto de pessoas externas, denominadas de visitantes. O tema designado pode dar-se a conhecer à volta de diferentes valores culturais: o vínculo histórico, o vínculo etnográfico, o vínculo social, uma corrente artística, uma identidade geográfica, uma identidade arquitectónica, as actividades tradicionais, as actividades artísticas, as produções artísticas.”²⁴⁴

Os itinerários culturais visam, então, promover intercâmbios e contactos culturais entre os locais e os visitantes, dando valor à paisagem e respeitando o meio ambiente, evitando a todo o custo impactos negativos. O que nos obriga a “pensar sobre a capacidade de sustentação do território e a repensar a realização de itinerários para grupos não muito grandes”²⁴⁵.

A criação destes roteiros está agora a cargo de entidades públicas e privadas, que pretendem desenvolver o turismo, valorizando o património e a paisagem, ao mesmo tempo que alargam o conceito de viagem, proporcionando lazer, fruição da natureza, novas descobertas e consolidação de conhecimentos.

Ao criar um roteiro cultural, “o plano de visitas deve ter em conta que as atracções não servem por si sós, precisando de valorização sociocultural, de interpretação, de reconhecimento da sua importância e relevância”²⁴⁶. É nesse contexto que se insere o nosso roteiro, onde valorizamos a dimensão material das pontes a visitar, que, contudo, não funcionam como uma atracção por si só. Orientamo-nos por um tema, no caso: as lendas dos baptismos no ventre, inserimo-lo num determinado contexto sociocultural, interpretamo-lo, valorizamos o seu carácter autóctone e relevamos a sua dimensão paisagística. Pretendemos, então, que seja uma viagem de descoberta e de enriquecimento cultural, a par com momentos de lazer, desfrutando de uma natureza e gastronomia únicas.

²⁴³PEREIRO, Xerardo – Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Tenerife: Asociación Canaria de Antropología, 2009, p. 232.

²⁴⁴IBIDEM, pp. 232,233.

²⁴⁵IBIDEM, p. 233.

²⁴⁶IBIDEM.

Organização do Roteiro e Mapas

Este roteiro, cujos mapas apresentaremos mais abaixo, seria feito de automóvel, tendo um grau de dificuldade baixo, uma vez que, com exceção da Ponte da Misarela, o automóvel deixa-nos sempre muito perto das pontes a visitar. Seria fornecido um pequeno folheto, com a transcrição das diversas lendas ou histórias relacionadas, bem como de algumas referências à edificação de cada uma das pontes.

Este percurso poderia ser feito num dia, tal como exemplificamos no fim deste roteiro, percorrendo cerca de 220 km, aproximadamente em 5 horas, sem contar com as paragens. Por considerarmos que poderia ser um pouco cansativo, vamos, de seguida, apresentar o mesmo roteiro, dividido por dois dias de viagem.

Seria, então, um percurso de 2 dias, percorrendo no primeiro dia aproximadamente 150 km, estimando-se a viagem de carro em cerca de 3 horas, excluindo as paragens. Quanto ao segundo dia, o percurso seria de aproximadamente 160 km, também em cerca de 3 horas de carro, novamente sem o tempo de paragem.

1º dia: teríamos, então, como ponto de partida, bem cedo, pela manhã, a localidade de Barcelos, mais concretamente a sua ponte, sobre o rio Cávado.

Coordenadas da Ponte de Barcelos: 41°31'38.8"N 8°37'20.4"W

O rio Cávado nasce na Serra do Larouco, na fonte da Pipa, a uma altitude de cerca de 1520 m, e passa pelos concelhos de Montalegre, Terras de Bouro, Vieira do Minho, Amares, Póvoa de Lanhoso, Vila Verde, Braga, Barcelos e Esposende. Desagua no Oceano Atlântico junto a Esposende, após um percurso de 135 km.²⁴⁷

Este rio foi um dos rios que Leite Vasconcelos referiu entre os rios que reclamam vítimas, como vimos anteriormente. A estes rios faziam-se oferendas, por vezes sacrifícios de animais. Contudo, não encontramos nenhuma lenda acerca de sacrifícios ao Cávado, nem nenhuma acerca da sua origem. Mas conhecemos a lenda da sua ponte, que surge associada aos Baptismos Nocturnos e que já transcrevemos noutra capítulo. Esta seria, então, a primeira lenda que contaríamos neste percurso pelas lendas dos baptismos no ventre. E, tal como as que se lhe seguem, seria contada no meio da ponte que lhe deu origem.

²⁴⁷Wikipédia. [Consult. 11 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Cávado>.

Considerada Monumento Nacional, a ponte Medieval de Barcelos é uma edificação gótica, do início do século XIV, que liga o centro histórico de Barcelos a Barcelinhos. Esta ponte foi mandada construir por D. Pedro, o terceiro conde de Barcelos. Com esta construção reforçou-se o papel de pólo comercial de Barcelos.²⁴⁸



Ilustração 4 - Ponte de Barcelos. Fonte: Rotas Turísticas ²⁴⁹

De Barcelos, seguimos viagem para Guimarães e Póvoa de Lanhoso. Tendo como segundo elemento, na nossa demanda pelas pontes dos batismos, o rio Ave.

O rio Ave nasce na Serra da Cabreira, no concelho de Vieira do Minho, a cerca de 1200 m de altitude, no Pau da Bela, e percorre cerca de 85 km até desaguar no Oceano Atlântico, a sul de Vila do Conde.

²⁴⁸Revista Lifecooler. [Consult. 11 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.lifecooler.com/artigo/passear/ponte-medieval-de-barcelos/393788/>>.

²⁴⁹Rotas Turísticas. [Consult. 11 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.rotasturisticas.com/fotov.php?id=29528>>.



Ilustração 5 - Ponte de Donim, sobre o Ave. Fonte: Turismo Guimarães ²⁵⁰

A segunda paragem nos nossos caminhos das lendas seria, então, em Donim, para visitar a Ponte de Donim, onde seria contada a lenda dos batismos que também já transcrevemos anteriormente.

Coordenadas da Ponte de Donim: 41°31'29.1"N 8°17'40.1"W

Esta ponte medieval possui uma inscrição com a data da sua edificação, em 1192. Era uma ponte que servia a via de Guimarães para a Póvoa de Lanhoso, permitindo a travessia do Ave.

A Ponte de Donim é resultado de uma série de alterações realizadas durante a Idade Moderna. “Contudo, o seu arco Norte, arco perfeito e denotando uma preocupação construtiva de elevada qualidade, possui um conjunto de silhares com siglas e, na primeira aduela do lado Norte e Jusante, a data a que aludimos.”²⁵¹

Continuando na direcção da Póvoa de Lanhoso, seria altura de visitar a ponte de Mem Guterres, que é uma ponte medieval edificada também sobre o rio Ave, na freguesia de Esperança, no Concelho de Póvoa de Lanhoso.

Coordenadas da Ponte Mem Guterres: 41°34'36.4"N 8°09'58.7"W

²⁵⁰Turismo Guimarães.[Consult. 12 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://www.guimaraesturismo.com/pages/154?geo_article_id=524>.

²⁵¹Turismo Guimarães.[Consult. 12 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://www.guimaraesturismo.com/pages/154?geo_article_id=524>.



Ilustração 6 - Ponte Mem Guterres. Fonte: Quinta São Vicente²⁵²

Esta ponte tem um perfil em cavalete, que assenta sobre um arco quebrado. Não se conhece exactamente a data da sua construção, pensa-se que tenha sido entre o final do século XIV e o início do século XV. Esta ponte também é conhecida como Ponte Domingos Terno, em homenagem ao possível responsável pela sua criação, e como Ponte da Esperança. Foi classificada como monumento nacional em 1910²⁵³.

Também nesta ponte seria referida a lenda dos baptimos, bem como a sua lenda de Ponte do Diabo, que também lhe é atribuída. E após a visita a esta ponte, terminaria o nosso percurso pelo Ave, perto da hora do almoço, podendo este ser degustado num dos vários restaurantes típicos da Póvoa de Lanhoso.

Após o almoço, dirigimo-nos a outra ponte, a outro rio.

À nossa espera está agora o Rabagão, um rio que nasce entre as serras do Barroso e do Larouco, tendo um comprimento de 37 km. Atravessa todo o concelho de Montalegre e desagua no rio Cávado, junto ao concelho de Vieira do Minho.

Não encontramos nenhuma lenda do Rabagão, mas o misticismo da Ponte da Misarela é por todos conhecido.

²⁵²Quinta São Vicente. [Consult. 12 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.quintasaovicente.com/index.php?pag=artigo&pagina=281&idioma=1&id=274>>.

²⁵³Quinta São Vicente. [Consult. 12 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.quintasaovicente.com/index.php?pag=artigo&pagina=281&idioma=1&id=274>>.

Coordenadas da Ponte da Misarela: 41°41'31.2"N 8°01'10.3"W



Ilustração 7 - Ponte da Misarela. Fonte: Vila de Ruivães²⁵⁴

Esta ponte foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1993. Situa-se sobre o rio Rabagão, no lugar da Misarela, freguesia de Ferral, no concelho de Montalegre.

A Ponte da Misarela, de construção medieval, é um monumento à paisagem, num enquadramento perfeito sobre o desfiladeiro escarpado em que assenta o seu arco único, com cerca de 13 metros de vão.

Para além de ser uma obra arquitectónica arrojada e muito bela, a Ponte da Misarela faz parte dum importante momento da história de Portugal, num episódio que passamos a transcrever, retirado duma crónica publicada num blog e que nos pareceu muito interessante. Estamos, então, perante:

«a decisão de Sault, depois de abandonar as terras de Lanhoso, à chegada a Salamonde, de abandonar a estrada para Chaves e seguir a vereda para Montalegre. Ninguém julgaria possível fazer passar por ali um exército, mas conseguiu, numa jornada épica digna de uma grande epopeia. Pela ponte de Misarela se lançaram as "tropas francesas, rotas, famintas, descalças e escorraçadas, qual fugitivo rebanho que lobos esfaimados perseguissem inexoravelmente" — escreve o General Carlos Azeredo na obra “As populações a norte do Douro e os Franceses em 1808 e 1809”, Porto, 1984, ed. Museu Militar.

²⁵⁴Vila de Ruivães. [Consult. 12 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.ruivaes.com/2012/05/ponte-da-misarela.html>>.

Citando o diário do Marechal Soult, as suas tropas encontravam-se em terreno adversário que nunca conhecera de quadrúpedes "senão algumas cabras selvagens" e os soldados eram obrigados a marchar a pé, conduzindo os cavalos pela rédea, puxando-os muitas vezes para os fazer transpor um rochedo que a todo o momento barrava o caminho.

O exército inteiro com cerca de 15 mil homens foi obrigado a passar por estes caminhos, desarmados porque tinham destruído os cunhetes da artilharia e os cartuchos tinham sido danificados pela chuva que caía há alguns dias.

Soult foi também informado de que a Ponte do Saltadouro, ou Ponte Nova estava defendida e cortada, por populares e algumas Ordenanças convocados pelos Capitão-Mor de Ruivães, António Luís de Miranda de Magalhães e Meneses que convocara através dos pelos párocos cerca de 1300 homens cujo armamento eram utensílios de trabalho, piques ou algumas espadas velhas.

O Capitão António Luís de Miranda, na manhã do dia 15 de Maio, coloca junto de cada ponte uma das bocas de fogo de que dispunha, e mandou ainda algumas forças para a Ponte da Misarela.

Soult não perdeu tempo e tinha de salvar a passagem do Saltadouro e encarregou 100 homens dessa tarefa, numa acção de surpresa durante a noite.

Na noite de 15 para 16 de Maio, o grupo saiu de Salamonde e a coberto da noite aproximou-se em completo silêncio dos restos de velha Ponte.

Dulong deixou os seus homens escondidos nas proximidades e, rastejando, até à ponte e ali constatou "com espanto e incredulidade que os defensores, após tanto trabalho para cortar o velho e robusto arco de cantaria, tinham deixado uma prancha estendida entre os dois braços da ponte.

Esquecimento? Desleixo? "A imprudência portuguesa?"

Na verdade um daqueles acasos imprevisos e inacreditáveis que tantas vezes alteram o curso da História!" — comenta o General Carlos Azeredo.

Enquanto, poucos metros à sua frente, os defensores dormiam abrigados numa choupana e entregues a uma sentinela incauta e ensurdecida pelo bramir da corrente, Dulong recuou até junto dos seus homens.

Vale a pena agora seguir esta descrição: "Dulong voltou a rastejar até à ponte e fez passar atrás de si, um a um os seus militares ao longo da prancha, olhos fitos na voragem do abismo e músculos retzados para resistir à vertigem; um dos seus homens resvalou na madeira húmida e despenhou-se no turbilhão da corrente lançando no espaço um longo e dramático grito de pavor. Os assaltantes suspenderam a respiração e os movimentos, enquanto Dulong na frente olhava a imóvel sentinela portuguesa; mas o homem continuou mergulhado no seu turpor pois o trovão contínuo da violência das águas abafava todos os outros ruídos. Após alguns momentos de angustiada espera os assaltantes continuaram no seu lento avançar e assim o Major foi colocando a sua força na margem oposta e cercando nas trevas a cabana onde se abrigavam os incautos defensores da ponte, cuja sentinela fora abatida com um silencioso golpe de sabre.

E foi de súbito, sem tempo para reagir, que os ensonados camponeses vislumbraram, à luz ténue dos restos de uma fogueira, o lampear do aço frio dos sabres e das baionetas empenhadas no cruel afã da degola, do rasgar dos corpos indefesos, enfim, do abrir dessas fontes quentes e rubras por onde em borbotões se evola o sopro irrecuperável da vida.

Poucos segundos, alguns gemidos prontamente abafados e o odor pegajoso do sangue fresco, bastaram para consumir aquela tragédia quase silenciosa.

Pobre gente! Vítima da sua ignorância e da sua excessiva confiança, merece bem, apesar de tudo, a nossa homenagem!

(...)

Mas após duas horas de marcha a tropa francesa foi detida no sítio da Ponte da Misarela, sobre o rio Rabagão: o pesadelo de Soult ainda não terminara!

Faltava a Ponte diabólica.

É numa paisagem estranha, no fundo de um desfiladeiro rasgado no flanco da Serra da Cabreira, entre escarpas medonhas, bravias e solitárias que se ergue a inesperada Ponte da Misarela!

Com o seu tabuleiro lajeado, estendido a cerca de 30 metros e dobrado sobre o fecho de um único arco de 12 metros de altura, a sua idade vem da sombra dos tempos e a crença popular afirma que na sua origem está um pacto maldito firmado entre um padre e o próprio Diabo.

Por debaixo de si, escumando e despedaçando-se contra a penedia abrupta, passa o Rabagão, grosso no Inverno e no Estio enfiado, a caminho do Cávado.

Entrincheirados na margem direita, guardando a ponte, cuja passagem estava barrada por pesados obstáculos, estavam cerca de 400 homens, comandados pelo Sargento-Mor José Maria de Miranda de Magalhães e Meneses, filho do Capitão-Mor de Ruivães.

Mandado na véspera para a Misarela, pelo pai, com a incumbência de cortar a ponte e efectuar a sua defesa, o José de Miranda não conseguira convencer a maior parte dos seus homens, naturais dali da região, da absoluta conveniência em cortar o arco da ponte.

Como haviam de passar o rio com as suas colheitas ou os seus gados? Como passar para irem à feira ou a Ruivães, quando as águas fossem grossas? Para mais o que era necessário era pôr fora da nossa Terra os franceses! Para quê cortar-lhes a passagem para a fronteira? Quem fez a Ponte de Misarela não nos faz outra como ela!, e nada deste mundo demoveu os rijos e casmurros montanheses a deixar cortar a sua Ponte."

Consentiram em que fossem derrubadas as guardas, atolaram o tabuleiro com troncos, penedos e obstáculos vários e nada mais.

A meio da manhã do dia 16 de Maio foram avistados os primeiros militares inimigos: eram urna longa fila, interminável, de homens e animais, fatigados, que marchavam para norte acossados, mas que a fome, o número e o ódio ainda mantinham temíveis, perigosos e violentos.

Assim que a guarda avançada do II Corpo chegou à distância de tiro, os defensores romperam com um fogo nutrido que dizimou o pelotão da frente e fez recuar, surpreendidos, os que se lhe seguiam.

Mas a Ponte Misarela estava ali e era preciso atravessá-la para que os homens de Soult chegassem à Galiza e abandonassem o Minho. Esperavam-nos momentos de grande dramatismo e lágrimas.»²⁵⁵

Termina assim a primeira parte desta emocionante fuga pela Ponte da Misarela, cuja continuação transcrevemos de seguida:

«Na última crónica, dávamos conta dos factos que aconteceram a 16 de Maio de 1809, quando após vários assaltos frustrados que se prolongaram ao longo do dia, as tropas de Soult conquistam a passagem do Saltadouro e desalojam das posições mais próximas os camponeses, com algumas dezenas de mortos que os zagalotes certos dos populares causaram.

Adolfo Tiers, um militar francês descreve esta fuga a terminar a invasão do Minho como mais humilhante que a batalha do Vimeiro: esta "custou menos à glória do exército e ao seu efectivo que a surpresa do Porto, destruição da nossa artilharia em Penafiel e esta marcha precipitada através desfiladeiros da província de Trás-os-Montes".

²⁵⁵Braga Agora. [Consult. 15 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://braga-agoa.blogspot.pt/2009/06/franceses-em-braga-ha-200-anos-13.html>>.

Todavia, a situação dramática vivida entre Saltadouro e Misarela podia ter sido uma catástrofe se a noite não acalmasse os ataques dos minhotos.

"Houve desordens e os papéis e bagagens salvas em Penafiel, perderam-se nesta passagem...

Dois esquadrões de cavalaria ligeira e uma brigada da 1.^a divisão saindo de Salamonde para descerem à Ponte (do Saltadouro), foram atacados por oito ou dez mil homens de infantaria, com artilharia, que tinham chegado em duas colunas, pela estrada de Braga e pela de Basto", desde Cavez.

A dificuldade em formar e a obscuridade "deram lugar a algumas desordens; uns trinta cavaleiros caíram com os seus cavalos no precipício, sem que os pudessem salvar" — escreve um dos militares que conseguiu salvar-se.

"Infantes e cavaleiros precipitavam-se uns sobre os outros, atiravam fora as suas armas e lutavam para conseguir correr mais depressa.

A ponte estreita e sem parapeitos não podia satisfazer a impaciência dos fugitivos, que se empurravam de tal modo que um grande número de homens foram precipitados e afogados na torrente, ou esmagados sob as patas dos cavalos.

Se os Ingleses estivessem em estado de aproveitar este terror, não sei em verdade o que nos teria acontecido, de tal modo o medo é contagioso mesmo entre os mais bravos soldados".

Mas a noite veio pôr fim a este verdadeiro holocausto, e as restantes tropas do II Corpo puderam, mais acalmadas, continuar durante toda a noite a passar a fatídica Ponte da Misarela, porque o general Silveira e Wellesley suspenderam a perseguição.

Quando na manhã seguinte os perseguidores de Soult se aproximaram da Misarela, encontraram um espectáculo que lhes deu a dimensão do terror e da tragédia por que tinham passado os franceses.

Lord Munster descreve assim o que viu no leito do Rabagão: "Homens e cavalos, animais decepados e bagagens, tinham sido despenhados no rio e juncavam literalmente o seu curso.

Aqui, nesta fatal companhia de morte e angústia, foi vomitado o resto do saque do Porto.

Toda a espécie de bens e de valores foram abandonados na estrada, enquanto mais de 300 cavalos boiavam na água e mulas ainda carregadas com bagagens foram içadas pelos granadeiros e pelas companhias ligeiras Guarda; estes desembarçados e bons rapazes descobriram que pescar caixas e corpos da corrente poderia proporcionar-lhes moedas de prata, e boina ou cintos cheios de moedas de ouro, e, entre cenas de morte e desolação, subiam os seus gritos da mais ruidosa alegria."

A última tropa de Soult a passar a Ponte da Misarela e a deixar aquele cenário de morte e horror, foi a brigada Reynaud, entre as dez e a meia-noite de 16 para 17; na tarde de 16 o Marechal Soult já estava em Paradela, onde estabeleceu o seu quartel-general.

O general inglês Wellesley desistiu de apanhar o II Corpo com a infantaria britânica em Ruivães e mandou apenas em perseguição a divisão Silveira porque a Ponte de Misarela era imprópria para os cavaleiros.

Os franceses tinham passado e foi apenas na manhã do dia 17 que o General Silveira os seguiu no caminho de Montalegre. Soult, partindo de Paradela a 17 para norte, foi saqueando e destruindo as pequenas povoações que encontrou a caminho da fronteira pela linha de alturas do Gerês que divide as águas do Cávado e do Rabagão.

Era uma zona pobre mas mesmo assim foram assaltadas e destruídas as povoações de Covelo do Gerez, Paradela, Loivos, Fiães do Rio, Vilaça, Coutim, Cambezes e Montalegre, cujos habitantes refugiados na serra, não deixaram de perseguir e atacar os franceses.

O ódio aos franceses era tanto que, anos depois, alguns habitantes daquelas localidades usavam nas suas camisas botões feitos de osso de franceses, onde gravaram a palavra LADRÃO!

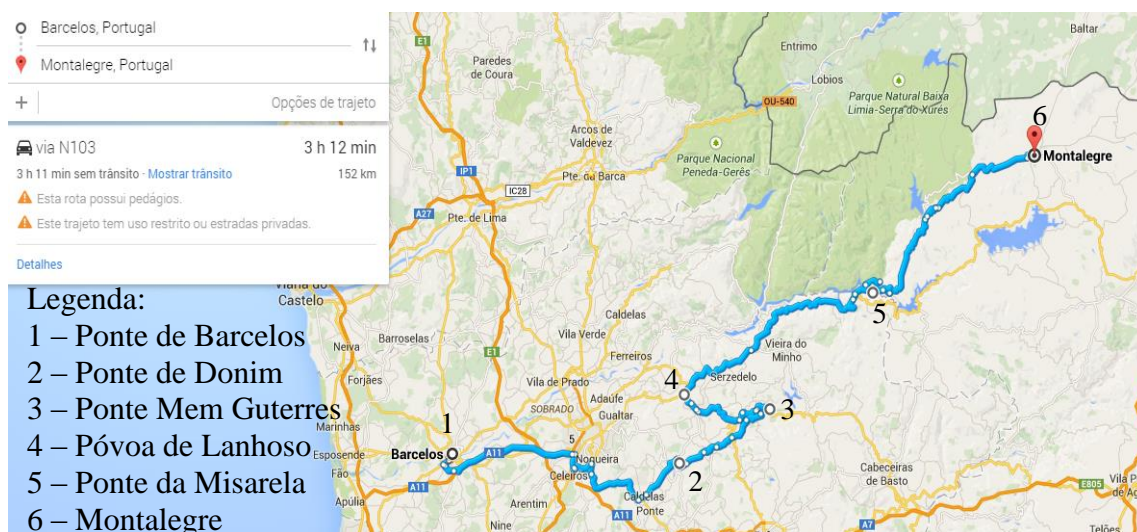
Chegado ao desfiladeiro de Cortiços, Soult reconhece a estrada de Verim, quando as forças de Silveira levavam um dia de atraso.

Os pouco mais de quinze mil homens que Soult salvou da sua invasão a Portugal com 2000 cavalos (dos 4700 iniciais) atingem Guinzo onde pernoitam no dia 18 de Maio de 1809, exaustos, famintos, rotos e descalços em Orense.

Era um exército de soldados esfarrapados, descalços, sem artilharia e com o moral abatido, após oito dias, alimentados a milho assado. "Muitos ficaram pelo caminho com a certeza de serem assassinados, mas não podendo mais andar não escutavam qualquer súplica para que continuassem" — escreve um oficial de cavalaria francês citado no livro do general Carlos Azeredo, a que nos temos referido em crónicas anteriores.»²⁵⁶

O impacto da paisagem é agora outro, alterou-se o nosso olhar, a Ponte da Misarela remete-nos para outro tempo. Aproveitemos o momento e juntemo-nos ao povo do Barroso, às suas lendas, às lendas desta ponte maravilhosa – lendas essas que já transcrevemos anteriormente.

De volta ao nosso roteiro turístico, espera-nos a viagem até Montalegre, onde se irá passar a noite, para na manhã seguinte partir para outra ponte e outro rio.



Mapa 1 - Percurso do 1º dia – Roteiro de 2 dias

2º dia: do Rabagão, seguimos agora em direção ao rio Lima e a Ponte da Barca.

O Lima, em galego Limia, é um rio internacional que nasce no monte Talariño, a 975m, na província de Ourense, na Galiza.

²⁵⁶Braga Agora. [Consult. 15 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://braga-agora.blogspot.pt/2009/06/franceses-em-braga-ha-200-anos-13.html>>.

“No seu percurso galego de 41 quilómetros, o rio é muitas vezes designado por nomes locais, como Talariño, Freixo ou Mourenzo, apesar da designação oficial galega ser Limia; aí passa, entre outras povoações da província de Ourense, por Xinzo de Limia, à qual dá o nome.

Entra em Portugal, próximo do Lindoso e passa por Ponte da Barca e Ponte de Lima, até desaguar no Oceano Atlântico junto a Viana do Castelo, após percorrer um total de 135 quilómetros.”²⁵⁷

E do rio de águas calmas, passamos para outra das pontes dos baptismos: Ponte da Barca, que se situa nos limites da bela vila do mesmo nome, no Alto-Minho.

Coordenadas da Ponte de Ponte da Barca: 41°48'34.1"N 8°25'14.5"W



Ilustração 8 - Ponte da Barca. Fonte Wikipédia²⁵⁸

Classificada como Monumento Nacional, esta ponte é “constituída por dez arcos quebrados ou plenos, desiguais entre si, conservando apenas da construção medieval oito arcadas. No centro estão duas lápides, uma com as armas de Ponte da Barca, outra com a

²⁵⁷Wikipédia. [Consult. 20 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Lima>.

²⁵⁸Wikipédia. [Consult. 20 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barca_\(freguesia\)#mediaviewer/File:Ponte_sobre_o_Lima.JPG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barca_(freguesia)#mediaviewer/File:Ponte_sobre_o_Lima.JPG)>.

esfera armilar.”²⁵⁹ Quanto à estrutura, esta foi alvo de fortes remodelações nos séculos XVIII e XIX²⁶⁰.

A vila de Ponte da Barca, “outrora apelidada de «Nóbrega», topónimo de provável origem celta, séculos mais tarde foi apelidada de «Barca», devido ao atravessamento do Rio Lima ser então efectuado por meio de uma Barca”²⁶¹. O que levou a que, aquando da construção desta ponte em finais do século XIV, ficasse com o nome de Ponte da Barca.

Esta ponte teve e ainda tem um elevado valor em termos de comércio, pois constitui “um forte ponto de passagem, centro e eixo regional na direcção do litoral”²⁶².

Também por aqui passavam peregrinos a caminho de Compostela.

Esta bela ponte tem associada a si mais uma das nossas lendas de baptismos à meia-noite, como transcrevemos anteriormente.

No nosso roteiro, depois de conhecer esta bela ponte e a sua lenda, é tempo de almoçar nesta acolhedora vila minhota.

Note-se que, tal como indicamos anteriormente no capítulo referente aos baptismos nas pontes, também encontramos referência a mais uma destas lendas num certo lugar, mais precisamente *na confluência das terras dos Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e de Ponte de Lima*, no rio Lima. Contudo, não conseguimos identificar este lugar, de modo que fica só a referência a mais uma destas lendas, noutra ponte sobre o rio Lima.

Após o almoço, o nosso percurso leva-nos à última paragem neste caminho das lendas. Seguimos, então, para terras de Monção. Do rio Lima, seguimos para o rio Mouro.

O rio Mouro nasce em Lamas de Mouro, Melgaço, em resultado da junção das três nascentes: uma em Cabeça do Pito, outra na Portela do Lagarto e a última na Trincheira. Percorre cerca de 30 quilómetros até desaguar na margem esquerda do Rio Minho, na localidade de Ponte de Mouro.²⁶³

²⁵⁹ Guia da Cidade. [Consult. 23 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-ponte-de-ponte-da-barca-14023>>.

²⁶⁰ Guia da Cidade. [Consult. 23 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-ponte-de-ponte-da-barca-14023>>.

²⁶¹ Guia da Cidade. [Consult. 23 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-ponte-de-ponte-da-barca-14023>>.

²⁶² Guia da Cidade. [Consult. 23 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-ponte-de-ponte-da-barca-14023>>.

²⁶³ Wikipédia. [Consult. 25 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Mouro>.

Coordenadas da Ponte de Ponte de Mouro: 42°04'29.4"N 8°23'39.1"W

A Ponte sobre o rio Mouro, também chamada Ponte da Barbeita, situa-se no lugar de Ponte de Mouro, em Monção. Esta ponte liga Barbeita a Ceivães, sobre o rio Mouro. “Trata-se de uma construção em granito, de um só arco, com pavimento em cavalete.”²⁶⁴

Tal como muitas outras pontes, também esta é apontada como sendo originalmente romana, ainda que reformada num determinado momento da Baixa Idade Média.²⁶⁵ E sofrendo novamente “obras em 1627, executadas por Amaro Francisco”²⁶⁶.



Ilustração 9 - Ponte sobre o rio Mouro. Fonte: Wikipédia²⁶⁷

“A ponte sobre o rio Mouro é uma das mais impressionantes estruturas de passagem medievais, elevando-se a grande altura sobre um imponente maciço rochoso. A sua importância, no contexto das pontes históricas nacionais, não se deve à dimensão – uma vez que é constituída apenas por um arco –, nem por ser um marco estilístico ou evolutivo no âmbito da construção deste tipo de estruturas. Ao invés, ela impressiona, ainda hoje, pelo seu impacto cenográfico,

²⁶⁴Wikipédia. [Consult. 30 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barbeita>.

²⁶⁵Wikipédia. [Consult. 30 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barbeita>.

²⁶⁶Wikipédia. [Consult. 30 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barbeita>.

²⁶⁷Wikipédia. [Consult. 30 Setembro 2014]. Disponível na internet:

<URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Mouro#mediaviewer/File:Ponte_da_Barbeita.JPG>.

mas também por ser uma notável obra de engenharia, factos que, conjugados, conferem-lhe um lugar importante na história da actividade pontística medieval no Noroeste do país.”²⁶⁸

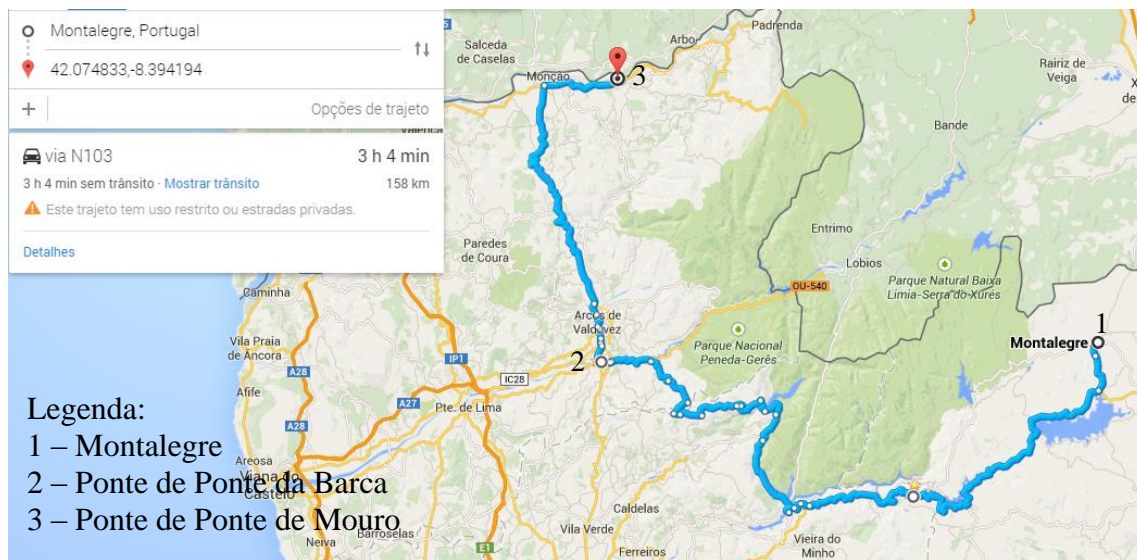
Também esta ponte está ligada a um episódio da história de Portugal.

“Documentalmente, sabe-se que existia já pelo menos em 1386 uma ponte neste local. É que foi aqui que, nesse ano, se realizou o histórico encontro de D. João I com o duque de Lencastre, pretendente ao trono de Castela. Então se ajustou também o casamento do rei português com D. Filipa de Lencastre, filha do duque.”²⁶⁹

E esta ponte também é o cenário para a nossa última lenda dos batismos, que também já transcrevemos anteriormente.

Dirigimo-nos, então, à bela vila de Monção e damos por concluída a nossa viagem pelas pontes dos batismos no ventre.

Tal como referimos anteriormente, Leite Vasconcelos diz que estes batizados também se realizavam no concelho de Melgaço, em qualquer ponte, desde que tivesse nome de santo. Contudo, como não temos indicações concretas dos lugares, ficamos por aqui, tanto mais que o segundo dia destinado ao percurso também haveria de estar no fim.

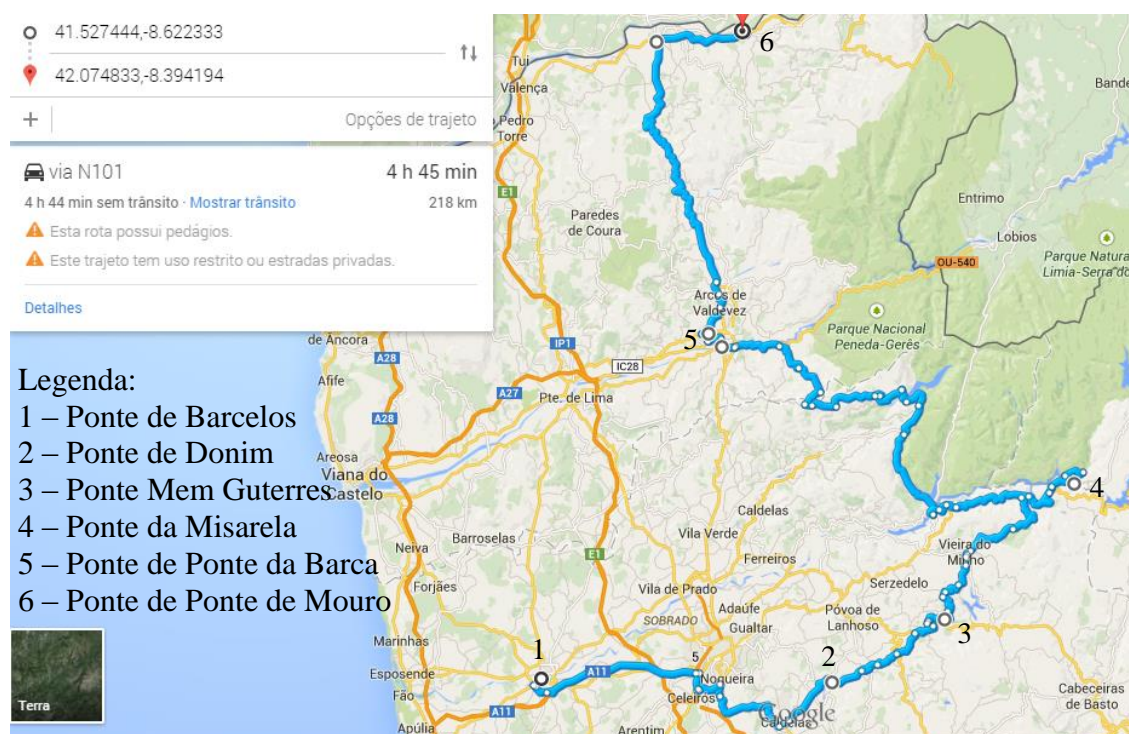


Mapa 2 - Percurso do 2º dia – Roteiro de 2 dias

²⁶⁸Wikipédia. [Consult. 30 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barbeita>.

²⁶⁹Wikipédia. [Consult. 30 Setembro 2014]. Disponível na internet: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barbeita>

Tal como referimos no início deste roteiro, este percurso também se poderia fazer num só dia, sobretudo nos dias longos de verão, começando pela manhã em Barcelos, passando por Donim, Mem Guterres e seguindo depois para a Misarela, onde se poderia fazer um piquenique, ou aproveitar a gastronomia local, num dos muitos restaurantes ao longo do percurso. E continuando, à tarde, para Ponte da Barca, terminando em Ponte de Mouro, Monção. O roteiro seria, então, o que mostra o mapa apresentado a seguir, com um percurso de carro de cerca de 220 km, aproximadamente 5 horas de viagem, excluindo as paragens.



Mapa 3 - Roteiro de 1 dia

XV. Conclusão

Na conclusão desta incursão pelas lendas da Misarela, começamos pela Lenda da Ponte do Diabo. Ao pensarmos em Pontes do Diabo, facilmente poderíamos concluir que estas estavam relacionadas com paisagens agrestes, montes escarpados onde a construção de uma ponte era algo quase miraculoso, como se verifica na Ponte da Misarela. Contudo, ao analisarmos outras Pontes do Diabo, verificamos que, se bem que esta característica ocorra muitas vezes, também deparamos igualmente com belíssimas pontes em planícies, onde o rio corre calmo pelo vale fértil.

Relativamente à Misarela e a muitas outras Pontes do Diabo, poder-se-ia ver nesta denominação uma espécie de confissão da extrema dificuldade de construir essas obras de arte e a admiração pela sua beleza e solidez, como referimos anteriormente. Sem dúvida que se trata sempre de pontes muito belas, mas com graus de dificuldade de construção variáveis, que surgem em lugares de características muito distintas. Assim, concluímos que a paisagem não é o factor que determina a denominação de Ponte do Diabo.

Contudo, como elemento comum a todas estas lendas, encontramos a contrapartida para a construção da ponte: a alma do primeiro transeunte. Nestas lendas, o sacrifício humano, que se exigia inicialmente, acaba sempre por ser eliminado, muitas vezes transmutado pelo sacrifício de uma animal. Assim, parece-nos correcta a constatação de Leite Vasconcelos, que relacionou estas lendas com o costume antigo de enterrar animais nas fundações, para as deixar seguras. O que nos remete mais uma vez para o carácter sagrado da ponte. Na verdade, até a própria Igreja dava um cariz sagrado ao acto de construir uma ponte, uma vez que concedia indulgências a quem ajudasse na construção de pontes. Por outro lado, procedia à bênção das pontes novas. Leite Vasconcelos viu nesta bênção de uma ponte nova, os vestígios de propiciação de antigas divindades aquáticas, a cuja protecção as pontes ficavam entregues. O que nos remete para a sacralidade do rio, que a ponte atravessa.

Este cariz sagrado e fecundo de alguns rios, relaciona-se directamente com a segunda lenda da Misarela, a Lenda dos Baptismos Nocturnos, efectuada no meio da ponte, com a criança ainda a crescer no ventre da mãe. Este baptismo está ligado à prática pagã da adopção mágica, com vista a obter protecção. E, novamente, insere-se numa mitologia da água, na crença do valor fértil e fecundo da água.

Este património imaterial merece ser preservado, transmitido às novas gerações. E, se bem que na Ponte da Misarela haja actividades neste sentido, não as encontramos noutras pontes, onde rituais idênticos também se praticavam. Urge reencontrar estas lendas que, nalgumas pontes, quase desapareceram, e contá-las novamente.

Ao estabelecermos o nosso roteiro pelas pontes onde se praticava o baptismo no ventre, procuramos relevar a necessidade de ligar o património material ao imaterial, dando aos turistas e aos visitantes experiências mais abrangentes, levá-los a encontrar na paisagem e na visita a certos lugares e espaços, uma outra aproximação à tradição oral.

Entendemos que a qualidade e valor das lendas, do património das Pontes e da paisagem fornecem “conteúdos” de grande qualidade para a construção de roteiros turísticos. Sendo esta tipologia de fruição turística atractiva para captar novos turistas, ao mesmo tempo que valoriza o património cultural das nossas comunidades.

Esperamos, assim, que o nosso Roteiro seja entendido como um grande activo para atrair visitantes e valorizar ainda mais estas Pontes, nomeadamente a Ponte da Misarela, uma vez que a sua tradição dos baptismos a liga a outras pontes, contextualizando-a, inserindo-a numa geografia onde o culto da água é relevante.

Com a magia destas velhas Pontes terminamos a nossa viagem à Memória do Lugar, à paisagem por onde os nossos antepassados caminhavam.

XVI. Bibliografia

ALBERRO, Manuel – El Agua, los Árboles, los Montes y las Piedras en el culto, creencias y mitología de Galicia y las regiones célticas del noroeste atlántico europeo. [Consult. 12 Maio 2012]. Disponível na internet:

<URL:http://anuariobrigantino.betanzos.net/Ab2002PDF/2002%20011_038%20Alberro.pdf>.

ALMEIDA, Álvaro Duarte, BELO, Duarte – *Portugal Património*, 1ª ed. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2007.

ALVAREZ, Antonio Machado (org.) – *Biblioteca de las Tradiciones Españolas*, Tomo I, 1ª ed. Sevilla: Francisco Alvarez Editores, 1883.

ALVES, Francisco M. – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo IX, Bragança: Museu Abade Baçal, 2000.

AZEVEDO, Pe Torcato Peixoto – *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, Porto: Typographia da Revista, 1845.

BAKHTIN, Mikhail – *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, 1ª ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1987.

BAPTISTA, João Maria – *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Typographia da Aacademia Real das Sciencias, 1874.

BAPTISTA, José Dias – *Montalegre*, 1ª ed. Montalegre: Edição Município de Montalegre, 2006.

BAYARD, Jean-Pierre – *História das Lendas*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Ridendo Castigat Mores. [Consult. 23 de Janeiro de 2013]. Disponível na internet:
<URL:<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>>.

BELLINO, Albano – *Archeologia Christã*, 1ª ed. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1900.

BERMUDEZ, Marcial Tenreiro – A lenda melusínica no folclore galego: Apontamentos sobre o culto e o popular, in Romero Portilla, P. & García Hurtado, M-R (eds.), *De*

- Culturas, Lenguas y Tradiciones*. II Simposio de Estudios Humanísticos. UDC, Coruña, 2007.
- BERTIANDOS, Conde de - *Lendas*, 1ª ed. Ponte de Lima: Hospital Conde de Bertandos, 1993.
- BOUZAS, Pemón; DOMELO, Xosé A. – *Mitos, ritos y leyendas de Galicia. La magia del legado celta*, Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 2000.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão – *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, 2ª ed. Lisboa, Editorial Presença, 1984.
- CAMPBELL, Joseph – *O Poder do Mito*, O 1ª ed. São Paulo, Palas Athena, 1990.
- CAMPELO, Álvaro – *Lendas do Vale do Minho*, Valença, Associação de Municípios do Vale do Minho, 2002.
- CAMPELO, Álvaro – "Da crença e da estética das lendas: o mundo do imaginário popular." *Boletín Avriense* 37, XXXVII, 2007, pp. 327 - 356.
- CAMPELO, Alvaro – Espaço, construção do mundo e suas representações. In *Dos montes, das pedras e das águas*, ed. Ana Bettencourt; Lara Bacelar Alves. Braga: CITCEM; APEQ, 2010, pp. 191-206.
- CAMPELO, Álvaro – *A Paisagem: Introdução a uma gramática do "espaço"*. António Vieira e Francisco Costa (eds.). Guimarães. Departamento de Geografia da Universidade do Minho, 2013.
- CHAVES, Luís – *Lendas de Portugal: Contos de Mouras Encantadas*, 1ª ed. Lisboa: Livraria Universal, 1924.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, 2ª ed. Lisboa, Teorema, 2010.
- COIMBRA, Artur Ferreira – *Fafe, a Terra e a Memória*, 1º ed. Fafe: Câmara Municipal de Fafe, 1997.
- CONNERTON, Paul – *Como as Sociedades Recordam*, 2ª ed. Oeiras, Editora Celta, 1999.
- CONSTITUCIONES SINODALES del Arzobispado de Santiago, Santiago, 1747.

- CORREIA, Fernando da Silva – *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, 1ª ed. Lisboa, Henrique Torres Editor, 1944.
- CORTESÃO, Jaime – *Cancioneiro Popular*, 1ª ed. Porto: Edição da Renascença Portuguesa. 1914.
- COSTA, Alexandre de Carvalho - *Marvão, suas freguesias rurais e alguns lugares*, 1ª ed. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, 1982.
- CUEVILLAS, Florentino e SERPA PINTO, Rui – Estudos sobre a Edade do Ferro no NW da Península – A Relixión, in *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Santiago de Compostela, vol. VI, 1933-35.
- DIAS, Geraldo J. A. Coelho – D. Sancho I, Peregrino e Devoto de Santa Senhorinha de Basto, in *Revista da Faculdade de Letras/História*, II Série, Vol. XIII, Porto, 1996.
- DIAZ, Joaquín – El río como elemento socializador y como excusa Poética (Consult. 26 de Maio de 2012]. Disponível na Internet:
<URL:<http://www.unizar.es/fnca/duero/docu/p314.pdf>>.
- DOUGLAS, Mary – *Pureza e Perigo*, 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1991.
- DUARTE, Joaquina – *A Luz da Cal ao Canto do Lume*, 1ª ed. Lisboa: Colibri, 2009.
- ELIADE, Mircea – *O Mito do Eterno Retorno – Arquétipos e Repetição*, 1ª ed. Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.
- ELIADE, Mircea – *Tratado de História das Religiões*, 1ª ed. Lisboa, Edições Asa, 1992.
- F.R.I.L.E.L. – *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa, Typografia Rollandiana, 1780.
- FAURE, Francisco G. C. Líbano Monteiro – *Ponte de Donim. Algumas notas de caris arqueológico-histórico*, 1ª ed. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2006.
- FERREIRA, J. Augusto (Cónego) – *Archeologia Liturgica – Origem das Festas Christãs*, 1ª ed. Póvoa de Varzim, Livraria Povoense Editora, 1916.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Sintra*, 1ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

FREITAS, Luís de – *Taboaço: Notas e Lendas*, 1ª ed. Vila Nova de Famalicão: Tipografia Minerva, 1915.

FUENTES ALENDE, José – El bautismo prenatal en "A Ponte Do Ramo" CUNTIS (Pontevedra), 1988 [Consult. 12 Julho 2012]. Disponível na internet: <URL:<http://www.funjdiaz.net/folklore/07ficha.cfm?id=746>>.

GEERTZ, Clifford – *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

GRAÇA, Natália Maria Lopes Nunes da - *Formas do Sagrado e do Profano na Tradição Popular*, 1ª ed. Lisboa: Colibri, 2000.

HUSTON, Nancy – *L'espèce fabulatrice*. Arles: Actes du sud, 2008.

JUNG, Carl Gustav – *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, 2ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav – *The Man and his Symbols*, 1ª ed. New York: Doubleday & Company Inc., 1964.

LEMONS, Emília - *Percursos através das Lendas*, 1ª ed. Rio Tinto: Mosaico de Palavras, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude - The Structural Study of Myth. *The Journal of American Folklore*, Vol. 68, nº 270 (Myth: A Symposium), 1955, pp. 428-444.

LOPEZ, Jesus Rodriguez – *Superticiones de Galicia*, 1ª ed. Buenos Aires, Editorial Nova, 1943.

MARQUES, Gentil – *Lendas de Portugal*, 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

MARTINS, Mário – *Peregrinações e Livros de Milagres da nossa Idade Média*, 1ª ed. Lisboa: Edições Brotéria. 1954.

MATTOSO, José (Ed.) – Livro de Linhagens do Conde D. Pedro, in *Portugaliae Monumenta Histórica*. 1ª ed. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Vol I, 1980.

MELO, Samuel Mahaffy de Souza Rodrigues Sampaio – *Lendas e Toadas do Nosso Povo Singelo*, 1ª ed. Lisboa: Caminho, 2009.

MONTEIRO, António de Castro Xavier – *Santa Senhorinha de Basto*, 1ª ed. Cabeceiras de Basto: Comissão Fabriqueira de Basto, 1982.

MOUTINHO, José Viale – *Portugal Lendário. O Livro de Ouro das Nossas Lendas e Tradições*, 1ª ed. Porto Salvo: Selecções do Reader's Digest, 2005.

NORA, Pierre – *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

O'BRIEN, E. A. – A question of value: What do trees and forest mean to people in Vermont? *Landscape Research*, 31, 2006, pp. 257–27.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984.

PARAFITA, Alexandre – *A Mitologia dos Mouros: Lendas, Mitos, Serpentes, Tesouros*. 2ª ed. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2006.

PARAFITA, Alexandre – *Património Imaterial do Douro (Narrações Orais)*. 1ª ed. Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2010, Vol. 2.

PARAFITA, Alexandre – *Património Imaterial do Douro (Narrações Orais)*. 2ª ed. Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2007, Vol. 1.

PATRÍCIO, António – *Lendas de S. Gonçalo e de Amarante*, 1ª ed. Amarante: Paróquia de S. Gonçalo, 2009.

PEDROSO, Consiglieri – *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e outros Escritos Etnográficos*. 1ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

PEREIRA, Paulo – *Lugares Mágicos de Portugal*, 1ª ed. Rio de Mouro: Circulo de Leitores, 2004.

PEREIRA, Rafael Quintía – *As Pontes de Pontevedra: Símbolo, ritos e literatura oral*, 2013 [Consult. 10 Março 2013].Disponível na internet:

<URL:<http://asombradebouzapanda.wordpress.com/2013/06/30/a-exposicion-as-pontes-de-pontevedra/>>.

PEREIRO, Xerardo – *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. Tenerife: Asociación Canaria de Antropología, 2009.

- PINHO LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*, 1ª ed. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Tomo VII. 1873.
- POULOT, D. – Patrimoine et esthétique du territoire. *Espaces et sociétés*, 69, Paris: Editions Érès, 1992. pp. 9-35.
- REBOREDO, X. M. Gonzáles – *Lendas Galegas de Tradición Oral*. Vigo: Editorial Galaxia, 1995.
- RICOEUR, Paul – *A Memória, a História, o Esquecimento*, 1ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- SANTO, Moisés Espírito - *Cinco Mil Anos de Cultura a Oeste*, 1º ed. Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.
- SANTOS JUNIOR. J. R., CARDOZO, Mário – Ex-Votos às Ninfas em Portugal, p.56 [Consult. 12 Março de 2012] Disponível na internet <URL:http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/70859/1/Exotos_%C3%A0s_Ninfas_em_Portugal.pdf>.
- SARMENTO, F. Martins – A Propósito dos “Roteiros de Tesouros”, in *Revista de Guimarães*, vol 5, Porto, 1888.
- SARMENTO, F. Martins – Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, in *Revista de Guimarães*, vol XV, Nº 4, Outubro de 1998.
- SARMENTO, Francisco Martins – *Antígua, Tradições e Contos Populares*, 2ª ed. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 1998.
- SAUGERES, L. – The cultural representation of the farming landscape: Masculinity, power and nature. *Journal of Rural Studies*, 18, 2002, pp. 373–384.
- SILVA, Joaquim Lino – A Ponte da Misarela, in *Revista Lusitana* (Nova Série), 8, 1987.
- SOCIEDADE PORTUGUESA DE FOLCLOR – Inquérito promovido pela Sociedade Portuguesa de Folk-lore para o estudo das tradições populares do nosso paíz, extinctas e existentes, 1905.

- SOLLA, Carlos, A Ponte de Santo Antonio de Cerdedo, 2013, [Colsut. 27 Maio 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.farodevigo.es/portada-deza-tabeiros-montes/2013/03/03/ponte-santo-antonio-cerdedo/767368.html>>.
- STOBBELAAR, D.J. & PEDROLI, B. – Perspectives on Landscape Identity: A Conceptual Challenge. *Landscape Research*, Vol. 36, No. 3, 2011, pp. 321–339.
- TAVARES, Jorge Campos - *Deuses, Mitos e Lendas*, 1º ed. Porto: Lello Editores, 1992.
- TENGARRINHA, Margarida - *Da Memória do Povo*, 1ª ed. Lisboa: Colibri, 1999.
- TOMÁS, Pedro Fernandes – *Cantares do Povo*, 1ª ed. Coimbra. F. França Amado, 1919.
- TURNER, V. W. – *Le phénomène rituel*. Paris: PUF, 1990.
- UNESCO – Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial, 2003 p. 1 [Consult. 20 Janeiro 2013]. Disponível na internet: <URL:<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>.
- VAN GENNEP, A. – *Les rites de passage*. Paris: Picard, 1909.
- VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- VASCONCELOS, José Leite de – *Opúsculos*, 1ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1938.
- VASCONCELOS, José Leite de – *Religiões da Lusitânia*, 1ª ed. Lisboa. Imprensa Nacional, 1905.
- VASCONCELOS, José Leite de – *Tradições Populares de Portugal*, 1ªed. Porto: Livraria Portuense de Clave & C.ª – Editores, 1882.
- VASCONCELLOS, José Leite de – *Contos Populares e Lendas II*, 1ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1966.
- VÁZQUEZ-MONXARDÍN Fernández, A. – 102 Lendas e Notícias Lendárias, em *Boletín Auriense*, XXIV, 1994.
- VIANA, António Manuel Couto – *Lendas do Vale do Lima*, 1ª ed. Ponte de Lima: Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002.

Sítios Web:

<http://blog.deputacionlugo.org/es/2013/03/14/el-puente-construido-por-el-mismisimo-diablo-pontes-de-gatin-becerrea/>

<http://braga-agoa.blogspot.pt/2009/06/franceses-em-braga-ha-200-anos-13.html>

http://en.wikipedia.org/wiki/Devil's_Bridge

http://fr.wikipedia.org/wiki/Pont_du_Diable

http://gl.wikipedia.org/wiki/Bautismo_anticipado

[http://gl.wikipedia.org/wiki/Ponte_das_Partidas#mediaviewer/File:Ponte_Das_Partidas_\(3\).JPG](http://gl.wikipedia.org/wiki/Ponte_das_Partidas#mediaviewer/File:Ponte_Das_Partidas_(3).JPG)

http://grupodeandainasriasbaixas.blogspot.pt/2014_01_01_archive.html

http://it.wikipedia.org/wiki/Ponte_della_Maddalena

<http://mogadouro.pt/arqueologia-e-patrimonio-mogadouro/380-a-lenda-da-ponte-gamona-s-martinho>

<http://onosopatrimonio.blogspot.co.uk/2011/07/pontes-de-galiza.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barbeita

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barca_\(freguesia\)#mediaviewer/File:Ponte_sobre_o_Lima.JPG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_da_Barca_(freguesia)#mediaviewer/File:Ponte_sobre_o_Lima.JPG)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Cávado

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Lima

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Mouro

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Mouro#mediaviewer/File:Ponte_da_Barbeita.JPG

http://rupestres.perso.neuf.fr/page0/page8/assets/Ponts_du_Diable.pdf

<http://santashorinha.pt/paroquiabasto>

http://terrasdomarnel.blogspot.pt/2009/03/lenda-da-ponte-do-rio-alfusqueiro_12.html

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/conheca/lendas-1>

http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG104_03.pdf

http://www.forcarei.net/pan2.asp?idm=1&tit1=Sendeiros%20de%20Montes&tit2=Senderos%20de%20Montes&img=../images/concello/Escudo_small.gif&tab=contido&id1=20

<http://www.galiciamaxica.eu/Sitios/PONTEVEDRA/pontearreas/pontedaspertidas.html>

<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-ponte-de-ponte-da-barca-14023>

http://www.guimaraesturismo.com/pages/154?geo_article_id=524

http://www.lavozdeg Galicia.es/genteylevision/2011/12/04/0003_201112G4P77999.htm

<http://www.lifecooler.com/artigo/passear/ponte-medieval-de-barcelos/393788/>

<http://www.mairie-cahors.fr/tourisme/Pontval/Legende.html>

<http://www.mysteriousbritain.co.uk/wales/dyfed/legends/the-devils-bridge.html>

<http://www.pitt.edu/~dash/type1191.html#grimm186>

<http://www.pontedeumeturismo.es/historia/origendeltoponimo.htm>

<http://www.quintasaovicente.com/index.php?pag=artigo&pagina=281&idioma=1&id=274>

<http://www.rotasturísticas.com/fotov.php?id=29528>

<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=664187&tm=4&layout=121&visual=49>

<http://www.ruiuaes.com/2012/05/ponte-da-misarela.html>